Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade

Memória e discurso religioso: a fé na "Santa Leocádia" de Guanambi – BA.

Thiaquelliny Teixeira Pereira

Vitória da Conquista
Dezembro de 2010

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade

Memória e discurso religioso: a fé na "Santa Leocádia" de Guanambi – BA.

Thiaquelliny Teixeira Pereira

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Mestre em Memória: Linguagem e Sociedade, linha de pesquisa Memória, Discurso e Narrativas.

Orientadora: Profª. Dra. Edvania Gomes da Silva
Co-orientadora: Profª. Dra. Maria da Conceição Fonseca-Silva

Vitória da Conquista
Dezembro de 2010

•

Pereira, Thiaquelliny Teixeira.
P4141m Memória e discurso religioso: a fé na "Santa Leocádia" de Guanambi – BA. Thiaquelliny Teixeira Pereira; orientadora Edvania Gomes da Silva; co-orientador Maria da Conceição Fonseca-Silva, - - Vitória da Conquista, 2010
104 f.

Dissertação (mestrado – Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade). Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2010.

1. Memória Coletiva 2. Religiosidade. 3. Guanambi 4. Leocádia. I. Silva, Edvania Gomes da. II. Fonseca-Silva, Maria da Conceição I III. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. IV. Título.

Título em inglês: Memory and religious discourse: the faith in "Santa Leocadia" of Guanambi - BA

Palavras-chaves em inglês: Collective Memory, Religiosity, Guanambi, Leocadia

Área de concentração: Multidisciplinaridade da Memória

Titulação: Mestre em Memória: Linguagem e Sociedade.

Banca Examinadora: Profa. Dra. Edvania Gomes da Silva (orientadora); Maria da Conceição Fonseca-Silva (co-orientador); Profa. Dra. Isnara Pereira Ivo (titular); Profa. Dra. Tânia Maria Alkmim (titular); Prof. Dr. Sírio Possenti (suplente); Profa. Dra. Lúcia Ricotta Vilela Pinto (suplente).

Data da Defesa: 15/12/2010

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade.

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Edvania Gomes da Silva (UESB)
(Orientadora)

Profa. Dra. Maria da Conceição Fonseca-Silva (UESB)
(Co-orientadora)

Profa. Dra. Tânia Maria Alkmim (UNICAMP)

Profa. Dra. Isnará Pereira Ivo (UESB)

Suplentes

Prof. Dr. Sírio Possenti (UNICAMP)

Profa. Dra. Lúcia Ricotta Vilela Pinto (UESB)

Local e Data da Defesa de Dissertação: Vitória da Conquista, 15/12/2010
Resultado: Aprovada

AGRADECIMENTOS

Durante a elaboração desta dissertação várias pessoas/instituições contribuíram, direta ou indiretamente, para a sua feitura. Agradeço em especial:

À minha orientadora Profª Drª Edvania Gomes da Silva, pelo acompanhamento, pelas considerações, pela paciência, pelos conselhos; enfim, por toda a atenção que a mim concedeu.

À Profª Drª Maria da Conceição Fonseca-Silva, co-orientadora, por seus ensinamentos.

Ao Programa de Pós-graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, por ter oportunizado a minha formação em nível de mestrado.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB), pela bolsa de estudos.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo auxílio.

À Profª. Drª. Lúcia Ricotta Vilela Pinto e ao Profº Drº Nilton Milanez, pelas valiosas contribuições no momento da qualificação.

À Profª. Drª. Tânia Maria Alkmim e Profª. Drª. Isnara Pereira Ivo, por terem aceitado participar da Banca de Defesa desta Dissertação.

Ao Profº. Drº. Sírio Possenti e Profª. Drª. Lúcia Ricotta Vilela Pinto, por terem aceitado participar da Banca de Defesa desta Dissertação, na qualidade de suplentes.

Aos professores, colegas e funcionários do mestrado.

À Valdineia Oliveira dos Santos, pelo apoio e incentivo antes e durante o meu ingresso no Programa de Pós-graduação em Memória: Linguagem e Sociedade.

À minha mãe Adenita Teixeira Pereira, meu pai Geraldo Pereira Rocha e meu irmão Geraldo Pereira Rocha Filho, por sempre estarem ao meu lado, me apoiando e me ajudando, cada um à sua maneira, em todos os momentos da minha vida.

RESUMO

Este trabalho tem como principal objetivo analisar e descrever as manifestações religiosas ocorridas na cidade de Guanambi, Bahia, desde a sua formação, no início do século XIX, até a atualidade, com uma especial atenção a figura de Leocádia, uma personagem atualmente cultuada, que foi assassinada no final do século XIX. Para isso, além da pesquisa de campo, procedemos a analise de textos da literatura local, que abordam, direta ou indiretamente, elementos da religiosidade da referida cidade e que envolvem, em alguma medida, a figura de Leocádia. Essas materialidades são tomadas como memória coletiva, por se tratarem de textos que foram escritos por indivíduos enquanto pertencentes à coletividade e condicionados por ela. Sendo assim, essas lembranças individuais fixadas em papel e que constituem o corpus desta pesquisa figuram como representantes de um viver coletivo. Por meio das análises, revelamos os momentos da religiosidade de Guanambi, as posições de sujeito nas quais Leocádia aparece inscrita e tratamos da relação entre os devotos e Leocádia e entre os devotos e o espaço Leocádia

PALAVRAS-CHAVE

Memória Coletiva, Religiosidade, Guanambi, Leocádia.

ABSTRACT

The main objective of this work is to analyze and describe the religious manifestations that occurred in the city of Guanambi, Bahia, since its formation in the early XIX century to the present, with special attention to the figure of Leocadia, now a cult figure, who was murdered in the late nineteenth century. For this, besides the field research, we proceeded to analyze the texts of local literature that dealt directly or indirectly with the religious elements of the cities which involve, in some measure, the figure of Leocadia. These materials are taken as collective memory, as they are key texts that were written by individuals who belonged to a collective group and were conditioned by it. Thus, these individual memories on paper that set up the corpus of this research are then shown as a representation of a collective life. Through the analysis we reveal the moments of religiosity from Guanambi, the subject positions in which Leocadia appears occuppied and deal with the relationship between the devotees and Leocadia and between the devotees and space Leocadia.

KEYWORDS

Collective Memory, Religiosity, Guanambi, Leocadia

.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 01 – Caldeirão onde foi atirado o corpo de Leocádia. À esquerda o caldeirão na época da cheia, à direita o caldeirão na época da seca. 15

FIGURA 02 – Visão geral do Lajedo Caiçara onde se situam os caldeirões..... 16

FIGURA 03 – Visão do exterior da gruta Toca do Índio..... 17

FIGURA 04 – Visão do interior da gruta Toca do Índio..... 17

FIGURA 05 – Mapa que situa Beija-flor..... 25

FIGURA 06 – Visão geral da localização de Guanambi em relação ao estado da Bahia.. 25

FIGURA 07 – Brasão de Guanambi..... 28

FIGURA 08 – Vista aérea de Guanambi do ano de 1974..... 28

FIGURA 09 – Cruzeiro. 41

FIGURA10 – Túmulo de Leocádia e o cruzeiro..... 52

FIGURA 11 – Capa de literatura de cordel. 57

FIGURA 12 – Manifestações religiosas no túmulo de Leocádia..... 58

FIGURA 13 – Duas crianças sepultadas próximo ao túmulo de Leocádia..... 59

FIGURA 14 – Criança sepultada próximo do túmulo de Leocádia..... 59

FIGURA 15 – Criança sepultada próximo do túmulo de Leocádia..... 60

FIGURA 16 – Pessoa sepultada próximo do túmulo de Leocádia..... 60

FIGURA 17 – “Amor Sagrado, Amor Profano” 1514, de Tiziano (1490 – 1576)..... 72

FIGURA 18 – Retribuição à dádiva a Leocádia..... 91

FIGURA 19 – Cruzeiro de cimento..... 93

FIGURA 20 – Túmulo de Leocádia destruído..... 94

FIGURA 21 – Túmulo após a reconstrução..... 95

FIGURA 22 – Cruzeiro de aroeira ao chão..... 96

SUMÁRIO

1. Introdução..... 11
1.1. Considerações Gerais..... 11
1.2. Primeiras considerações sobre Leocádia..... 13
1.3. Constituição do corpus e percurso metodológico..... 18
1.4. Primeiros apontamentos teóricos..... 20
1.5. Primeiras considerações sobre Guanambi..... 23
1.6. Organização da dissertação..... 29

2. Gênese da Fé..... 30
2.1. Considerações Iniciais..... 30
2.2. Sobre a Memória Coletiva..... 31
2.3. Santo Antônio..... 34
2.4. O Cruzeiro..... 40
2.5. Leocádia..... 47
2.6. Considerações Reminiscentes..... 62

3. Leocádia: análise das posições de sujeito..... 63
3.1. Considerações Iniciais..... 63
3.2. Sobre a posição de sujeito 63
3.3. Leocádia: Santa-Puta..... 64
3.4. Leocádia: Santa..... 73
3.5. Considerações Reminiscentes..... 89

4. Lugar e Fé..... 81
4.1. Breves Considerações..... 81

4.2. Sobre heterotopia..... 81
4.3. A coisa dada não é inerte..... 87
4.4. Considerações Reminiscentes..... 97

5. Considerações Finais..... 99

6. Referências Bibliográficas..... 101

1. Introdução

1.1. Considerações Gerais

Durkheim (1912), na elaboração de uma teoria geral da religião, defende que não há religiões falsas e define a religião como um sistema solidário de crenças e de práticas relativas a coisas sagradas. Consoante a tal postulado, fica evidente a existência de diversos tipos de manifestações religiosas. A religiosidade em suas mais diferentes manifestações é tema de pesquisa de diversas áreas do conhecimento, por meio de estudos da sociologia, da psicologia social, da antropologia, da história e de muitas outras disciplinas. Entretanto, longe de ser um tema esgotado, o estudo da religiosidade permite uma amplitude de abordagens. Nesse sentido, esta dissertação, justifica-se pela possibilidade de oferecer um aprofundamento nos estudos sobre a religião. Vemos em Trías (2000), um desabafo sobre a necessidade de se pensar a religião. Segundo o referido autor, para que esse exercício reflexivo se realize com sucesso, é preciso destacar algum fenômeno que nos facilite tal tarefa. Só assim, ainda segundo Trías (2000), a religião é pensável de verdade. Considerando essas observações e Trías (2000), bem como a leitura de trabalhos ligados ao campo religioso, defendemos que, apesar dos trabalhos já desenvolvidos, o tema da religiosidade ainda não foi completamente explorado, principalmente, no que diz respeito a personagens considerados divinos, conhecidos comumente como santos. Até porque, dificilmente pode-se supor, do ponto de vista científico, que existam temas completamente explorados, visto que é sempre possível considerar um mesmo tema a partir de diferentes abordagens teórico-metodológicas.

As manifestações de fé às pessoas mortas são comuns no Brasil. Mesmo com a ocorrência de estudos de caso sobre esses santos não canonizados em diversas regiões brasileiras, muitos ainda permanecem desconhecidos pela academia, como é o caso de Leocádia. O primeiro contato que se teve com este tema ocorreu no ano de 2006, período em que começamos a estudar a história de Leocádia, no trabalho de conclusão de Curso de Graduação em de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Agora, nesta dissertação, aprofundamos nosso estudo sobre Leocádia e a religiosidade exercida em Guanambi, cidade do estado da Bahia. Nesse sentido, com base em uma perspectiva

interdisciplinar, este trabalho tem como principal objetivo descrever e analisar as manifestações de fé ocorridas na cidade de Guanambi desde o seu surgimento, e que têm como foco a figura de Leocádia. Trata-se, mais precisamente, de verificar as causas da importância conferida à figura da referida personagem, principalmente no que diz respeito à religiosidade da cidade. Nesse sentido levantamos as seguintes hipóteses: 1) os discursos que circulam em torno da história de Leocádia relacionam-se com vários outros discursos, formando com estes uma rede interdiscursiva heterogênea e que tem como referência a relação sagrado/profano, pois, é com base nessa relação que a sociedade estabelece seus critérios de santidade; 2) as narrativas sobre Leocádia estão relacionadas a uma memória coletiva religiosa por meio da qual o discurso religioso é configurado e reconfigurado ao longo do tempo.

A relação entre diferentes discursos religiosos funcionando na cultura brasileira não é novidade. Essa relação é trabalhada sob diferentes perspectivas, sob a culturalista[1], segundo a qual os fenômenos sociais se mesclam uns com os outros; sob a do sincretismo, que concilia características de diferentes religiões, destacando no estado da Bahia as correspondências entre os santos católicos e os orixás; e sob a perspectiva de rede interdiscursiva. Ancorados no pensamento de Foucault, partiremos aqui do princípio de que os fenômenos sociais se relacionam uns com os outros, fazendo parte, portando, de uma mesma rede de memória.

As narrativas sobre Leocádia são vistas aqui como lugares de circulação de discursos e não como lugares de "criação" ou de "origem" dos discursos que nelas se encontram materializados, afinal existem outras narrativas semelhantes à de Leocádia e que, em alguma medida, apresentam o mesmo funcionamento discursivo. É o caso, por exemplo, das narrativas sobre Pedro Afonso[2] e sobre Pedro Batista[3], que, assim como Leocádia, sobrevivem no

---

[1] Nos estudos culturalistas sobre a América Latina, destacam-se os trabalhos de Canclini (1998). No seu livro "**Culturas Hibridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade", ele defende a tese de que o continente latino-americano é um continente que se constitui por uma cultura hibrida, que abrange diversas mesclas culturais e não se limita às questões raciais, que, segundo o referido autor, são comumente relacionadas ao termo mestiçagem. Canclini (1998) afirma que no Brasil as mesclas interculturais começaram no período colonial, pois, foi nesse momento que os lusitanos trouxeram a sua cultura e difundiram a religião católica.

[2] Pedro Afonso do Nascimento foi com sua família para Ribeirão do Largo-BA para trabalhar como vaqueiro na conhecida fazenda de Juca, na primeira década do século XX. Lá, ele foi traído por sua esposa com um dos filhos dos donos da propriedade, que temendo vingança por parte de Pedro, ordenaram a dois capangas, Titino e Amaro, que o matassem, dando-lhes como recompensa uma vaca. Pedro, 54 anos, foi assassinado, no dia 12 de abril de 1925. Três dias depois, seu corpo foi encontrado no meio do mato, enterrado em uma cova rasa, com partes à mostra. Ele foi torturado, obrigado a cavar a própria sepultura e, em seguida, morto a pauladas. De acordo com as narrativas locais, a vaca entregue aos capangas foi vendida para o açougueiro da cidade, que após abatê-la, viu o animal sangrar demasiadamente, tendo a carne apodrecida no dia seguinte. Os fazendeiros Juvêncio Gonçalves e

imaginário popular, sendo cultuados pela realização de supostos milagres. Entretanto, é inegável que, por meio dessas histórias, a de Leocádia, a de Pedro Afonso, de Pedro Batista e tantas outras, diferentes enunciados circulam, reconfiguram-se e legitimam-se.

1.2. Primeiras considerações sobre Leocádia.

Em meio à diversidade de materialidades, escritos locais[4] e depoimentos orais, encontramos informações sobre Leocádia que se repetem. Afirmam que ela foi para Guanambi trabalhar na construção de uma represa; que ela era bonita; que ganhou um vestido do coronel José Pedro Dias Guimarães; que foi assassinada a mando de Dona Raquel, esposa do coronel; que ela teve um dos seus seios decepado e cozido etc. Considerando essas e outras informações, que aparecem regularmente, montamos uma apresentação dessa personagem. Trata-se de um

---

João Alves, principais autoridades da região, decidiram mandar perseguir e executar Titino e Amaro. No dia 29 de junho, dia de São Pedro, acontece, em Ribeirão do Largo, uma romaria a Cova de Pedro. Em tal evento, é montado um grande palco, onde os padres das paróquias vizinhas celebram uma missa. A religiosidade em torno da figura de Pedro Afonso foi tema de pesquisa de diversos trabalhos acadêmicos, entre estes, citamos: BENEDICTS, Danilo Patrick Mascarenhas. **A fé e a religiosidade na cova de Pedro**. Ribeirão do largo – Bahia. 2007. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, Rio Grande do Norte, 2007; e SOUTO, Lucinda Carvalho. **Oralidade e Identidade Cultural**: a Memória de um povo e a criação de um Santo. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Comunicação Social/Jornalismo). Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, 2008.

[3] Pedro Batista da Silva era um alagoano que trabalhava como pescador em Foz do Iguaçu. Contam os relatos que ele teve uma visão que lhe dizia para retornar ao nordeste. Ele peregrinou pelos estados, tornou-se um líder messiânico e foi morar em Santa Brígida-BA, no ano de 1945, período em que ele já era conhecido como "Padrinho". Sua chegada proporcionou o desenvolvimento do lugar por causa, principalmente, do trabalho dos romeiros que o seguiam por considerá-lo um enviado divino. Pedro Batista foi o responsável pela emancipação do município em 27 de julho de 1963. Além de líder religioso e político, ele também era conhecido por curar enfermidades; porém, não curou a si próprio. Durante quatro anos, ele sofreu de infecção urinaria decorrente de problemas da próstata. No seu último ano de vida, já não conseguia andar e nem comer sozinho, morreu em 11 de novembro de 1967. O enterro só aconteceu três dias depois. De acordo com as narrativas locais, apesar de o corpo não ter sido embalsamado, não exalava mau cheiro e nem apresentava deformações. Em todos os anos, no dia de sua morte, acontece uma romaria ao túmulo de Pedro Batista, que é conhecido por realizar diversos milagres. A religiosidade em torno da figura de Pedro Batista é analisada nas seguintes produções: GONZALEZ, Olegário Miguez. **Bem-aventurança em Santa Brígida**: uma comunidade sob a orientação de Pedro Batista. 2004. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-graduação em História. Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, 2004; GONZÁLEZ, Olegário Miguez. **Pedro Batista**. Líder Messiânico de Santa Brígida. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, 1996; LAFANE, Paulo**. Pedro Batista**: o conselheiro que deu certo. IRDEB. Salvador, Bahia, 1998. Vídeo; MUNIZ, Sérgio. **O Povo do Velho Pedro**. CERU. USP, São Paulo, 1967. Vídeo.

[4] Mais formações sobre as referidas materialidades no tópico **1.3. Constituição do *corpus* e percurso metodológico**.

texto mais amplo, formado por conteúdos comuns, que caracterizam Leocádia[5] a fim de facilitar a compreensão dos excertos utilizados em vários momentos desta dissertação. Assim como em Bosi (1973)[6], a veracidade das narrativas sobre Leocádia não nos aflige, já que o nosso interesse maior versa sobre a forma como Leocádia aparece subjetivada nesses discursos.

Leocádia chegou ao município de Guanambi no final do século XIX, quando a cidade era conhecida como vila Beija-Flor. Ela veio para a vila, assim como muitas outras pessoas, a grande maioria eram escravos libertados pela Lei Áurea, para trabalhar na construção manual da represa, obra conhecida na época pelo nome de 'tapagem'. As tarefas eram divididas pelo sexo: os homens ficaram responsáveis por cavar a terra com a pá e encher as gamelas – grandes vasilhas de madeira – que eram carregadas pelas mulheres em cima de suas cabeças em direção ao rio, onde a terra era despejada com o intuito de formar uma parede de contenção. Ali se trabalhava por comida, era na própria 'tapagem' que os trabalhadores se alimentavam e recebiam o pagamento de seus serviços. Tal pagamento era feito com um pedaço de rapadura, doce feito do caldo da cana-de-açúcar.

Contam as narrativas de Guanambi que Leocádia era um jovem humilde e que, por sua situação de pobreza, não tinha condições de ficar bem vestida. Ela usava trapos que deixavam partes do seu corpo à mostra. Leocádia foi então presenteada pelo conhecido Coronel José Pedro Dias Guimarães com uma fazenda – pedaço de pano usado especialmente na confecção de vestidos. Esse fato causou ciúmes em Dona Raquel, esposa do coronel comandante da obra da represa. Ela ficou enfurecida ao saber do presente e ordenou a dois capangas, Marcolino e Sebastião, que matassem Leocádia e arrancassem um dos seios da jovem, que foi cozido e servido como almoço para o marido. Dessa forma, em 23 de fevereiro de 1890, Leocádia é assassinada, aos 16 anos de idade.

---

[5] A história de Leocádia também se encontra trabalhada em GOMES, Benedito Teixeira. Leocádia: o filme. Guanambi, Bahia, [200-]. Vídeo.

[6] O livro de Ecléa Bosi **Memória e Sociedade: lembranças de velhos** foi o resultado de sua tese de livre-docência em Psicologia Social, publicado inicialmente em 1973. Por meio das lembranças de personagens comuns, idosos moradores de São Paulo como D. Alice, Sr Amadeu, Sr Ariosto e outros cinco, ela aborda temas importantes como política e economia. Bosi conta a história da cidade de São Paulo, pelos relatos de vida desses personagens e afirma: "A veracidade do narrador não nos preocupou, com certeza seus erros e lapsos são menos graves em suas conseqüências que as omissões da história oficial. Nosso interesse está no que foi lembrado, no que foi escolhido para perpetuar-se na história de sua vida." (BOSI, 1973, p. 37).

O corpo de Leocádia foi encontrado dentro do maior dos três caldeirões – buraco natural situado em superfície rochosa que armazena água da chuva e água minada – do Lajedo do Caiçara amarrado a pedras pelo arreio do cavalo que Sebastião usava. Ele foi sepultado ao lado do extenso lajedo pelos habitantes do arraial.

Figura 1, caldeirão onde foi atirado o corpo de Leocádia. À esquerda o caldeirão na época da cheia, à direita o caldeirão na época da seca.

Figura 2, visão geral do Lajedo Caiçara, onde se situam os caldeirões

Ainda, consoante às narrativas que ainda ecoam atualmente e à literatura local de Guanambi, conta-se que Sebastião, um dos capangas, enlouqueceu e ficou correndo sem rumo

repetindo as últimas palavras proferidas por Leocádia. Ele foi encontrado morto em um matagal no atual município de Malhada, na Bahia. O outro capanga, Marcolino, também foi encontrado sem vida no lugar conhecido como Toca do Índio, um abrigo natural formado por rochas, repleto de figuras rupestres, que se acredita terem sido feitas por antigos índios, na atual Guanambi. A mandante do crime, Dona Raquel, fugiu da vila Beija-Flor e foi para a cidade de Pitangueiras, no estado de São Paulo. Lá, manifestou sintomas de lepra, que era considerada uma das mais terríveis doenças na época. Tal doença causou-lhe uma morte lenta e dolorosa. Abaixo apresentamos algumas fotografias da Toca do Índio, local onde foi encontrado o corpo de Marcolino, um dos algozes de Leocádia.

Figura 3, visão do exterior da gruta Toca do Índio.

Figura 4, visão do interior da referida gruta.

Após a morte de Leocádia, o espaço em que compreende a área marginal do túmulo de Leocádia e o caldeirão onde foi encontrado o seu corpo, bem como o lajedo que o contém, passou a ser conhecido como 'Leocádia'. Os habitantes da vila começaram a visitar esse espaço e a realizar manifestações de caráter religioso como: orações, vigílias, ladainhas, romarias etc. Atualmente, há mais de um século do assassinato da jovem Leocádia, ainda ocorrem romarias, nas sextas-feiras santas e nos dias de finados.

1.3. Constituição do *corpus* e percurso metodológico

O *corpus* da pesquisa é constituído por um conjunto de materiais que se relacionam de forma não linear e que podem ser considerados como fruto do funcionamento da memória coletiva. Trata-se, portanto de materialidades textuais de caráter diferentes, mas que abordam, direta ou indiretamente, elementos da religiosidade de Guanambi, Bahia, desde a sua formação, no início do século XIX, até a atualidade, e que retomam, em alguma medida, a figura de Leocádia. São fontes de naturezas variadas que se encontram vinculadas a diferentes esferas de circulação: jurídica, literária, historiográfica etc. Todas essas fontes são encontradas nas bibliotecas situadas no município de Guanambi e que servem como base de pesquisa para assuntos que abordam de alguma forma a história do referido município. Abaixo, dispusemos os materiais que constituem o *corpus* do nosso trabalho:

- ARIEL, Acácio Cláudio; et all. **Guanambi**: nossa terra, nossa gente, nosso orgulho. Guanambi, 1999. Livro escrito por alunos da rede municipal de ensino sob o comando da Secretaria Municipal de Educação, que mostra, panoramicamente, a história de Guanambi.

- COTRIN. Dário Teixeira. **Guanambi**: aspectos históricos e genealógicos. Guanambi, 1994. É um livro de um escritor local, que conta a história de Guanambi e de Leocádia.

- DECRETO Nº 352 DE 30 DE MARÇO DE 2007. Trata-se e um decreto emitido pela Prefeitura Municipal de Guanambi, que declara de Utilidade Pública a área que corresponde ao lajedo em que Leocádia foi assassinada, bem como o seu túmulo.

- GUIMARÃES, Elísio Cardoso. **Leocádia**: romance histórico. Guanambi, 1991. Trata-se de um romance de um escritor local, que conta a história de Leocádia e sua relação com a família Dias Guimarães, uma das mais antigas da cidade.

- LEI ORGÂNICA DO MUNICÍPIO DE GUANAMBI. Lei Orgânica da cidade de Guanambi reformada no ano de 2002.

- MEIRA, Dulce da Silva. **Rimando a história**. Guanambi, s/d. É um livro que reúne os poemas de Dulce da S. Meira, professora antiga da cidade. Os seus poemas contam a história de Guanambi e também de Leocádia.

- SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. **Guanambi, de flor em flor**. Guanambi, 1996. Tal publicação possui um formato de livro, organizado pela Secretaria Municipal de Educação de Guanambi, com a colaboração de professores e de alunos da rede de ensino público da cidade. A obra é dedicada à história do município e inclui a história de Leocádia, principal personagem da cidade.

- SANTOS, Ozenice Silva dos. **O Espaço de Guanambi/BA** – o algodão como elemento de organização. Guanambi, 2004. Livro que aborda a história de Guanambi e que concede uma especial atenção à agricultura do referido município.

- TEIXEIRA, Domingos Antônio. **Respingos históricos**. Guanambi, 1967a. Livro de um escritor local, que conta a história do sertão, do recôncavo baiano, da cidade de Guanambi e de Leocádia.

- TEIXEIRA, José Roberto. Cordel. **Vida e morte de Leocádia**. Guanambi, 1980b. Livro de cordel, que narra resumidamente em versos a história de Leocádia, desde o momento em que ela chega à cidade, até quando é assassinada e, depois, cultuada.

Como proposto, esta dissertação faz um estudo sobre a religiosidade e, considerando a importância do referido tema para os mais variados campos de conhecimento humano, justifica-se, portanto, por sua amplitude, o uso de materiais heterogêneos. Para isso, parte-se da descrição desses materiais, seguida de uma análise interpretativa, em que os dados encontrados são

relacionados uns com os outros e também com dados exteriores, mas que mantêm algum tipo de relação com o *corpus* da pesquisa, como é o caso das relações estabelecidas com o catolicismo, por exemplo. Trata-se, portanto, de uma análise não linear, em um *corpus* não linear sob uma perspectiva da memória coletiva.

1.4. Primeiros apontamentos teóricos

Os conceitos utilizados para embasar teoricamente este trabalho serão apresentados ao longo de cada capítulo, conforme a necessidade de fundamentar teoricamente as análises. Entretanto, inicialmente, apresentaremos, ainda que de forma sumária, algumas considerações acerca de dois conceitos imprescindíveis para estruturação do presente trabalho: o conceito de memória coletiva, que será retomado posteriormente, e a noção de religiosidade.

Em relação ao conceito de **memória coletiva**, recorremos aos trabalhos de Halbwachs (1950)[7], para quem o referido conceito corresponde a um amplo sistema formado de contextos sociais da memória, que possui um funcionamento plural e solidário, pois o que há são, de fato, memórias coletivas. Na relação com essas memórias, o homem é criador, mantenedor e transformador de memórias coletivas, mas tudo isso se encontra condicionado por outras memórias, já que, nessa perspectiva, ele é dependente da coletividade. Há também situações em que certas memórias coletivas desaparecem, pois os sujeitos que fazem parte do grupo que as mantêm funcionando já não mais existem, mas, por outro lado, há memórias que sempre agregam novos sujeitos, um mecanismo que as faz funcionar indeterminadamente. Nessa perspectiva, o fenômeno da religiosidade em Guanambi-Ba é aqui tratado como uma memória coletiva que funciona constantemente por meio de sujeitos moventes. Nessa memória, as manifestações populares de fé são consideradas como situações privilegiadas por demonstrarem mais intensamente o seu funcionamento, que por sua vez se relaciona com o funcionamento de outras memórias, em especial com uma memória religiosa católica. São acontecimentos em que

[7] **A Memória Coletiva** é um livro póstumo de Halbwachs, publicado inicialmente em 1950, a partir de suas anotações. O livro é o resultado de várias análises sociológicas do cotidiano. Essas análises mostraram seus primeiros resultados em 1925, em **Le cadres sociaux de la mémorie** – Contextos Sociais da Memória –, inspirado em uma das mais famosas obras de Durkheim: "**Formas Elementares da Vida Religiosa**". Depois, no ano de 1939, foi publicado o artigo **La mémorie collective chez les musiciens** – Memória Coletiva entre os músicos –, pela Revue Philosophique em 1939.

os sujeitos sociais, analisados nas materialidades anteriormente descritas, funcionam, segundo o que foi postulado por Habwachs (1950), como mantenedores, transformadores e criadores dessa memória, condicionados por memórias. No que diz respeito à noção de memória coletiva, ressaltamos que ela será retomada e aprofundada no próximo capítulo.

Em relação ao tema da religiosidade, o seu grande precursor foi Émile Durkheim (1912), cuja obra **Formas elementares da vida religiosa,** bem como o seu pensamento a cerca da sociedade, inspirou estudiosos de diversos campos, inclusive Halbwachs. De acordo com Durkheim, há um primado da sociedade, na qual reina uma espécie consciência coletiva, controladora, homogeneizadora, que se sobrepõe à consciência individual. No livro em questão, o autor discorre, consoante a sua tese do primado da sociedade, sobre a religião como sendo um fenômeno da coletividade. Para ele, a religião é um sistema de crenças e de práticas relativas às coisas sagradas. Ainda no que tange à religião, o referido autor problematiza acerca da temática do sagrado e do profano, mostrando-a como uma constante do discurso religioso.

> Todas as crenças religiosas conhecidas, sejam simples ou complexas, apresentam um mesmo caráter comum: supõem uma classificação das coisas, reais ou ideais, que os homens concebem, em duas classes, em dois gêneros opostos, designados geralmente por dois termos distintos que as palavras **profano** e **sagrado** traduzem bastante bem. (DURKHEIM, 1912, p. 19, grifo do autor).

Durkheim (1912) afirma que o sagrado[8] e o profano foram concebidos pelo espírito humano como dois gêneros separados, entre os quais nada existe em comum. São, portanto, de naturezas diferentes e correspondem à divisão do mundo em dois domínios: um para o qual tudo é sagrado e outro em que tudo é profano. Para o sociólogo, as características gerais que distinguem as coisas sagradas das profanas são: 1) elas costumam ser consideradas superiores em dignidade e em poderes; 2) elas possuem ampla variedade. Essa variedade é verificada na existência de coisas sagradas de todos os tipos e é refletida na forma como o homem se relaciona com elas. O referido autor ainda ressalta que a distinção hierárquica entre as coisas sagradas e profanas é um critério geral e impreciso, e é por isso que o sociólogo prioriza a segunda

[8] Semelhantemente a Durkheim (1912), Eliade (1992) também trabalha a noção do sagrado em relação opositora a do profano. Para este autor, o sagrado pode se manifestar em uma pedra ou em uma árvore, por exemplo, mas tanto a pedra quanto a árvore são adoradas não como pedra ou árvore, mas sim porque são *hierofanias*, porque revelam o sagrado, deixando assim, de ser pedra ou árvore, deixando assim de ser comum, natural, profano.

característica para definir as coisas sagradas em relação às coisas profanas. É a variedade, afinal o sagrado não está apenas em espíritos e deuses, ele também pode estar em um rochedo, em uma árvore, em uma fonte etc., admite o autor, que concede as coisas sagradas o valor de elas serem absolutas. Nesse sentido, ainda segundo o referido autor, a coisa sagrada é aquela cuja aproximação requer preparação e cuidados especiais, enquanto que a coisa profana diz respeito ao 'resto', em que não há nenhuma precaução nem temor. Ressalva-se que a relação de oposição entre sagrado e profano, não está no mesmo nível da relação de oposição do religioso e do não religioso, visto que, sagrado e profano dizem respeito a um mesmo discurso: o religioso. A oposição posta entre o sagrado e o profano é verificada também na etimologia da palavra profano.

> *Fanum* designava, em Roma, o templo ou, mais genericamente, qualquer recinto sagrado. *Profanum* era o contrário, o recinto do não sagrado. Duas formas de **instalação** espacial, que simbolizam duas modalidades dicotômicas de instalação no mundo. Sagrado e profano, originalmente, não dizem respeito a coisas, ou a pessoas, ou a ações, mas nomeiam as duas direções que se bifurca a vida humana. (KUJAWSKI, 1994, p. 42, grifo do autor).

É do sagrado que se erguem as crenças, os ritos, os símbolos, as variadas manifestações religiosas. Nessa perspectiva, o sagrado é visto e mantido por essas formas (crenças, ritos, símbolos) com as quais os sujeitos têm que se relacionar. Assim, durante a dissertação, mostraremos o funcionamento de diferentes manifestações religiosas que, na perspectiva durkheimiana, dizem respeito às coisas sagradas. Salientamos, contudo, que as manifestações religiosas exercidas em Guanambi não escapam ao profano. Apesar de Durkheim (1912) apresentar o sagrado e o profano dicotomicamente, entendemos, pelo que pudemos verificar nos dados, que esses dois estão em um mesmo nível de experiência. Os sujeitos se relacionam tanto com o sagrado quanto com o profano. Para Kujawski (1994), ambos, sagrado e profano, são constitutivos do mundo em que vivemos, e nossa realização nele presume, obrigatoriamente, relações tanto com um como com o outro.

Ainda, no decorrer das análises do presente estudo, outros conceitos operacionais de diferentes autores também serão mobilizados, como os conceitos de **acontecimento,** de **heterotopia,** de **posição de sujeito,** de **lugares de memória**, de **sistema de prestações totais** e

outros. Dessa forma utilizamos ferramentas variadas em um amplo campo teórico-metodológico, mas com o cuidado de manter a harmonia entre os teóricos. Vale salientar que o trabalho proposto é fruto de uma pesquisa ambientada na área de concentração de **Multidisciplinaridade da Memória**, do Programa de Pós-graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, o que por si já justifica o uso de variadas ferramentas para melhor mobilizar o tema proposto.

1.5. Primeiras considerações sobre Guanambi

Com base nas informações obtidas no trabalho com o tema, nos anos de 2006, 2007, 2008, 2009 e 2010, considerando também as informações contidas no *corpus* desta dissertação, elaboramos uma apresentação panorâmica da cidade de Guanambi.

Guanambi é uma pequena cidade situada no sudoeste da Bahia. O seu início foi marcado por contrastes. Destacam-se a fé, as festas, as simples casas de pau a pique com os terreiros de agricultura de subsistência e as grandes fazendas com suas lavouras fartas, suas senzalas e gado criado à solta. As primeiras fazendas foram: Mata Verde, Pé da Serra, Carnaíbas de Fora, Carnaíbas de Dentro, Barro Vermelho, Umburanas e Santa Rosa da Pedra. Contudo, a que mais se destaca na formação da cidade é a de Carnaíbas de Dentro, pertencente à família Dias Guimarães, que fica na margem direita do rio Belém.

Era no terreno próximo a esta fazenda que ficava a casa de Belarminda, mãe de Florinda e devota de Santo Antônio. Na casa, havia uma imagem do referido santo. Na época das novenas, pessoas da região iam até a casa de Belarmina prestar homenagem ao santo católico e participar da festa, que se iniciava após o ritual do beijo.

Inicialmente, as pessoas chegavam àquela residência e faziam suas orações ao santo. Em seguida, a imagem de Santo Antônio era beijada pelos integrantes do evento. A escolhida para dar o primeiro beijo era sempre Florinda, filha da anfitriã Belarminda e conhecida pelas redondezas como a moça mais bonita da região. No momento do beijo, ecoavam palavras de ordem: – “Beija-Flor”, – “Beija-Flor”, – “Beija-Flor”. Só após o referido ritual, a festa, com músicas, bebidas e comidas, começava de fato. A expressão “Beija-Flor, Beija-Flor, Beija-Flor” permanecia na lembrança de muitos dos participantes e o lugar, situado nas margens do Rio Belém, mais precisamente na baixada do rio onde se formava uma pequena represa, passou a ser chamado de Beija-Flor.

As constantes comemorações contribuíram para uma certa forma de habitar o espaço na região, pois, várias pessoas que frequentavam o referido evento religioso, que acontecia todos os anos, passaram a construir suas casas próximas da imagem do santo, na baixada do rio, no terreno pertencente à fazenda Carnaíbas de Dentro. As casas eram de taipa, primeiro se fazia a estrutura com pedaços de pau amarrados com cipó, depois era preparada a massa, com barro, palha de arroz[9], água e óleo de mamona, este abundante na região. O óleo também era utilizado nos candeeiros para iluminar as casas e na preparação da massa de barro, ele tinha a função de evitar que a massa rachasse, aumentando assim a sua durabilidade e contribuindo para uma melhor qualidade de vida dos moradores, pois era comum que, nas rachaduras dessas casas, vários insetos se alojassem. Os ingredientes – barro, palha de arroz, água e óleo de mamona – eram misturados e pisados com os pés. Com a massa pronta, a estrutura era preenchida, ou seja, barreada. E dessa forma, no meio da caatinga, foram sendo construídas as primeiras casas que deram início a vila de Beija-flor.

Beija-Flor era um lugar de entroncamento, passagem para os tropeiros que iam em direção às várias cidades do estado da Bahia, como Caetetê (atual Caitité) e Palmas de Monte Alto. Os tropeiros levavam as mercadorias no lombo de burros, animais muito resistentes, para vender nas feiras das cidades vizinhas e faziam suas paradas na vila, debaixo da sombra do grande umbuzeiro, na baixada do rio. Lá, nas segundas-feiras, eles davam água aos animais, conversavam, trocavam mercadoria entre eles e entre a pequena população de Beija-Flor. Esses pequenos encontros semanais se intensificaram e surgiu o evento da feira semanal. O dia de segunda-feira foi importante para o estabelecimento desse comércio, pois os tropeiros conseguiam vender em Beija-Flor o resto da mercadoria que não tinham conseguido vender nas feiras das cidades vizinhas. Isso era bom para esses viajantes, pois eles não ficavam com mercadorias estocadas e era bom também para a população, pois os produtos eram mais baratos do que nas feiras de outras localidades. Além dos tropeiros, a feira passou a ser formada pelos pequenos agricultores que comercializavam o fumo, a mandioca, batata-doce, feijão, milho, arroz. O comércio em geral era mantido por meio do intercambio, trocavam-se os grãos por outros grãos, ou por outra mercadoria qualquer. Até hoje, na cidade de Guanambi, as feiras acontecem no segundo dia da semana. Logo abaixo visualizamos um mapa que situa Beija-flor

[9] A palha do arroz provinha das grandes plantações do Gentio, que dista cerca de 15 quilômetros do vilarejo de Beija-Flor e que hoje corresponde ao Distrito de Ceraíma, domínio do município de Guanambi.

em meio às cidades e lugarejos no século XIX; em seguida, outro mapa com as coordenadas do referido local – atual Guanambi – em destaque no estado da Bahia.

Figura 5, mapa que situa Beija-flor

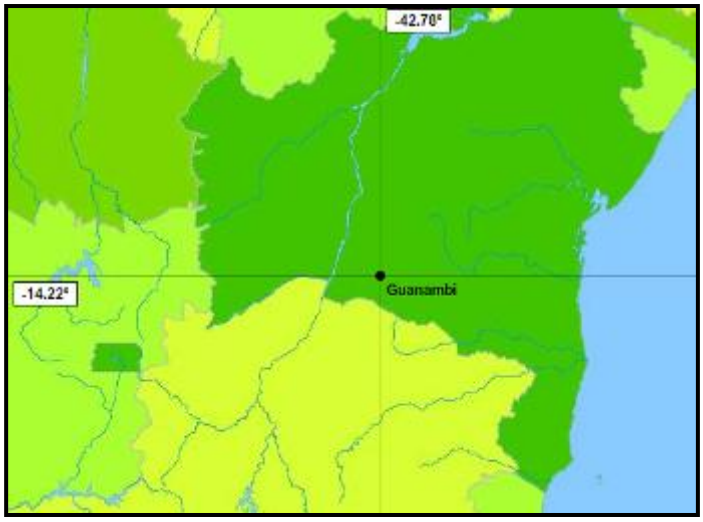

Figura 6[10], visão geral da localização de Guanambi em relação ao estado da Bahia.

Em 1868, José Dias Guimarães, dono da fazenda Carnaíbas de Dentro, faleceu, mas, antes de morrer, pediu aos filhos que não despejassem as pessoas que haviam construído suas

[10] Figura extraída do link de infográficos do site do IBGE, acessado no dia 10 de agosto de 2010 no endereço: http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1.

casas em seu território. O corpo dele foi enterrado no cemitério da família, na Rua das Sete Portas, uma das poucas ruas da vila, onde moravam as pessoas mais humildes do lugar. Joaquim Dias Guimarães, filho mais velho do falecido, doou a parte ocupada da fazenda para Paróquia de Palmas de Monte Alto, em nome de Santo Antônio, em 8 de maio de 1870. Dez anos depois, em 1880, pela lei provincial nº 1979 de 23 de junho, foi criado o Distrito de Paz de Beija-Flor, o que mostra que houve um reconhecimento por parte do poder civil da existência de pessoas agrupadas em um núcleo urbano. Beija-Flor passou a ser comandada pelo Município de Palmas de Monte Alto, distante 42 quilômetros. Foi nessa época que instalaram o grande cruzeiro de madeira de aroeira em Beija-Flor, monumento de forte simbolismo religioso e de grande representatividade nas manifestações religiosas que aconteciam por lá.

A vila cresceu e os problemas referentes ao seu crescimento começaram a surgir. No período da seca, a água do rio Belém já não era suficiente para todos. Foi então que, no final do século XIX, começou a construção de uma represa para armazenar a água do referido rio. José Pedro Dias Guimarães, irmão de Joaquim Dias Guimarães, que doou as terras à Igreja de Palmas de Monte Alto, era quem comandava a obra. Pessoas da região vieram para trabalhar na obra, inclusive uma jovem chamada Leocádia. Essas pessoas chegaram a Beija-Flor seguindo, principalmente, as informações divulgadas pelos tropeiros. Naquela época, esses viajantes eram os grandes difusores de notícias da região, e, por isso, podem ser relacionados a um dos dois tipos básicos de narradores proposto por Benjamin (1994)[11]: o marinheiro viajante, que vem trazendo informações de outras terras.

Essa represa era uma obra grandiosa na região e durante o período de sua construção Leocádia foi assassinada. O crime provocou grande comoção na vila, surgiu então um peculiar movimento religioso em devoção a essa jovem. Tal fenômeno religioso é, como dito no início desta introdução, analisado ao longo desta dissertação.

Em meio à expansão de Beija-Flor, a Rua das Sete Portas se destacava. O local, que era endereço de trabalhadores pobres, formados em sua grande maioria de ex-escravos, e que abrigava um cemitério, se tornou uma rua movimentada. Era constante o seu crescimento, havia

[11] Benjamin (1994) afirma que o quê abastece os narradores são as suas experiências sociais. Ele propõe a existência de dois tipos básicos de narradores: o marinheiro viajante e o camponês sedentário. Trata-se de dois modelos arcaicos de narradores, cada um com características singulares. O primeiro é nutrido por histórias de todas as partes, enquanto que o camponês sedentário representa aquele que sempre viveu no mesmo lugar, não viajou, mas conhece como ninguém as histórias de sua terra, suas tradições. O marinheiro é símbolo metafórico do saber das terras distantes; o camponês, do saber do passado.

muitos botecos e bordeis. Homens de toda a região iam visitar esses bordeis, que tinham uma arquitetura peculiar: havia várias portas, assim os frequentadores podiam entrar e sair sem serem notados, daí o nome da rua ser Rua das Sete Portas. Também devido à fama boêmia da cidade, por muito tempo, até metade do século XX, o município de Guanambi era referido como 'quebra', isso porque os homens gastavam tudo o que tinham na cidade, com jogos, bebidas e mulheres, e voltavam para as suas casas 'quebrados', isto é, sem dinheiro.

Em 14 de agosto de 1919, pela Lei Estadual número 1.364, a vila cede lugar ao Município Guanambi. Tal nome foi escolhido por significar beija-flor em língua indígena[12]. Com um comércio já consolidado, a cidade continua se desenvolvendo, principalmente com a agricultura, em especial, com o cultivo do algodão. O vantajoso cultivo do algodão tornou-se o preferido dos grandes e dos pequenos proprietários de terra. A produção passou a ser tão expressiva que a cidade ficou conhecida como a capital nacional do algodão. O ouro branco, como era conhecido o algodão, teve seu momento de glória na década de 70. Após esse período, o *Anthonomus grandi*, um inseto de bico proeminente conhecido como bicudo, a mais temida praga desse tipo de lavoura, acabou com o tal império. No brasão da cidade, abaixo figurado, vemos, do lado esquerdo pés de arroz, tão importante na construção das primeiras moradias e também para a economia local; e, do lado direito, um pé de algodão, símbolo da fartura da cidade. Logo após, apresentamos uma fotografia da vista aérea de Guanambi, no ano de 1974, época do império do ouro branco.

[12] A informação de que Guanambi significa beija-flor em tupy-guarani é encontrada amplamente no *corpus* desta dissertação: (SANTOS, 2004, p. 45; TEIXEIRA, 1967a, p. 52; MEIRA s/d, p. 66; COTRIM, 1994, p. 34; ARIEL, et all, 1999, p. 19).Tal informação também figura no site da Prefeitura Muncipal de Guanambi, no link Cidade, no tópico Origem do Nome: "Guanambi: procedência etimológica Tupy Guarany das palavras guainumbi, guanumbi, guanambi, que significam beija-flor." Disponível em <http://www.guanambi.ba.gov.br/?lk=6&tx=4>. Acesso em 15 de nov.

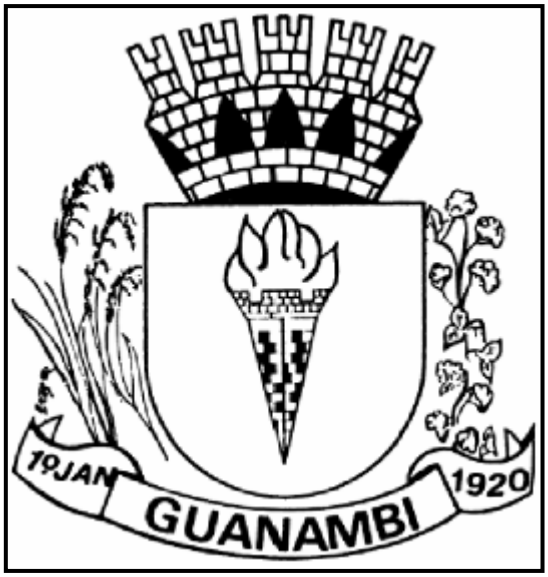

Figura 7, o brasão de Guanambi

Figura 8, vista aérea de Guanambi do ano de 1974.

Atualmente, segundo dados do IBGE[13], Guanambi possui cercar de 80.000 habitantes em uma área de 1.302 km^2. O comércio da cidade ainda continua forte, expressivo na região. Os serviços são mais um atrativo, há instituições de Ensino Superior, públicas e privadas. Há também hospitais particulares e um grande hospital público de base, que atende a região. No que

[13] Dados do portal do Instituto de Geografia e Estatística – IBGE. Acessado no dia 10 de agosto de 2010 no endereço: http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1.

se refere aos problemas como a falta de água, que, no final do século XIX, motivaram a construção de uma rudimentar represa, eles ainda persistem. Em relação à religiosidade, em especial àquele fenômeno religioso centrado na figura de Leocádia, verifica-se que as manifestações de fé continuam até os dias de hoje.

1.6. Organização da dissertação

Esta dissertação está organizada em quatro capítulos: 1 Introdução; 2 Gênese da Fé; 3 Leocádia: análise das posições de sujeito; 4 Lugar e Fé.

O capítulo 1, **Introdução**, apresenta a proposta da dissertação com o seu percurso e sua estrutura. É um texto introdutório de caráter explicativo.

O capítulo 2, **Gênese da Fé**, discute três momentos da memória religiosa de Guanambi encontrados no exercício de análise dos dados de diferentes materialidades. Apesar de esses momentos estarem difusos em diferentes períodos e ambientes, eles são discutidos cronologicamente. Para tanto, parte-se inicialmente do uso de ferramentas conceituais, com destaque para o conceito de memória coletiva, para a noção de acontecimento e para o conceito de lugares de memória.

O capítulo 3, **Leocádia: análise das posições de sujeito**, versa sobre a forma como Leocádia aparece no fenômeno da religiosidade em Guanambi-BA e mostra quais as posições de sujeito nas quais a referida jovem encontra-se inscrita. No referido estudo, verifica-se a existência de duas posições de sujeito: Santa-Puta e Santa.

O capítulo 4, **Lugar e Fé**, prioriza o estudo do espaço no qual acontecem às manifestações de fé à Leocádia e essas últimas. O espaço, cujo nome é Leocádia, é mobilizado como uma heterotopia e as referidas manifestações são discutidas e analisadas na perspectiva de Mauss.

Por último, estão as referências mobilizadas para dialogar com os dados desta dissertação.

2. Gênese da Fé

2.1. Considerações iniciais

Este capítulo apresenta um panorama histórico da gênese da fé no município de Guanambi, no estado da Bahia, desde o período da sua formação, no início do século XIX, e mostra suas primeiras manifestações registradas de fé. Trata-se, mais especificamente, de um estudo da memória coletiva religiosa do referido município. Para tanto, recorremos à teoria de Halbwachs sobre a memória coletiva, por ela proporcionar uma perspectiva interdisciplinar, possibilitando a utilização, simultaneamente ou não, de ferramentas sociológicas, históricas, filosóficas e linguísticas. Salientamos que na construção de sua teoria sobre a memória, Halbwachs buscou inspiração no pensamento durkheimiano, especialmente no que se refere à constituição do sujeito.

Durkheim (1912) conceitua o sujeito como um homem duplo constituído por dois seres: um individual/orgânico, de ação limitada, e outro social. Halbwachs inspira-se nesse sujeito durkheimano e o molda para aplicá-lo em sua teoria da memória coletiva. Para ele, semelhantemente ao pensamento de Durkheim, coexistem dois seres no sujeito: um sensível, que apenas reflete limitadamente parte do ambiente, e outro social, que extrapola a reflexão e interfere no ambiente ao formar uma opinião baseada em outros ambientes e/ou em outros testemunhos de ambientes. É nesse ser, em que coexistem o ser sensível e o ser social, que, segundo Halbwachs, a memória se manifesta. É baseado no pensamento de Durkheim que Halbwachs prioriza o caráter social do ser, aquele responsável por opinar e refletir, entendendo-o como condicionado pelo coletivo. Os estudos de Durkheim (1912) estão presentes nesta dissertação não somente devido à sua definição de sujeito como um ser social e, portanto, condicionado pelo coletivo, mas, sobretudo por ele ser o grande precursor do estudo da religiosidade[14].

[14] No livro "Formas Elementares da Vida Religiosa", publicado inicialmente em 1912, Durkheim afirma que a religiosidade é social. Ele nos apresenta uma visão cósmica do mundo e elabora uma teoria geral da religião fundamentada nas formas mais simples e primitivas das instituições religiosas por meio dos seus estudos do totemismo das tribos aborígines australianas. Para o sociólogo, qualquer crença ou prática religiosa é semelhante às práticas totêmicas e as representações religiosas são representações da consciência coletiva que exprimem realidades

Considerando o proposto acima, apresentamos, um estudo da religiosidade, entendendo-a como memória coletiva. Para as análises, utilizamos os textos da literatura local que, apesar de possuírem características estruturais diferentes, abordam direta ou indiretamente elementos da religiosidade da cidade. Tratam de textos que foram escritos por indivíduos enquanto pertencentes à coletividade e condicionados por ela, e desse modo, por meio de lembranças individuais fixadas em papel e que são, portanto, representantes de um viver coletivo, também temos acesso à memória coletiva religiosa de Guanambi.

2.2. Sobre a Memória Coletiva

A teoria da memória coletiva é apresentada por Halbwachs (1950) no seu livro póstumo intitulado **Memória Coletiva**. Tal obra é uma reunião de notas que discorrem sobre esse tipo memória em diversos contextos. O referido autor considera a memória coletiva tanto uma entidade em si mesma quanto um veículo de sentido de um ser social. Para ele, a memória coletiva é constituída de um amplo sistema formado de contextos sociais da memória, originária da consciência que se relaciona com o cotidiano de uma sociedade e que reflete as suas próprias condições de ordem, de linguagem, suas instituições, suas relações, suas tradições. A atuação de tal memória pode ser vista em quaisquer tipos de relações sociais, por meio dos incontáveis contextos sociais da memória, que pode se concretizar com o mínimo de duas pessoas. Isso impede que a memória seja limitada aos mecanismos de lembrar e esquecer, associações que são feitas comumente quando se aborda o tema da memória.

Com base em simples exemplos do dia-a-dia, Halbwachs (1950) apresenta e justifica a memória coletiva nas cotidianas relações sociais. Recorremos às palavras do autor, em especial ao trecho inicial do primeiro capítulo, intitulado **Memória individual e memória coletiva**, por dois motivos: por ele apresentar o fenômeno da memória de forma esclarecedora e porque essa apresentação serve como base para suas reflexões posteriores. Vejamos então o referido trecho:

---

coletivas. Nesse sentido, segundo o referido autor, as representações são, portanto, produtos do coletivo. Durkheim (1912) afirma, ainda, que não há religiões falsas e define a religião como um sistema solidário de crenças e de práticas relativas às coisas sagradas. Nesse sentido, o autor explica os fenômenos religiosos a partir de fatores sociais e não divinos.

> Recorremos a testemunhos para reforçar ou enfraquecer e também completar o que sabemos de um evento sobre o qual já temos alguma informação, embora muitas circunstâncias a ele relativas permaneçam obscuras para nós. O primeiro testemunho a que podemos recorrer será sempre o nosso. **Quando diz: "não acredito no que vejo", a pessoa sente que nela coexistem dois seres – um, o ser sensível, é uma espécie de testemunha que vem depor sobre o que viu, e o eu que realmente não viu, mas que talvez tenha visto outrora e talvez tenha formado uma opinião com base no testemunho de outros.** Assim, quando voltamos em uma cidade em que já havíamos estado, o que percebemos nos ajuda a reconstruir um quadro de que muitas partes foram esquecidas. Se o que vemos hoje toma lugar no quadro de referencias de nossas lembranças antigas de maneira a reconhecê-lo porque eles concordam no essencial, apesar de certas divergências (HALBWACHS, 1950, p. 29, grifo nosso).

Inicialmente, verifica-se, no trecho acima, a importância que a sociedade tem para a constituição do ser, uma vez que o autor trata da coexistência no ser humano de um ser sensível, aquele orgânico que apenas reflete limitadamente parte do ambiente; e de um ser formado pela sociedade, que não se encerra na reflexão do ambiente, mas que interfere nele, ao formar uma opinião baseada em outros ambientes e/ou em outros testemunhos de ambientes. Neste caso, fica evidente o caráter social do ser. É nesse ser, em que coexistem o ser sensível e o ser social, que a memória se manifesta. Ainda sobre esse caráter social constitutivo do homem vemos:

> Claro, se a **nossa impressão pode se basear não apenas nas nossas lembranças, mas também na de outros, nossa confiança na exatidão de nossa recordação será maior**, como se uma mesma experiência fosse recomeçada não apenas pela mesma pessoa, mas por muitas. Quando voltamos a encontrar um amigo de quem a vida nos separou, inicialmente temos de fazer algum esforço para retomar o contato com ele. Entretanto, assim que evocamos juntos diversas circunstancias de que cada um de nós lembramos (e que não são as mesmas, embora relacionadas aos mesmos eventos), conseguimos pensar, nos recordar em comum, os fatos passados assumem importância maior e acreditamos revivê-los para nós. **Não os vemos agora como os víamos outrora, quando ao mesmo tempo olhávamos com os nossos olhos e com os olhos de um outro** (HALBWACHS, 1950, p. 29-30, grifo nosso).

Quando Halbwachs trata do que ele chama de “nossa lembrança”, ele mostra que ela é formada por esse ser duplo, constituído de um ser sensível e de um ser social, por isso, nossas lembranças não são absolutamente individuais, visto que, no entendimento de Halbwachs (1950), o ser é social, ou seja, é integrante da coletividade e, portanto, se constitui na relação com os grupos sociais que o condiciona. O indivíduo é dependente da coletividade e por isso, ele sente a necessidade de buscar, nas lembranças de outrem, informações que reforçam as suas, pois, ainda segundo o autor, no destaque do trecho acima: “nossa impressão pode se basear não apenas nas nossas lembranças, mas também na de outros, nossa confiança na exatidão de nossa recordação será maior”. Ainda em atenção ao que se poderia supor ser uma memória absolutamente individual, o autor esclarece que o indivíduo pensa coletivamente. Ele reflete a partir do momento em que se sente parte de um grupo. Dessa forma, a consciência nunca se encontra encerrada em si mesma, ela não é vazia, nem solitária, ela vagueia em meio aos contextos sociais de grupos diferentes. Daí, nessa perspectiva, a impossibilidade de nos lembrarmos da nossa primeira infância, pois, nesse primeiro momento, ainda não nos socializamos. Assim, vemos que a memória individual, aquela a qual apenas o indivíduo tem acesso, está axiomada em diferentes contextos, situada na encruzilhada das redes de solidariedades múltiplas em que o indivíduo está envolvido, o que mostra que é impossível conceber o problema da recordação e da localização das lembranças quando não se toma como ponto de referência os contextos sociais reais.

> Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem (HALBWACHS, 1950, p. 30).

Dessa forma, a memória individual não é e nem está isolada, ela não funcionaria se os indivíduos não recorressem a idéias, palavras e ambientes, que não os pertencem, mas que eles tomam emprestados da sociedade. Assim, há um primado da memória coletiva sobre a memória individual. A memória coletiva é ampla, existem tantas memórias quantos grupos, memórias coletivas que mudam com o grupo, que agregam outros grupos, que morrem com o grupo, em síntese, segundo Halbwachs (1950), há sempre memórias. Tais memórias são indispensáveis ao

modo de viver social, estando presentes em todos os campos: científico, psicológico, religioso, etc. Com efeito, a esfera da religião é a de maior interesse para esta dissertação, pelo fato deste trabalho priorizar o estudo da religiosidade de Guanambi-BA. E é justamente sobre a relação entre memória, sociedade e religiosidade em Guanambi que passaremos a tratar daqui em diante.

No período inicial da formação da referida cidade, século XIX, ela era conhecida apenas pelo nome de Beija-Flor. Verifica-se, entre esse período e a atualidade, a existência de três momentos da religiosidade exercida em Guanambi. O primeiro acontecia em torno da veneração ao Santo Antônio; o segundo, no cruzeiro; e o terceiro, na veneração à Leocádia.

2.3. Santo Antônio

Nos textos analisados, encontramos descrições de um ritual de devoção a Santo Antônio. Tal ritual acontecia regularmente, uma vez por ano, todos os anos, como mostra o grifo do excerto 1. Esse ritual foi decisivo na formação da cidade, conhecida anteriormente apenas pelo nome de Beija-Flor. Com efeito, se tratava de um evento realizado pelos próprios devotos do santo católico em que há uma relação de proximidade entre eles, santo e devotos. Tudo isso se verifica nos excertos figurados abaixo:

> 1. **Esta mulher era uma devota de Santo Antônio e em sua casa, todos os anos, rezava ladainha e benditos no dia 13 de junho em louvor ao milagroso Santo**, para o que ali se reuniam os moradores da vizinhança. **Não tardou para que a ladainha do dia 13 fosse antecedida das trezenas, com a participação dos respectivos mordomos e transformada em animado festejo durante aqueles dias, não faltando o botequim de cachaça, a viola, o pandeiro e, para complemento, a disposição da assistência e a boa acolhida da dona da casa – a promotora da festa.** Logo, a permanência ali do botequim de bebidas ensejou a reunião dos vizinhos também aos domingos e dias santos, não tardando para que surgissem ali outras casas e, também de taipa, a "casa de orações". Foi assim que, já ao terminar o terceiro quartel do século XIX, existia o arraial de Beija-Flor... (TEIXEIRA, 1967, p. 51, grifo nosso).
>
> 2. Naqueles tempos, ainda no terceiro quartel do século XIX, na casa de taipa de Bela, **no dia da ladainha de Santo Antônio, o folguedo – tocata e dança – somente começava depois da cerimônia que**

> **marcava o fim da hora de contribuição, quando, um após outro, todos os presentes beijavam o Santo, mas a primeira pessoa a imprimir o seu beijo era Flor, a simpática filha da dona da casa.** Ora, **muitos dos presentes lá tinham ido mais pelo folguedo do que por devoção** e por isso desejavam o imediato término da reza e insistentemente suplicavam a Flor que logo beijasse o Santo, dizendo, numa profusão de vozes dos interessados: "Beija, Flor! Beija, Flor"! Tal era a importância da súplica para muitos dos foliões quem como recordação da cena, deram-na ao lugar onde ela ocorria: - Beija-Flor.
> **Segundo ainda a tradição**, quando em 1880 foi criado o distrito de Paz ou o distrito Policial, o arraial recebeu a denominação de Bela-Flor em homenagem a Bela e Flor, mãe e filha, suas fundadoras. (TEIXEIRA, 1967, p. 52, grifo nosso).
>
> 3. Tinha Belarmina uma filha de nome Florinda, moçoila prazenteira e que a mais linda do lugar. Os encantos de Flor, como era conhecida, desenfreavam e aguçavam os desejos dos homens que ali freqüentavam.
> **Sendo elas devotas de Santo Antônio, as festividades juninas eram realizadas com muito mais entusiasmo.**
> **Tradicionalmente, era comum aos devotos, no dia da ladainha, começar as festanças só depois da sessão de beijos no santo.** Assim, um após o outro, em fila indiana, os homens aguardavam o momento do término da contrição, para que Flor pudesse fixar o seu beijo. Numa súplica infrene, brandavam os presentes: - BEIJA, FLOR! BEIJA, FLOR! BEIJA, FLOR!
> **Finalmente, o beijo fora dado. Lá fora espocavam foguetes e rodinhas giravam em pontas de varas de bambus. Bombas detonavam por todos os quadrantes do arrabalde da vila. Enquanto os olhares dos fiéis viajavam pelas curvas dos rojões que, em certa altura, abriam-se em guarda-sóis centelhados. Era um espetáculo bonito e inesquecível.**
> **Assim nasceu Beija-Flor** (COTRIN, 1994, p. 31-32, grifo nosso).

Verificamos ainda que o ritual religioso era conduzido pelos próprios devotos e dentro da casa de uma devota, o que possibilita afirmar que havia uma relação íntima entre os fiéis e o referido santo, afinal a casa é um lugar de intimidade. O fato de não haver uma distinção do local ocupado pelo santo daquele ocupado pelos devotos, visto que todos se encontravam em um mesmo ambiente, reforça essa relação. Diferentemente do que acontece, em geral, em outros eventos religiosos em que algum santo é reverenciado, como aqueles que acontecem no interior das Igrejas, os santos ficam dispostos em um altar para serem vistos e admirados, porém dificilmente tocados. Esse distanciamento é visto na própria estrutura física das Igrejas, pois estas priorizam a existência dos chamados altares para serem lugares de destaque. Isso mostra

que o catolicismo exercido nas igrejas é bastante hierárquico, pois separa, com base em um suposto grau de importância, fiéis, presbíteros, santos etc. Trata-se de uma hierarquização, muito presente em algumas religiões, como é o caso da Igreja Católica Apostólica Romana. A esse respeito, Silva (2010), afirma:

> O Catecismo da Igreja Católica é mais um indício da relação entre abertura e fechamento, verificada após o Concílio Vaticano II. Apesar de só ter sido publicado anos após o Vaticano II, durante o papado de João Paulo II, esse Catecismo é considerado pela própria Igreja como um dos frutos do referido Concílio. O documento tem como principal objetivo **apresentar uma exposição orgânica e sintética dos conteúdos essenciais e fundamentais da doutrina católica tanto sobre a fé como sobre a moral, à luz do Concílio Vaticano II** (CIC, 1993:15, § 11). Nesse sentido, o Catecismo pretenderia "abrir" para os fiéis os dogmas e a espiritualidade da Igreja Católica, tornando-a mais acessível aos leigos. Por outro lado, ele inspira-se na tradição de outros catecismos da Igreja (por exemplo, o Catecismo organizado durante o Concílio de Trento) e, nesse sentido, busca apresentar ***uma exposição orgânica da fé católica***. Tal exposição revela traços de uma Igreja ainda muito influenciada por certos valores morais, como a idéia de uma sexualidade ligada à procriação (cf. CIC, 1993, p. 605, § 2332), e **também uma hierarquia bastante rígida** (cf. *idem*, p. 226, §785 e p. 259, § 902) (SILVA, 2006, p. 59, grifo nosso).

Ainda no que se refere à proximidade entre esses devotos e o Santo Antônio, ela também é verificada no ritual do beijo, instante em que ocorre um contato direto com a imagem do santo, que, aliás, dentre os santos legitimados pelo catolicismo, é um dos mais conhecidos e um dos que mais se relaciona com o cotidiano dos devotos nordestinos, principalmente no que se refere a assuntos como, por exemplo, o matrimônio, motivo pelo qual Santo Antônio é conhecido como santo casamenteiro.

Adorar imagens por meio do beijo é uma prática antiga, narrada nos textos bíblicos, como mostra o episódio de adoração a Baal: "Mas eu vou poupar em Israel sete mil homens: são todos os joelhos que não se dobraram diante de Baal e todos os lábios que não o beijaram." (Reis 19:18). Além disso, em textos considerados sagrados, em diferentes religiões: católica, evangélica, judaica; o beijo aparece em situações variadas, indicando diferentes sentidos, podendo simbolizar: saudação, submissão, comunhão, sedução, traição, dentre outras coisas.

Nos tempos bíblicos[15], era comum o beijo como saudação entre parentes e amigos. Podemos citar, entre muitos outros exemplos, o do rei Davi que beijou seu filho Absalão (II Samuel 14: 33); a queixa de Labão: "– Você sequer me deixou beijar minhas filhas e netos." (Gênesis 31:28); os beijos trocados entre Raquel, Jacó e Labão (Gênesis 29:11-14); os beijos dados pelos anciãos da Igreja de Éfeso no apóstolo Paulo (Atos dos apóstolos 20:37-36).

A importância do beijo como gesto de saudação é verificada também na fala de Jesus Cristo: " – Você não me deu **o beijo de saudação**; ela, porém, desde que entrei não parou de **beijar os meu pés**" (Lucas 7:45)[16]. Ressalvamos que em 'beijar os meu pés', há um funcionamento diferente do beijo visto anteriormente como uma saudação. Neste caso, o 'beijar os pés' aponta para um gesto de submissão.

O beijo também simboliza a sagrada comunhão entre os cristãos. Esse beijo é conhecido como ósculo santo, chamado também como beijo da caridade, no livro de Pedro; e beijo santo, nos livros Coríntios, Romanos, Tessalonicenses. Trata-se de um beijo dado na boca, momento em que os cristão trocavam entre si a respiração, o espírito, a vida. Era por meio do ósculo sagrado, comum entre os cristãos, que se comungava o Espírito Santo. Vejamos mais detidamente alguns exemplos: "Todos os irmão mandam saudações. Saúdem-se uns aos outros com **o beijo santo**" (I Coríntios 16:20); "Saúdem uns aos outos com **o beijo santo**. Todos os cristãos enviam saudações. Que a graça do Senho Jesus Cristo, o amor de Deus e a **comunhão do Espírito Santo** estejam com todos vocês" (IICoríntios 13:12-13); "Saúdem todos os irmãos com **o beijo santo**" (ITessalonicenses 5:26); "Saúdem-se uns aos outros com **o beijo da caridade**. Que a paz esteja com todos vocês que estão em cristo" (I Pedro 5:14); "Saúdem-se uns aos outros com o **beijo santo**. Todas as igrejas de cristo saúdam vocês" (Romanos 16:16).

---

[15] Nos próximos parágrafos, apresentamos o funcionamento do beijo em diferentes livros da Bíblia, versão Católica, Edição Pastoral. Os livros utilizados foram: Reis, II Samuel, Gênesis, Atos dos Apóstolos, Lucas, I Coríntios, II Coríntios, I Tessalonicenses, Pedro, Romanos, Provérbios, Cântico dos Cânticos, Mateus. Ressalva-se o fato de que existem diversas traduções desses livros, independentemente da versão bíblica. Todos os livros utilizados estão presentes tanto na Bíblia católica, quanto na Bíblia evangélica. Sobre a Bíblia judaica, ela tem apenas os livros que são encontrados no Antigo Testamento, primeira parte da Bíblia, versões evangélica e católica, porém, a organização da bíblia judaica é diferente. O Cânon dos judeus é composto de 24 livros, organizado em 3 conjuntos: A Lei ou Instrução, Os Profetas e Os Escritos. Nele, alguns dos livros que são apresentados separadamente no Antigo Testamento, aparecem como um só, como é o caso de I Samuel e II Samuel, que estão reunidos em 'Samuel'; I Reis e II Reis, que estão reunidos em 'Reis'; Oséias, Naum, Joel, Habacuque, Amós, Sofonias, Obadias, Ageu, Jonas, Miquéias, Zacarias e Malaquias, que estão reunidos em 'Os 12 Profetas'. Portanto, alguns dos livros utilizados para mostrar o funcionamento do beijo encontram-se também presentes no Livro dos judeus, entretanto, como dito, eles estão dispostos em outra ordem.

[16] O referido episódio versa sobre uma mulher, conhecida na cidade como pecadora. Ela, ao saber da presença de Jesus Cristo, vai ao seu encontro, chora aos pés do messias e os enxuga com os próprios cabelos, ela ainda os unge com perfume. Por fim, a mulher tem os seus pecados perdoados pelo próprio Jesus Cristo.

A comunhão por meio do beijo na boca nas manifestações religiosas era realizada entre todos os participantes, havia o beijo entres os homens, entre as mulheres e entre homens e mulheres. Mas, essa prática foi criticada, principalmente por Tertuliano, cristão convertido e autor de várias obras que abordam a temática religiosa. O beijo sagrado foi substituído pelo abraço da paz, que ainda continua presente nas celebrações religiosas. Sobre o beijo em objetos, essa prática ainda é mantida pela tradição Católica. Nesse sentido, beija-se, principalmente, o anel do Papa e as imagens que simbolizam algum santo e/ou o próprio Jesus Cristo.

O beijo como símbolo também representa sedução. Era por meio do beijo que Absalão, o filho belo e rebelde do rei Davi, seduzia os israelitas. Ele os cativava, porque queria usurpar o trono do seu pai, sendo, portanto, importante ter o apoio desse povo. (II Samuel 15: 1-15). Em Provérbios 7, nota-se o uso do beijo como elemento de sedução. O texto trata da advertência de um pai ao seu filho sobre as mulheres estrangeiras, elas também são interpretadas, segundo nota da Edição Pastoral da Bíblia, como a representação metafórica de nações hostis à comunidade judaica, após o exílio. No referido texto, o pai fala de uma estrangeira vestida como prostituta, que sai a rua para encontrar algum rapaz ingênuo. Ela agarra e beija o rapaz e o leva para sua casa, lugar este, designado pelo pai do rapaz, como 'o caminho para o túmulo'.

Em Cântico dos Cânticos, **O mais belo cântico de Salomão**, verificamos o apelo ao beijo nas relações amorosas. "Beije-me com os beijos de sua boca! Seus amores são melhores do que o vinho. O odor de seus perfumes é suave. Seu nome é como um óleo escorrendo. E as donzelas se enamoram de você" (Cântico dos Cânticos 1:2-3).

O beijo também foi um elemento presente nas traições. Foi com um beijo que Joab enganou Amasa e o matou. Abaixo, mostramos o referido texto:

> Joab cumprimentou Amasa: 'A paz esteja com você, meu irmão'. E com a mão direita, segurou a barba de Amasa para o beijar. Amasa não percebeu que Joab estava com a espada na mão. Ele cravou a espada na barriga de Amassa, de modo que suas entranhas se derramaram pelo chão. Amassa morreu. Nem foi preciso dar um segundo golpe, Joab e seu irmão Abisaí partiram em seguida, perseguindo Seba, filho de Bocri (II Samuel 20: 9-10).

Dentre os casos de traição que são descritos na bíblia, o de maior repercussão é o de Judas. Nos textos bíblicos, Judas concretiza sua traição a Jesus Cristo com um beijo. "Enquanto Jesus ainda falava, chegou uma multidão. Na frente vinha o chamado Judas, um dos Doze. Ele se

aproximou de Jesus, e **o saudou com um beijo**. Jesus disse: ‘Judas, **com um beijo você trai o Filho do Homem**?’” (Lucas 22:47-48) O mesmo episódio é descrito também em Mateus: “O traidor tinha combinado com eles um sinal, dizendo: ‘Jesus é aquele que eu o **beijar**; prendam.’ Judas logo se aproximou de Jesus, e disse: ‘Salve, Mestre.’ E o **beijou**.” (Mateus 26:48-49). Verificamos, em Provérbios 27, um alerta a esse tipo de beijo: “O tapa do amigo é leal, mas o beijo do inimigo é mentiroso” (Provérbios 27:7).

Como ponderado acima, o beijo é emblemático, repleto de significados sacros, símbolo também de desejos humanos e de traição. Ele pode ser a representação do sagrado, em especial com a comunhão do espírito santo, mas também pode ser a representação do profano, com a sedução, a traição. No que se refere ao ósculo que acontecia durante o ritual religioso de devoção a Santo Antônio, verifica-se que ele evoca diferentes memórias – beijo como adoração, beijo como saudação, beijo como submissão – e também funciona como um meio de transição de dois momentos com características diferentes e constitutivas do ritual em questão. É somente após o ritual do beijo que a festa começa.

Temos, então, dois momentos: o primeiro centrado nas orações ao santo; o segundo, nas danças, comidas, bebidas e rojões. O momento inicial representa o acontecimento de um ritual de forma mais rigorosa que o segundo. Este é referido como “animado festejo”, no excerto 1; “o folguedo”, excerto 2; e “um espetáculo bonito e inesquecível”, excerto 3. A existência desses dois momentos distintos também é vista no excerto 2, “muitos dos presentes lá tinham ido mais pelo **folguedo** do que por **devoção**”. Sendo assim, o ritual de devoção a Santo Antônio era constituído de dois momentos diferentes, mas ressaltamos que não se trata de momentos bifurcados, sem que haja nenhuma possibilidade de comunicação entre eles, afinal, ambos são constitutivos da principal manifestação religiosa de Beija-Flor daquele momento.

O evento anual de devoção ao santo católico foi de grande importância para a fundação da cidade de Guanambi, visto que ele funcionava como instrumento inicial de socialização daquela época, como mostra o excerto 3: “Assim nasceu Beija-Flor”.

Em relação ao surgimento da cidade, vemos, no destaque presente no excerto 2, o uso da tradição como um valor de verdade, conferindo legitimidade ao texto. Ainda, no excerto 2, vemos novamente que a formação da cidade de Guanambi é uma das consequências da prática do referido ritual religioso. Trata-se, em parte, da materialização do funcionamento social

exercido pela população no período em que o lugar, pelos motivos já explicitados, era conhecido apenas como Beija-Flor.

2.4. O Cruzeiro

Além da manifestação de fé a Santo Antônio, houve, posteriormente, outro tipo de manifestação, exercido em Guanambi-BA, durante o século XIX e que também encontra-se materializada nos textos da literatura local. Trata-se, mais precisamente, das manifestações religiosas realizadas, pela população de Beija-Flor, ao pé do cruzeiro. Nessa época, a religiosidade exercida em Guanambi era constituída basicamente por essas manifestações. Nesse novo momento, verifica-se, portanto, um movimento migratório, pois, com o fim das celebrações na casa de Bela, que tem como prováveis causas o casamento de Flor e a morte de Belarminda, o cruzeiro passou a ocupar a posição de referência social da pequena localidade. Essa grande cruz foi utilizada inicialmente como marco inaugural da vila de Beija-Flor, formalizando a existência do povoado. Abaixo, a fotografia do referido cruzeiro.

Figura 9, foto do cruzeiro.

Trata-se de um cruzeiro feito com aroeira, madeira nobre e pesada, conhecida por sua resistência ao apodrecimento e ao ataque dos cupins. Era embaixo dessa grande cruz que a religiosidade da pequena vila de Beija-Flor se concentrava. A respeito dessas manifestações religiosas, vejamos os excertos dispostos abaixo:

> 4. Em Guanambi era a Praça Gercino Coelho chamada de "Largo do Cruzeiro". **Nos primeiros dias do ano de 1881 fora colocado ali um grande cruzeiro de madeira para registrar a existência do arraial**, o mesmo que hoje se encontra em anexo à sepultura de Leocádia, já bastante estragado pela ação perdulária do tempo (COTRIN, 1994, p. 71, grifo nosso).
>
> 5. Na noite seguinte **um grupo de mulheres de véus nas cabeças vem com velas nas mãos, rezando em direção ao cruzeiro. [...] Fez um círculo em volta da grande cruz, colocou as velas sobre as pedras coladas ao pé do madeiro e foi-se ajoelhando. O bendito foi iniciado** por Sa Joana e Sa Rumana, porque as moças nunca davam início, a fim de não serem julgadas carolas pelos rapazes, que, de chapéu nas mãos e à certa distância, ficavam respeitosamente a olhá-las, como se prestassem culto a cerimônia religiosa. Volta e meia as mulheres mais velhas passavam os olhos nas moças e nos rapazes, a ver se estavam de flerte, o que para elas era um desrespeito naquele momento. [...] Leocádia, do outro lado, de cabeça baixa, olhava fixamente uma vela (GUIMARÃES, 1991, p. 33, grifo nosso).
>
> 6. **E o homem, por ser mais simples num pequeno povoado, tem mais fé** e por ter mais fé, faz o que naquele dia estavam fazendo Maria das Oveias, Sa Joana e muitas outras. Reunidas em casa de dona Maria, aguardavam chegar mais convidadas para **darem início a uma penitência. Descalçadas, vestidas de branco, umas carregando um pote d´água na cabeça, rumo ao cruzeiro. Sa Joana, sentido o peso da pedra que era de bom tamanho, procura mudar a posição da mesma na cabeça, para descansar o lugar dolorido, enquanto a seu lado, Leocádia, com um pote muito cheio**... (GUIMARÃES, 1991, p. 50 - 51, grifo nosso).
>
> 7. Aproximavam agora do **cruzeiro** e no largo, grupos de homens em pé, de chapéus nas mãos, observaram **o cortejo**. Os rapazes fixavam Leocádia e algumas moças se achando menosprezadas por eles torciam os rotos, sentido-se feridas, no mais profundo de suas dores. Ah! Ferir a vaidade feminina é abrir uma brecha para nunca mais cicatrizar. [...] **Enquanto umas**

> **punham as pedras ao pé da cruz, outras despejavam suas águas.** Ao se abaixar Leocádia para descer o pote, uma moça diz:
> - Cê tá rezando pra chuver ou pra os home oiar pro cê?
> **- Tô rezando pra Jesus mandar chuva.**
> [...]
> **Cantavam agora ajoelhadas em volta da cruz, em sinal que estavam chegando ao fim daquela penitência. Penitência que faziam várias vezes por ano e que terão muitos anos de estiagens pela frente para fazerem. O nordestino é um eterno penitente** (GUIMARÃES, 1991, p. 51, grifo nosso).
>
> 8. **Cruzeiro fincado no meio do largo, onde as mulheres rezavam ladainhas, faziam suas promessas e penitências**, passando, por conseguinte, a ser cognonimado Largo do Cruzeiro, a atual Pça. Gercino Coelho. Em 1945 a grande Cruz foi transferida para Leocádia, onde se encontra até hoje (COTRIN, 1994, p. 35, grifo nosso).
>
> 9. **A cruz** que hoje está no túmulo de Leocádia é a mesma que outrora **estava fincada no largo do cruzeiro (hoje, Praça Gercino Coelho) palco, onde as mulheres rezavam ladainhas, benditos, faziam promessas e penitências para chover** (SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, 1996, p. 20, grifo nosso).

No trecho grifado do excerto 4, verifica-se uma relação direta da religião com a vila de Beija-Flor, afinal, foi com a presença do cruzeiro que o lugar, anteriormente conhecido apenas como Beija-Flor, passa a ser visto como uma vila.

A grande cruz também era ponto de concentração de manifestações populares religiosas. No excerto 7, verifica-se que tal cruzeiro é um local de socialização, no qual aconteciam paqueras e manifestações religiosas. Nesse sentido, destacam-se como funcionamento religioso relacionado ao catolicismo: no excerto 4, **cruzeiro**; no 5, **velas, cruzeiro, bendito**; 6, **fé, penitência, cruzeiro**; 7, **cruzeiro, rezando, ajoelhadas, cruz, penitência, Jesus**; 8, **cruzeiro, rezavam, ladainhas, promessas, penitências**; e, finalmente, no 9, **rezavam, ladainhas, benditos, promessas, penitências.**

Nota-se, ainda, que, nesse fazer religioso, é comum a prática da penitência. Ela é um dos sete sacramentos[17] da Igreja Católica e, de acordo com essa instituição, é o meio pelo qual o católico reconhece as suas faltas e, se delas estiver arrependido, pode ser perdoado por Deus. Daí, esse sacramento ser denominado de reconciliação/penitência. A penitência, portanto, funciona como uma medida de reparação dos pecados cometidos. Mas, na Guanambi do século XIX, verifica-se um funcionamento da penitência diferente daquele postulado pela instituição, e que serve para mostrar o funcionamento da religiosidade exercida na vila Beija-Flor. O sofrimento causado durante a penitência não é uma forma de reparação, mas um meio que esses sujeitos religiosos[18] utilizam para pedir por chuva, acreditando, dessa forma, poder evitar uma possível seca. É, portanto, um uso da penitência que difere daquele presente nos sacramentos da Igreja, pois o sofrimento serve como um elemento de barganha, usado para pedir outra coisa em troca, que neste caso era a chuva. Durante a penitência, como mostram os grifos dos excertos 6 e 7, esses sujeitos religiosos permanecem descalços, como símbolo de humildade e também como demonstração da realização de um percurso doloroso; levam pedras, como autopunição por causa do esforço necessário para carregá-las; levam potes cheios de água, como um maneira para pedir por chuva. Por meio de um trecho do excerto 9 , qual seja: "... palco, onde as mulheres rezavam ladainhas, benditos, faziam promessas e penitências **para chover**", vemos ainda que o pedido de chuva se estendia a outras práticas, não se encerrando nessas penitências.

Nessas manifestações religiosas, também havia a presença de uma personagem cultuada coletivamente, mas não era o Santo Antônio, mostrado pelos dados como o primeiro a ser cultuado; e sim, o próprio Jesus Cristo. A presença do maior representante do cristianismo pode ser constatada nas aclamações feitas para pedir por chuva, como materializa o excerto 6 " – Tô

[17] Os sacramentos da Igreja Católica são, por ela entendidos, como um gesto divino instituído por Jesus Cristo. São ao todo sete: Batismo, Confirmação ou Crisma, Eucaristia, Reconciliação ou Penitência, Unção dos Enfermos ou Ordem e Matrimônio.

[18] Em relação às manifestações cotidianas realizadas por pessoas comuns, é possível realizar uma pesquisa sob a perspectiva de Certeau, tendo como base teórica o livro **Invenção do Cotidiano I**: artes de fazer. Na referida obra, Certeau (1994) analisa o dia-a-dia de sujeitos ordinários, denominado por ele, de táticos. Trata-se do estudo de pessoas comuns e suas práticas, suas artes de fazer, que dizem respeito às transformações que esses sujeitos consumidores fazem dos produtos culturais que lhes são impostos, ou seja, que dizem respeito às táticas que surgem como resposta às estratégias do poder. Nesse sentido, o modelo de sujeito tático de Certeau pode ser mobilizado na busca de uma compreensão das manifestações religiosas realizadas pelos sujeitos ordinários. Ressaltamos que esta é uma questão importante e que merece uma discussão mais aprofundada. Entretanto, esta dissertação propõe um estudo que privilegia a figura de Leocádia e a sua relação com a religiosidade de Guanambi. Sendo assim, abordamos, aqui, em certa medida, os sujeitos religiosos do referido município, mas, como dito, o foco das análises recai sobre a figura de Leocádia e não sobre os sujeitos táticos.

rezando para **Jesus** mandar chuva". A presença de Jesus Cristo também é encontrada no simbolismo que o cruzeiro passou a representar depois de sua crucificação.

O cruzeiro, no período que antecede a era cristã, funcionava com outro sentido daquele atualmente conhecido. A estrutura da grande cruz era utilizada na antiguidade como humilhação pública de homens considerados impuros. Eles eram crucificados até mesmo depois de mortos e permaneciam na cruz, pois sua impureza era considerada tamanha que eles não podiam ser enterrados, já que a terra, considerada sagrada, não deveria se tornar impura também. Na Bíblia, versão evangélica e católica, temos exemplos de pessoas que eram consideradas impuras e que foram crucificadas juntamente com Jesus Cristo: "Com ele crucificaram dois bandidos, um à direita e outro a esquerda. Desse modo cumpriu-se a escritura que diz: 'Ele foi incluído entre **os fora-da-lei**.'" (MARCOS 15:27-29, grifo nosso). Atualmente, o cruzeiro representa a ressurreição de Jesus Cristo. Isso reforça a afirmação de que a figura de Jesus Cristo era cultuada nas manifestações religiosas realizadas em Guanambi ao pé do cruzeiro, dezoito séculos após a sua crucificação.

Ainda sobre as manifestações religiosas realizadas ao pé do cruzeiro, verificamos que elas não se encerravam no calendário católico, ou seja, elas não se limitavam aos dias de finados e sextas-feiras santas, dias em que se acendem velas nos cruzeiros em homenagem aos mortos. Elas eram realizadas várias vezes durante o ano, o que mostra que se trata de uma prática comum e que tinha, portanto, certa autonomia, já que não havia uma obediência rigorosa ao calendário religioso. A flexibilidade e a regularidade de tais práticas estão presentes no último destaque do excerto 6: "Penitência que faziam várias vezes por ano e que terão muitos anos de estiagens pela frente para fazerem. O nordestino é um eterno penitente." Além disso, verifica-se também que há um privilégio pela figura e manifestação do sujeito nordestino religioso, o que também pode ser observado no 5: "o homem, por ser mais simples num pequeno povoado, tem mais fé". Em ambos os trechos, excertos 5 e 6, o que está em destaque é a figura do sujeito nordestino, que tem e exerce a sua fé. Há, portanto, uma ênfase na religiosidade desses sujeitos, informação verificada também no excerto 9, no qual o cruzeiro é apresentado como "palco" das manifestações religiosas: "A cruz que hoje está no túmulo de Leocádia é a mesma que outrora estava fincada no largo do cruzeiro (hoje, Praça Gercino Coelho) **palco**, onde as mulheres rezavam ladainhas, benditos, faziam promessas e penitências para chover." Neste caso, a palavra

“palco” funciona como um lugar sob o qual acontece um evento de destaque: as manifestações religiosas realizada pela população da Vila de Beija-Flor.

De fato, tais manifestações ocorriam regularmente e essa regularidade, já observada anteriormente, permite afirmar que tais ocorrências podem ser consideradas como prática. Trata-se especificamente de um exercício coletivo periódico, que aqui é pensado discursivamente e analisado sob a ótica do acontecimento, na perspectiva de Foucault.

De acordo com Foucault (1972), os acontecimentos possuem várias “camadas” ou “estratos”. Alguns são visíveis e podem ser conhecidos até pelos seus contemporâneos. Outros, porém, estão abaixo dos primeiros e, por isso, não são facilmente notados, trata-se dos acontecimentos difusos. E ainda existem aqueles que são ainda mais profundos, imperceptíveis para os contemporâneos. Para o referido autor, a análise desses diferentes estratos de acontecimentos é um dos aspectos do que ele chama de história serial. Foucault (1972) defende que é, por meio das análises realizadas no âmbito da história serial, que se pode fazer emergir acontecimentos que, de outra forma, não teriam aparecido. Ainda segundo o autor:

> A história serial **não focaliza objetos gerais** e constituídos por antecipação, como o feudalismo ou o desenvolvimento industrial. A história serial define seu **objeto a partir de um conjunto de documentos dos quais ela dispõe.** [...]. Dito de outra forma, o objeto da história não é mais dado por uma espécie de categorização prévia em períodos, épocas, nações, continentes, formas de cultura... Não se estudam mais a Espanha e a América durante o Renascimento; estudam-se, e este é o único objeto, todos os documentos que concernem à vida do porto de Sevilha de tal data a tal outra (FOUCAULT, 1972, p. 290, grifo nosso).

Nessa perspectiva, as manifestações religiosas realizadas ao pé do cruzeiro são acontecimentos discursivos visíveis que possuem uma regularidade e uma importância social na Guanambi do século XIX – antiga vila Beija-Flor. A partir delas, são desencadeados outros “estratos” de acontecimento como a paquera e o senso de localização geográfica, dos quais trataremos nos próximos parágrafos.

As referidas manifestações agregavam um volume de pessoas de diferentes faixas etárias, mulheres mais velhas, moças e rapazes; e era em meio a essa massa que ocorria outro acontecimento, a paquera, que, pelo que mostram as materialidades analisada, ocorria entre os participantes mais jovens. Tal acontecimento aparece logo no início do evento religioso, como é

visto no excerto 5: “as moças nunca davam início, a fim de não serem julgadas carolas pelos rapazes”. Constata-se, portanto, a exposição de uma preocupação das moças em relação à forma como eram vistas pelos rapazes, o que indica que, no encontro entre os jovens, homens e mulheres, proporcionado por meio do acontecimento religioso, havia algo a mais do que apenas o interesse religioso. Ainda no excerto 5, “as mulheres mais velhas passavam os olhos nas moças e nos rapazes, a ver se estavam de **flerte**”, destacamos o substantivo masculino “flerte” por ele ser a resposta desse algo a mais que acontecia entre as moças e os rapazes. De fato, o flerte entre os jovens era de comum ocorrência, pois se ele não o fosse, se não houvesse uma regularidade, não haveria a preocupação das mulheres mais velhas a fim de evitar a sua ocorrência.

Verificamos também que as manifestações religiosas realizadas ao pé do cruzeiro funcionavam como um instrumento de socialização e que, como consequência, conferiram importância geográfica ao local, funcionando com um espaço público de convergência. O destaque geográfico aferido à grande cruz foi, portanto, uma espécie de conseqüência desse fazer religioso, como se observa no excerto 8: “Cruzeiro fincado no meio do largo, onde as mulheres rezavam ladainhas, faziam suas promessas e penitências, passando, por conseguinte, a ser cognonimado Largo do Cruzeiro, a atual Praça Gercino Coelho”. Essa notoriedade espacial do cruzeiro também é vista na ação indicada no verbo, presente no excerto 6, que aponta para um lugar socialmente consolidado: **rumo** ao cruzeiro.

De fato, o acontecimento primeiro das manifestações religiosas ao pé do cruzeiro – chamado de primeiro não por ser inaugural, mas por ser o acontecimento visível, desencadeador de outros acontecimentos, como o acontecimento da paquera e também como o outro, de referência geográfica local – era realizado pelos habitantes da vila Beija-Flor. Tal evento mobilizava os moradores do lugar, o que pode ser notado nos destaques dos excertos 5, 6, 7, 8 e 9. Os Participantes, na maior parte dos textos, não são identificados enquanto pessoas individuais, eles são, em geral, tratados genericamente ou como grupos. Isto pode ser comprovado nos seguintes trechos dos excertos: excerto 5, **um grupo de mulheres, moças, rapazes, mulheres mais velhas**; 6, **homem, muitas outras** (referente às mulheres mais velhas); 7, **grupos de homens, rapazes, moças, moça, nordestino**; 8, **mulheres;** excerto 9, **mulheres.** Mas, em meio a essa massa, verifica-se a presença de um nome que recebe destaque, aparecendo em todos os excertos que tratam dessas manifestações religiosas. Trata-se do nome de Leocádia.

2.5. Leocádia

Leocádia, como vimos anteriormente[19], veio para a vila Beija-Flor para trabalhar na construção de uma represa rudimentar local, obra cujo principal objetivo era disponibilizar água, em especial, no período da seca. O pedido de água[20] era comum naquela época (segunda metade do século XIX) e frequentemente figurava nas manifestações populares religiosas. Quando Leocádia chegou à vila, esta estava no segundo momento religioso, que se concentrava nas manifestações religiosas realizadas ao pé do cruzeiro. Leocádia aparece em todos os excertos que envolvem o cruzeiro, porém de dois modos distintos: como uma jovem de religiosidade ativa, nos excertos 5, 6, e 7; e como uma pessoa sem vida, 4, 8 e 9. Há, portanto, duas situações identificadas: Leocádia viva e Leocádia morta. Essa divisão é mostrada no destaque dos excertos abaixo, que são trechos de excertos em que aparece o cruzeiro e que foram utilizados anteriormente no estudo da fundação da referida vila – excerto 4 – e no das manifestações religiosas – excertos 5, 6, 7, 8 e 9. Vejamo-los novamente, sob uma nova perspectiva:

> 10. Na noite seguinte um grupo de mulheres de véus nas cabeças vem com velas nas mãos, rezando em direção ao cruzeiro. (...) Volta e meia as mulheres mais velhas passavam os olhos nas moças e nos rapazes, a ver se estavam de flerte, o que para elas era um desrespeito naquele momento. (...) **Leocádia**, do outro lado, de cabeça baixa, olhava fixamente uma vela (GUIMARÃES, 1991, p. 33, grifo nosso). [Referente ao excerto 5].
>
> 11. (...) darem início a uma penitência. Descalçadas, vestidas de branco, umas carregando um pote d´água na cabeça, rumo ao cruzeiro. Sa Joana, sentido o peso da pedra que era de bom tamanho, procura mudar a posição da mesma na cabeça, para descansar o lugar dolorido, enquanto a seu lado, **Leocádia, com um pote muito cheio**... (GUIMARÃES, 1991, p. 50 - 51, grifo nosso). [Referente ao excerto 6].
>
> 12. Aproximavam agora do cruzeiro e no largo, grupos de homens em pé, de chapéus nas mãos, observaram o cortejo. **Os**

[19] A personagem Leocádia foi apresentada inicialmente no Capítulo 1, no tópico 1.2. **Primeiras Considerações sobre Leocádia.**

[20] Os pedidos de água foram trabalhados neste Capítulo 2, no tópico 2.5 **O Cruzeiro**.

> **rapazes fixavam Leocádia** (...) **Ao se abaixar Leocádia para descer o pote, uma moça diz:**
> - Cê tá rezando pra chuver ou pra os home oiar pro cê?
> - **Tô rezando pra Jesus mandar chuva.** (...)
> O nordestino é um eterno penitente." (GUIMARÃES, 1991, p. 51, grifo nosso). [Referente ao excerto 7].
>
> 13. (...) fora colocado ali um grande cruzeiro de madeira para registrar a existência do arraial, o mesmo que hoje se encontra em anexo à **sepultura de Leocádia**, já bastante estragado pela ação perdulária do tempo." (COTRIN, 1994, p. 71, grifo nosso). [Referente ao excerto 4].
>
> 14. (...) Em 1945 a grande **Cruz foi transferida para Leocádia**, onde se encontra até hoje (COTRIN, 1994, p. 35, grifo nosso). [Referente ao excerto 8].
>
> 15. A cruz que hoje está no **túmulo de Leocádia** é a mesma que outrora estava fincada no largo do cruzeiro (...) (SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, 1996, p. 20, grifo nosso). [Referente ao excerto 9].

Nos excertos acima, Leocádia aparece discursivizada como uma moça religiosa, no primeiro momento, e como uma personagem morta, no segundo.

Verifica-se, no primeiro momento de 'Leocádia viva', que ela é uma jovem que participa ativamente das manifestações religiosas, excertos 10, 11 e 12. Em 10, ela é integrante do grupo de mulheres que iam "rezando em direção ao cruzeiro" e levavam, cada uma delas, inclusive Leocádia, velas. Nota-se que, além das rezas, Leocádia também fazia penitências, já que, nos excertos 11 e 12, ela carrega um pote com água até o cruzeiro para pedir por chuva.

As informações materializadas no excerto 10, mostram que Leocádia era jovem, visto que, em um momento específico do texto, ela é relacionada ao momento da paquera, que, como abordado anteriormente, era um acontecimento comum entre as moças e os rapazes durante as manifestações religiosas realizadas ao pé do cruzeiro. Entretanto, os excertos mostram que, apesar de jovem, Leocádia não tinha uma atitude semelhante a das outras moças. Ainda no mesmo excerto 10, o trecho "Leocádia, do outro lado, de cabeça baixa, olhava fixamente uma vela", diz respeito ao comportamento dessa jovem durante a manifestação religiosa, reportando a uma conduta aparentemente irrepreensível por parte da moça, visto que ela estava de um outro lado, diferente daquele em que acontecia o flerte, com a sua atenção voltada para a vela, objeto

de forte simbolismo religioso. Contudo, as informações do excerto 12, que materializa uma situação semelhante: a participação de Leocádia nas manifestações religiosas realizadas ao pé do cruzeiro; problematizam acerca do comportamento da referida jovem. A pergunta enunciada por uma personagem não identificada mostra Leocádia de uma forma diferente daquela apresentada no excerto 10, vejamos: "Ao se abaixar Leocádia para descer o pote, uma moça diz: - "Cê tá rezando pra chuver ou pra os home oiar pro cê?". Certamente, algum elemento que remete ao comportamento de Leocádia foi responsável por provocar nessa personagem a necessidade de pronunciar tal questionamento, uma pergunta direta endereçada à própria Leocádia. A resposta dela indica a negação de uma das possibilidades contidas na pergunta: "- Tô rezando pra Jesus mandar chuva". Com base nesse curto diálogo, pode-se afirmar que, segundo as narrativas acerca da história de Guanambi, Leocádia era tanto uma jovem crente, orante, fiel, compromissada com as questões religiosas, quanto uma jovem como as outras de Beija-Flor, que tinha interesse na paquera, mas que, por motivos, como, por exemplo, o temor em torno do sagrado visto e mantido por essas manifestações religiosas, ela sentia a necessidade de esconder esse desejo. Dessa forma, na descrição dessa cena, vemos, em um mesmo momento, a relação de Leocádia com o sagrado/profano.

O segundo momento em que Leocádia aparece discursivizada nos excertos é aquele em que a referida jovem é apresentada como morta. Um paradoxo em relação à personagem religiosa, viva e atuante do primeiro momento.

Nos excertos 13 e 15, há uma referência direta ao jazigo da jovem: **"sepultura de Leocádia"**, no 13; **"túmulo de Leocádia"**, no 15. Já no excerto 14, ocorre uma referência indireta, em que o nome "Leocádia" é alusivo ao local em que ela foi enterrada: "Em 1945 a grande Cruz foi transferida **para Leocádia,** onde se encontra até hoje". Verifica-se que a preposição "para" promove a relação de duas espacialidades, um lugar temporalmente anterior, onde o cruzeiro outrora se fixara; e outro, ulterior, que diz respeito ao túmulo de Leocádia.

Apesar de morta, Leocádia continua presente, desde o ano de sua morte, em 1890, até os dias atuais, na memória de Guanambi, em especial, no que se refere a assuntos relacionados à religiosidade. Assim, acontece o funcionamento de uma memória em relação à figura de Leocádia. Nessa perspectiva, a transferência do cruzeiro[21] para perto do túmulo da jovem reforça

[21] O cruzeiro foi transferido para perto do túmulo de Leocádia no ano de 1945, por populares, em meio à romaria da sexta-feira santa. No período que corresponde a essa data, não foi encontrada nenhuma informação que relacionasse

a importância dessa personagem para a religiosidade local. Vejamos mais sobre a relação entre a religiosidade de Guanambi e o túmulo de Leocádia:

> 16. Por arbustos e arvoredos, Circundada a cova está. **Velas, flores, lhe ofertam... E promessas vão pagar**. Pelo muito que sofreu, Feliz no céu deve estar (MEIRA, s/d, p. 43, grifo nosso).
>
> 17. **É comum encontrar à beira do sepulcro litros com água postos pelos devotos**, a fim de que a mesma receba o poder de cura dado por Leocádia, pois há uma crença entre muitos que ela se tornou Santa (GUIMARÃES, 1991, p. 90, grifo nosso).
>
> 18. **Um santuário a céu aberto. Hoje existe naquele lugar. Uma forte visitação pública. E um mistério singular. Porque este nome é tão forte? Porque desde a sua morte? Tanta gente vai lhe visitar?** (TEIXEIRA, 1990b, p. 19, grifo nosso).
>
> 19. **Um santuário a céu aberto**. Cravado no meio do mato. **Aos pés de um grande cruzeiro.** Á sombra de um imbuzeiro. Indicando o lugar exato. **Leocádia foi o nome** (TEIXEIRA, 1990b, p. 04, grifo nosso).

Manifestações religiosas que eram feitas pela população da vila Beija-Flor ao pé do cruzeiro e que cotavam com a presença de Leocádia, quando viva, passaram a ser, como mostram os excertos acima, realizadas no jazigo da referida jovem. É o que pode ser verificado, por exemplo, no grifo dos excertos 16 e 17, "velas, flores, lhe ofertam... e promessas vão pagar" e "é comum encontrar à beira do sepulcro litros com água postos pelos devotos", respectivamente. As constantes visitas ao local, como pode ser verificado no destaque no excerto 18, apontam para a consolidação de tal prática, iniciada no final do século XIX e que persiste até os dias atuais.

Em meio a essas novas manifestações, podemos afirmar que o cruzeiro, que simboliza o segundo movimento religioso de Guanambi, teve a sua importância deslocada, isso por dois motivos. Primeiramente, porque ele não está mais no meio da cidade, pois foi transferido para próximo do túmulo de Leocádia, 6 km distante da área privilegiada do centro de Guanambi, em

---

tal transferência às atas da Câmera de Vereadores do município de Guanambi. Vale salientar, inclusive, que, em relação ao ano de 1945, só foram encontradas as atas posteriores ao mês de setembro. Especula-se que muitas atas foram queimadas em um incêndio.

um ambiente pouco populoso, tipicamente rural e, portanto, longe do cotidiano dos guanambienses. O segundo motivo é que, perto do túmulo de Leocádia, o cruzeiro ocupa uma posição coadjuvante, visto que nas materialidades que compõe o *corpus* desta dissertação não há vestígios de que as manifestações religiosas também continuaram ocorrendo na grande cruz, o que não significa afirmar que não há mais manifestações ocorrendo no local, mas sim, que o túmulo de Leocádia ocupa a posição de destaque. Abaixo, vemos um recorte de uma foto que captura ao fundo a imagem do referido cruzeiro, depois de ele ter sido transferido para Leocádia.

Figura 10. túmulo de Leocádia e o cruzeiro.

Em primeiro plano, vê-se o túmulo de Leocádia, com a parte da estrutura próxima ao chão manchada pelo fogo das velas, são marcas escuras de diferentes tons, uma pintura feita ao longo do tempo, vestígio de um ritual há muito praticado. Essa área rasteira está cercada com pedras e tijolos utilizados para impedir que o vento apague o fogo das velas, algumas delas, que não queimaram completamente, mancham de branco o chão escurecido pelo fogo. Ao fundo, a grande cruz de aroeira, que outrora figurava como o centro das manifestações religiosas de

Guanambi. Um recorte espacial com dois elementos de forte simbolismo: o túmulo de Leocádia e o cruzeiro. Tal espaço[22] está intensamente relacionado com a memória religiosa de Guanambi.

Halbwachs (1950) discute a importância que o espaço exerce na memória coletiva. Segundo ele, o espaço é o responsável por conservá-la e ativá-la, nas palavras do próprio autor:

> "... não há memória coletiva que não aconteça em um contexto espacial. Ora, o espaço é uma realidade que dura, nossas impressões se sucedem umas às outras, nada permanece em nosso espírito e não compreenderíamos que seja possível retomar o passado se ele não estivesse conservado em um ambiente que nos circunda."[23] (HALBWACHS, 1950, p. 170).

O espaço desencadeia memórias, recebe marcas de grupos, que também são marcados por ele. Na figura 10, o espaço capturado na imagem destaca dois lugares basilares da já referida memória religiosa, o que mostra um íntimo relacionamento entre a memória e esses lugares. A implicação da memória com os lugares foi detidamente explorada por Nora, que apresentou a noção dos **lugares de memória**. Segundo o referido autor, esse conceito define o local onde a memória se refugia.

No artigo inicial[24] em que ele apresenta a existência dos lugares de memória, Nora (1984) anuncia, primeiramente, a ruptura entre a memória e a história[25], momento em que os lugares de memória se constituem. Para ele, a memória está esfacelada; a história está em constante avanço. O sentimento de continuidade entre esses dois movimentos passa então a se materializar por elementos residuais. E são nesses resíduos, localizados na encruzilhada entre a memória e a

---

[22] O estudo sobre o espaço será retomado no capítulo 4. **Lugar e Fé**. Na ocasião, será discutida a noção de espaço como heterotopia, na perspectiva foucaultiana.

[23] Em relação à citação, é importante esclarecer que o passado não se confunde com a história, pois são de naturezas diferentes. O primeiro se relaciona com as sensações vividas em um espaço e tempo; o segundo, é produto de um exercício intelectual, possui origem grega *iōtopia*, que significa conhecimento adquirido mediante investigação. No que se refere às questões que envolvem a noção de tempo, Halbwachs remete a Bergson (1896). Segundo este filósofo da memória, o passado sobrevive de duas formas: por meio de mecanismos motores – aqueles completamente automáticos –; e nas lembranças independentes – aquelas que implicam um trabalho do espírito. Quando Halbwachs (1950) usa a expressão referencial "retornar o passado", ele se refere a um esforço para memória, que permite aos sujeitos viverem uma atualidade, com base nas lembranças.

[24] Nora apresenta o conceito dos lugares de memória no artigo **Entre Memória e História**: a problemática dos lugares, de 1984. Após essa discussão inicial ele vai, durante anos, ao longo de suas análises, mostrando o funcionamento desses lugares.

[25] A história é entendida por Nora como representação de uma construção intelectual e incompleta do que não existe mais, e é vista, por ele, como um movimento destruidor da memória espontânea.

história, que os lugares de memória se fundam. Por meio da explicação da ruptura entre história e memória, Nora (1984) denuncia a perda da memória e defende que a amplitude das constantes mudanças é a grande responsável por esse dano, já que, ainda segundo o referido autor, vivemos em meio ao fenômeno da aceleração da história. Nesse sentido, o autor afirma que: "fala-se tanto em memória porque ela não existe mais. (...) Há locais de memória porque não há mais meios de memória" (NORA, 1984, p. 7).

Ricceur (2008), em sua investigação sobre os lugares de memória nos textos de Nora, chama a atenção para essa memória que sumiu. Segundo o autor, "a memória perdida não era uma memória individual, nem uma simples memória coletiva, mas já era uma memória instruída no modo da sacralidade (...)" (RICCEUR, 2008, p. 413). Trata-se, portanto, daquela memória vivida intensamente, sem a ameaça da escrita, da industrialização, da globalização, da mídia, memória da qual se encontram exemplos nas sociedades primitivas. Sendo assim, os lugares de memória se sustentam na inexistência de uma memória una e, conseguintemente, consagra a regionalização dos lugares de memória e suas memórias coletivas, já que não existe mais a grande memória. Nesse sentido, diante da constatação da inexistência da memória una, o próprio Nora (1984) faz uso do conceito de memória concebido por Halbwachs (1950), afirmando novamente a diversidade da memória, pois, tanto para o primeiro quanto para o segundo, há tantas memórias quanto grupos existentes. Dessa forma, por meio da memória coletiva, os sujeitos vivem múltiplas memórias; essas últimas, sustentadas também nos lugares em que elas estão localizadas.

Ainda sobre os lugares de memória, eles possuem duplo pertencimento, ancorados ora na história, ora na memória. Dessa forma, em relação ao conflito posto por Nora (1984) entre memória e história, os lugares de memória simbolizam o sentimento de continuidade, cujo caráter comemorativo impede que esses lugares sejam varridos pela história.

> "Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que eles envolvem, eles seriam inúteis. E se em compensação, a historia não se apoderasse deles para deformá-los, sová-los, e petrificá-los eles não se tornariam lugares de memória. É este vai-e-vem que os constitui: momentos de história arrancados do movimento da história, mas que lhe são devolvidos. Não mais inteiramente a vida, nem inteiramente a morte, como as conchas na praia quando o mar se retira da memória viva." (NORRA, 1984, p.13).

Nem todos os lugares existentes são, contudo, efetivamente, lugares de memória. Para que um local possa ser considerado como tal, é necessário que ele atenda a três requisitos: material, simbólico e funcional. O primeiro fixa os lugares de memória em realidades; o segundo é figurativo e garante o armazenamento das lembranças e sua transmissão; o terceiro leva ao ritual. Em outras palavras, para que se possa considerar um lugar como lugar de memória, é necessário que ele se funde em um remanejamento efetivo da memória. Diante disso, pode-se afirmar que o túmulo de Leocádia e o cruzeiro, figura 10, bem como o caldeirão onde foi encontrado o corpo da referida jovem, podem ser entendidos como lugares de memória, já que todos eles dizem respeito a materialidades simbólicas funcionais.

Tanto o túmulo como o cruzeiro e o caldeirão tiveram seus sentidos historicamente construídos. Eles são lugares nos quais diferentes manifestações religiosas se fazem presente. Essas manifestações, algumas já analisadas neste capítulo, como o caso das promessas e das romarias realizadas no cruzeiro, outras ainda por serem detidamente analisadas, principalmente sobre o túmulo de Leocádia, que será discutido detalhadamente no capítulo 4, contribuem de forma positiva na simbologia desses lugares, isto é, conferem valores a essas materialidades espaciais. Ressaltamos que as manifestações religiosas não são as únicas responsáveis pela simbologia de que esses lugares estão investidos. Discutindo separadamente cada um, verificamos que a forma de inscrição na realidade dos referidos objetos – túmulo, cruzeiro, caldeirão –, já mostra que eles são objetos investidos de significados.

O cruzeiro, por si só, já exprime uma simbologia religiosa que foi construída principalmente após a crucificação de Jesus Cristo. Ele, portanto, já se apresenta como um objeto repleto de significados. Isso contribuiu para a ocorrência das manifestações religiosas no cruzeiro de aroeira erigido em Beija-Flor no final do século XIX, já que se trata de um lugar propício para a ocorrência desse tipo de fazer. Inicialmente, as manifestações religiosas são importantes para conferir valor ao cruzeiro em questão. Dessa forma, o objeto, já rico em significados, agrega outros mais, que se somam aos já postos, fortificando seu simbolismo e contribuindo para que este tenha uma maior representatividade local, tornando-o, assim, singular.

Após o referido cruzeiro ter sido transferido para próximo do túmulo de Leocádia, ele passa a fazer parte de um ambiente no qual acontecem periodicamente, nos dias de sexta-feira santa e de finados, manifestações religiosas semelhantes as que outrora aconteciam quando o referido cruzeiro estava localizado no centro da antiga vila Beija-Flor. Nesses dois dias do ano,

verifica-se a importância do caráter comemorativo, já que são nessas datas, e não em outras, que acontecem as manifestações religiosas. Na perspectiva de Nora, o caráter comemorativo é o grande responsável pela sobrevivência dos lugares de memória, pois, sem ele, ainda segundo o mesmo autor, eles seriam varridos pela história. A comemoração periódica impede que os lugares como o cruzeiro, o túmulo de Leocádia e o caldeirão, sejam esquecidos, pois os revitalizam na memória religiosa de Guanambi. Essa revitalização está relacionada a uma vivência atual, que movimenta e reatualiza acontecimentos do passado. Dessa forma, verificamos que, no caso do cruzeiro em questão, há um funcionamento efetivo, intenso e verdadeiro de uma memória religiosa.

Como vimos anteriormente, é necessária a existência simultânea de três pressupostos para a ocorrência de um lugar de memória. No caso específico do cruzeiro de aroeira em Guanambi, verificamos que, em relação ao requisito material, há o próprio cruzeiro; no que diz respeito ao requisito funcional, constatamos a existência das manifestações religiosas; e, quanto ao requisito simbólico, identificamos o funcionamento da cruz como símbolo religioso.

O caldeirão do Lajedo Caiçara é o local em que foi encontrado o corpo violentado de Leocádia, sem um dos seios e em avançado estado de putrefação. O referido caldeirão simboliza o sofrimento maior de Leocádia e também o sofrimento dos nordestinos, pessoas que possuem uma vida de privações, em decorrência principalmente da seca. Esse buraco chamado de caldeirão é justamente um lugar que simboliza essa vida nordestina sofrida, sem água, mas também é um lugar acolhedor, fonte eterna de água, símbolo de vida e também, neste caso, de esperança. Nos dias de romaria, o caldeirão também é visitado, nele comumente não se acendem velas, mas é comum os devotos lavarem seus pés e seus cabelos e levarem um pouco da água para suas casas. Sobre os três requisitos necessários para que um lugar possa ser de memória, temos em relação ao referido caldeirão, ele próprio – o caldeirão – como a materialidade, figurando como símbolo de sofrimento e esperança. No que diz respeito ao caráter funcional, vemos que este lugar, investido de narrativas, curiosidades, sofrimento, esperança e fé, funciona como palco e objeto das manifestações religiosas que acontecem nos dias de sexta-feira santa e de finados. Abaixo vemos, figurado como capa de uma literatura de cordel, o referido caldeirão sendo visitado em período de romaria.

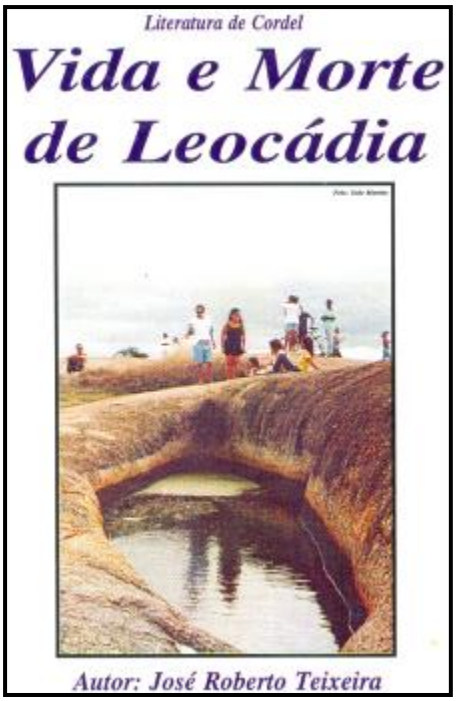

Figura 11, capa de literatura de cordel. TEIXEIRA, José Roberto. Cordel. **Vida e morte de Leocádia**. Guanambi, 1980b

Sobre o túmulo de Leocádia, nota-se que o seu funcionamento como lugar de memória é semelhante ao do cruzeiro de aroeira, principalmente no que se refere ao caráter funcional. Sobre a sua inscrição na realidade, o objeto túmulo já se apresenta como um lugar investido de significados, na medida em que ele representa o último local capaz de abrigar o corpo de uma pessoa. Trata-se do fim visível de um percurso; objeto de transição entre o "está" e o "não está mais". Semelhantemente ao cruzeiro e ao caldeirão, tal túmulo foi investido de outros

significados, construídos historicamente, por meio, também, das manifestações religiosas. Fazeres corporais no campo do religioso e narrativas que dizem respeito a esses fazeres e à personagem Leocádia fixaram valores ao túmulo em questão. Assim, o referido objeto se torna singular, não é mais um túmulo como outro qualquer, é o túmulo de Leocádia.

Halbwachs (1950) afirma que, para qualquer religião, há uma memória religiosa e que o espaço é fundamental para o seu reconhecimento. Ainda segundo o referido autor: “a religião se expressa sob formas simbólicas que se desdobram e se aproximam no espaço: é somente assim que temos a certeza de que ela subsiste.” (HALBWACHS, 1950, p. 185). Nesse sentido, o túmulo de Leocádia expressa e ativa a memória religiosa de Guanambi, memória essa de que tratamos no decorrer deste texto e da qual continuaremos a tratar em toda esta dissertação; memória de uma religião vivida e conduzida por populares, mas alicerçada em doutrinas.

O túmulo de Leocádia possui os três requisitos indicados por Nora (1984) no que se refere a um lugar de memória. O próprio túmulo atende ao requisito material, enquanto que o simbólico diz respeito à relação simbólica entre túmulo e morte, mas também ao túmulo como lugar de celebração e de rememoração. Já, em relação ao requisito funcional, constatamos que este é representado, em grande parte, pelas manifestações religiosas e pelas narrativas que, de algum modo, tratam da figura de Leocádia. O túmulo de Leocádia é, portanto, um lugar de memória, centro desse fenômeno atual vivido e expressado intensamente pelas manifestações religiosas que ocorrem em Guanambi. Sobre tais manifestações, apresentamos, abaixo, uma fotografia que as captura.

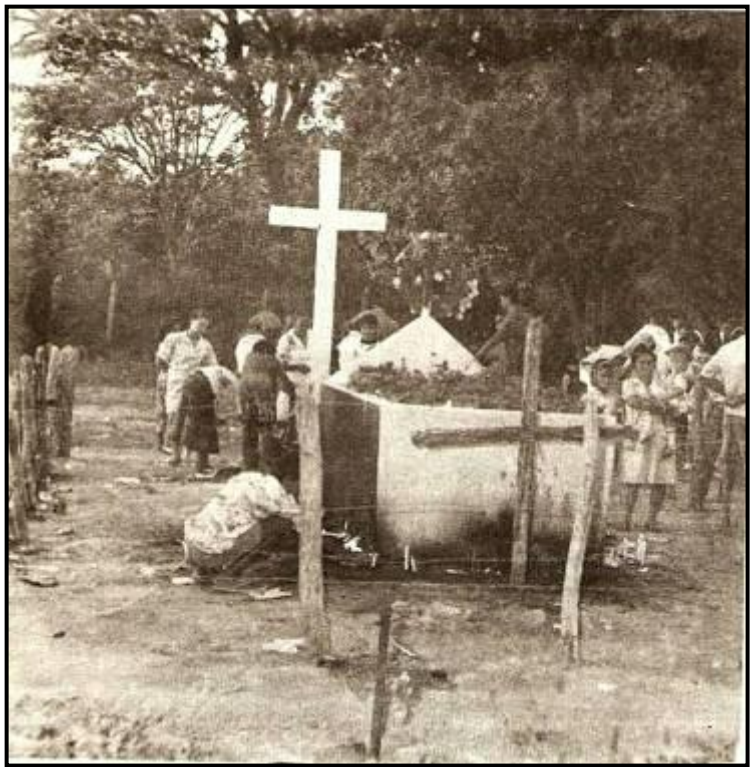

Figura 12, manifestações religiosas no túmulo de Leocádia. Extraída de TEIXEIRA, Domingos Antônio. Respingos históricos. Guanambi, 1967. (a) pág. 70 Legenda original: - Cova da Leocádia – Até hoje visitada nos dias de Sexta-Feira da Paixão e Finados.

Ao centro, protegido por uma cerca de arame farpado, com uma cruz de concreto à cabeceira e uma de madeira aos pés, está o túmulo de Leocádia. Pessoas de várias idades, conforme mostra o plano à direita, na maioria vestindo branco, fazem fila para prestarem homenagem à jovem, simbolizada pelo túmulo. Elas acendem velas, ofertam flores e coroas de flores. Tudo isso constitui um espaço social delimitado no meio do mato. Isolada, em primeiro plano, há uma pequena cruz fincada ao solo, trata-se de uma criança enterrada próxima ao túmulo de Leocádia. Crianças quando morrem são consideradas anjos no imaginário popular. Apesar de a foto ilustrar apenas uma única cruz, há várias outras que representam, em sua maioria, crianças enterradas próximas ao túmulo, conferindo ao local um caráter de cemitério, depositário de restos mortais, considerado solo sagrado em diversas religiões: católica, evangélica, islâmica, judaica, espírita. Abaixo, figuram fotos que indicam a presença de outras pessoas sepultadas no referido local.

Figura 13, duas crianças sepultadas próximo ao túmulo de Leocádia.

Figura 14, criança sepultada próximo do túmulo de Leocádia.

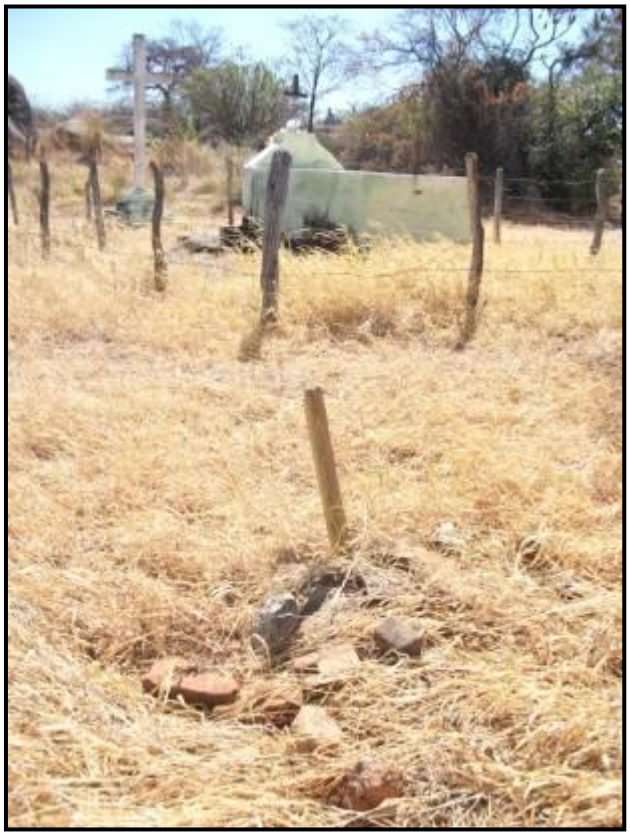

Figura 15, criança sepultada próximo do túmulo de Leocádia.

Figura 16, pessoa sepultada próximo do túmulo de Leocádia.

Trata-se, como podemos verificar nas fotografias, de singelos sinais – tijolos, pedras, cruz de ferro e de madeira, pedaços de madeira – fincados no solo, alguns já tomados pelo mato seco. Narrativas populares afirmam que há muito mais pessoas enterradas do que se imaginam, visto que nem todas estão marcadas com algum objeto passível de localizá-las.

Na figura 13, está presente, no primeiro plano, dois lugares marcados, o da esquerda com um pedaço de madeira em um pequeno monte de terra; e o da direita, com uma cruz de ferro próximo a um pequeno monte de terra. Trata-se de dois irmãos enterrados, um com 8 anos e o outro com 10 anos de idade.[26] Na figura 14, próximo ao pequeno monte de terra, há vestígios de que figurava no local uma cruz, uma haste de madeira menor está ao chão, como se ela estivesse desprendida da outra fincada no solo, de fato não há mais cruz, mas a imagem desta se faz presente nos pedaços de madeira, quando ocorre uma tênue união por meio da sombra projetada por aquele que está na vertical, em específicos momentos de sol. Na figura 15, em meio ao mato seco, verifica-se um pedaço de madeira cravado em um pequeno monte de terra, este parcialmente circundado por pedras e tijolos. Na figura 16, nota-se um pedaço de madeira maior que os outros, com uma ilegível inscrição em vermelho, que ainda resiste em meio ao mato.

O conjunto dessas fotografias desenha um ambiente que se assemelha a um cemitério, tendo como ponto de referência o túmulo de Leocádia, uma vez que este foi o primeiro a existir no local além dele se apresentar com uma estrutura que se destacada em relação aos demais.

[26] Em pesquisas de campo obtemos informações no que dizem respeito aos sepultados. O caso mostrado pela figura 13, se trata de dois irmãos, filhos de A. N., devoto de Leocádia. A relação de A. N. com Leocádia será trabalhada no **capítulo 4, Lugar e Fé**.

Como dito anteriormente, em fevereiro de 1890, o corpo de Leocádia foi encontrado em avançado estado de putrefação, no caldeirão do lajedo, que se localiza a poucos metros desta terra de pessoas sepultadas. De acordo com as narrativas populares, o corpo de Leocádia ficou, durante três dias, imerso na água parada do caldeirão e, quando encontrado, estava em avançado estado de decomposição, rodeado de urubus. Diante da situação, o corpo teve que ser sepultado próximo ao local, já que ele estava se desfazendo, se decompondo, e, provavelmente, não resistiria ao transporte até o cemitério da vila de Beija-Flor. O corpo foi enterrado a cerca de 200 metros do referido caldeirão e a apenas poucos metros do fim do lajedo de pedra. Geralmente, as pessoas são enterradas em cemitérios, lugares específicos para esse fim. Mas, as circunstâncias da época conduziram o sepultamento do corpo de Leocádia para um lugar diferente, sem vestígios aparentes de pessoas mortas. Contudo, em virtude desse acontecimento inaugural, o terreno ficou, de certa forma, habilitado a receber outros restos mortais de humanos.

Nos dias comemorativos, sexta-feira santa e finados, várias pessoas que vão prestar homenagens a Leocádia, também depositam flores e velas nesses supostos sepultados, muitos desses sujeitos, sem nem mesmo saber quem é o enterrado.

2.6. Considerações reminiscentes

Neste capítulo, analisamos a religiosidade de Guanambi por meio da descrição de três momentos de vivência de fé exercidos na referida cidade.

O primeiro momento compreende as celebrações em prol de Santo Antônio. Tal celebração foi decisiva para a formação da futura cidade de Guanambi. Trata-se, em síntese, de um ritual religioso exercido por populares, que tem como referência maior a devoção a um santo católico.

O segundo momento é caracterizado pelas manifestações religiosas realizadas ao pé do cruzeiro de aroeira, posto no centro da vila Beija-Flor, como reconhecimento formal de sua existência. O cruzeiro funcionava também como ponto de referência geográfica e social, pois, nas manifestações que lá aconteciam, e que não se limitavam ao calendário católico, diferentes relações sociais se estabeleciam, relações essas que, a exemplo da paquera, não se limitavam àquelas de cunho marcadamente religioso.

O terceiro momento religioso acontece em torno da figura de Leocádia, uma popular religiosa que em vida participara da prática das manifestações de fé que aconteciam no cruzeiro. Após a morte dessa jovem, manifestações populares religiosas passaram a ocorrer em seu túmulo. A importância desse novo ambiente religioso pode ser verificada pela transferência do cruzeiro, marco da fundação da cidade, para próximo ao túmulo de Leocádia. A consolidação desse ambiente religioso revela a necessidade de um estudo mais minucioso sobre essa personagem.

O próximo capítulo, **Leocádia: análise das posições de sujeito**, prioriza o estudo sobre Leocádia e busca identificar as posições de sujeito nas quais ela aparece inscrita.

3. Leocádia: análise das posições de sujeito

3.1. Considerações Iniciais

Este terceiro capítulo se dedica ao estudo de Leocádia como um objeto de discurso. Para isso, priorizamos a análise das formulações em que a referida jovem é, de alguma forma, citada. Trata-se, especificamente, de verificar em que posições de sujeito Leocádia aparece inscrita nos textos e documentos que tratam da história de Guanambi-BA. Dessa forma, busca-se identificar qual(is) o(s) discurso(s) que circula(m) acerca da relação entre Leocádia e a religiosidade exercida no referido município. Para tanto, partiremos do conceito operacional de posição de sujeito, conforme apresentado por Foucault (1969).

3.2. Sobre a posição de sujeito

Foucault (1969) formula o conceito de posição de sujeito que serve, entre outras coisas, para definir o sujeito como uma tomada de posição, diferenciando-o assim do sujeito indivíduo. Nesse sentido, ele explica que a posição de sujeito é um lugar determinado e vazio. O conceito

posição de sujeito trata, portanto, da existência de diferentes lugares nos quais os sujeitos estão inscritos, sendo que um lugar pode ser ocupado por um ou vários indivíduos, e mais, um ou vários indivíduos pode(m) ocupar alternadamente diferentes lugares. Sobre a relação dos sujeitos com as posições de sujeito por eles ocupadas, Foucault (1969) afirma que não há um domínio por parte dos primeiros, pelo contrário, é, por meio da inscrição nesses lugares, que os indivíduos tornam-se, a eles, sujeitos. Assim sendo, o sujeito não é a origem de suas ações, ou, nas palavras do próprio autor:

> "Ele não é, na verdade, causa, origem, ou ponto de partida do fenômeno da articulação escrita ou oral de uma frase; não é, tampouco, a intenção significativa que, invadindo silenciosamente o terreno das palavras, as ordena como o corpo visível de sua intuição; não é o núcleo constante, imóvel e idêntico a si mesmo de uma série de operações que os enunciados, cada uma por sua vez, viriam manifestar na superfície do discurso." (FOUCAULT, 1969, p. 109).

Ainda segundo Foucault (1969), a posição de sujeito é um dos quatro critérios necessários para a identificação de um enunciado. Em relação ao conceito de enunciado, o autor defende que este é uma função de existência, que pertence aos signos e, para que ele apareça, é necessário, além da posição de sujeito, a existência de outros três requisitos: de uma materialidade repetível, de um referencial e de um domínio associado ou campo associado[27]. Em consonância com o referido autor, o enunciado não está para um ato enunciativo, nem para uma estrutura lingüística, nem mesmo está no nível de objetos quaisquer, que se apresentam como imediatos; já que ele não se trata de uma unidade. O enunciado é, de fato, uma função de existência que corta um domínio de estruturas e de unidades possíveis e exige um conjunto de regras específicas. Ainda segundo Foucault (1969), o enunciado mantém com a posição de sujeito uma relação determinada que se deve isolar, isso porque o enunciado é marcado pela posição de sujeito. É, portanto, principalmente por meio da identificação da posição de sujeito, que se verifica o funcionamento da função enunciativa.

---

[27] Como o foco deste trabalho não é o enunciado em si, mas a posição de sujeito, não explicitaremos cada um desses elementos. Para uma descrição minuciosa dos mesmos, indicamos a leitura do texto "A função enunciativa", em Foucault (1969). Salientamos ainda que a noção de enunciado de Foucault não é utilizada em nossas análises porque consideramos que para tratar de enunciados, no sentido foucaultiano, necessitaríamos de um *corpus* bem mais abrangente.

Ainda sobre o conceito de posição de sujeito, Foucault (1969) afirma que ela é uma dimensão indiferente ao tempo e ao espaço. Em suma, a posição de sujeito é plural, vazia e determinada e o sujeito é o da ordem do discurso.

Neste capítulo, daremos uma atenção especial à identificação das diferentes posições de sujeito nas quais Leocádia aparece inscrita. Verificamos, por meio das análises, duas posições de sujeito: Santa-Puta e Santa.

3.3. Leocádia: Santa-Puta

Nas diferentes materialidades analisadas, Leocádia aparece inscrita na posição de sujeito santa-puta. Trata-se de uma posição de sujeito que representa uma entidade divina. Vejamos, então, os excertos abaixo nos quais Leocádia aparece inscrita na referida posição de sujeito:

> 1. "**LEOCÁDIA não pudera evitar os caprichos da carne e, ao perder a virgindade, tratou de fugir de casa.** O pai não a expulsara como fazia todos os pais. Viera Leocádia para a vila de Beija-Flor em companhia **de um amigo da família, procedente de Brejinho das Ametistas**. Morena da cor-de-uva-madura, tinha m ágoas no coração e tristeza nos olhos, e de vez em quando as lágrimas tênues lhe percorriam o rosto de uma beleza singular e doce. **Vivera em Beija-Flor nos anos de 1905 a 1908[28], quando fora morar na Rua das Sete Portas, já conhecida pelos machos da vila; lugar onde os homens jovens, ansiosos por mulheres fáceis, pagavam com pouco tostão os doces minutos de amor.** (...)
>
> Certa vez, ao sair de casa para lavar roupa nos tanques da Caiçara, **Leocádia foi subitamente agarrada por dois homens – Tião de Março e Marcolino – a mando de dona Raquel, que num crime sórdido, ordenou-lhes que matassem a pobre moça. Ela foi arrastada brutalmente para um matagal próximo, onde, depois de estuprada e sinistramente mutilada, cortaram-lhe um dos seios e jogaram-na, atada em blocos de pedras, em um poço ali existente.**
>
> **Foi Leocádia vítima da inveja selvagem de dona Raquel. O seu sofrimento, contudo, nos legou a tradicional visita de fé**

[28] De acordo com o excerto 14, Leocádia viveu no arraial de Beija-Flor de 1905 a 1908, um período contraditório as duas conhecidas datas de seu assassinato, constante em vários outros dados como 23 de fevereiro de 1890 e também como 23 de fevereiro de 1880.

> **nos dias de Finados e sextas-feiras da Paixão, à milagrosa Cova de Leocádia**." (COTRIN, 1994, p. 53–54, grifo nosso).

No primeiro período, a expressão "não pudera" indica uma impossibilidade por parte de Leocádia, o que relaciona a perda da virgindade muito mais a uma contingência, da ordem do inevitável, do que à livre vontade da jovem. No terceiro período, a informação de que Leocádia foi para vila de Beija-Flor com um "amigo da família" indica que a jovem já não era mais tratada como as outras jovens da sua idade, afinal, o fato de viajar sozinha com um homem é um forte indício acerca da reputação da moça, pois mostra que a família não tinha mais qualquer preocupação com sua honra. Por outro lado, quando, no excerto, lemos que Leocádia "tinha mágoas no coração e tristeza nos olhos", verificamos que a jovem aparece subjetivada no lugar da sofredora. Trata-se, portanto, de alguém que sofre, que não é feliz com a vida que tem: uma vítima da situação. Mas, em seguida, o excerto trata do lugar no qual Leocádia foi morar, a rua das Sete Portas e, nesse momento, verifica-se uma mudança de 'tom', pois não vemos mais a ternura com a qual Leocádia é descrita no período imediatamente anterior. As expressões referenciais usadas nessa parte do excerto comprovam a mudança de tom: machos da vila, mulheres fáceis, pouco tostão. Trata-se, neste caso, de expressões que materializam, em alguma medida, o ambiente no qual Leocádia foi morar, um ambiente contraditório para uma jovem que tinha "uma beleza singular e doce".

Ainda sobre o excerto 1, na parte final, verificamos que o sofrimento de Leocádia, com destaque para o momento do seu assassinato, funcionou como elemento de transição entre uma jovem de vida marginal, que morava longe dos pais e em um ambiente promíscuo, e uma entidade divina. Vejamos mais detidamente o referido trecho: "o seu **sofrimento**, contudo, **nos legou a tradicional visita de fé** nos dias de Finados e sextas-feiras da Paixão, à **milagrosa Cova de Leocádia**". Destacamos a preposição 'de', por ela exercer uma função adjetiva específica de posse atribuída a Leocádia. Temos então, "a milagrosa Cova de Leocádia", em que o adjetivo milagrosa concede ao local do assassinato da jovem um valor de sagrado. Diante disso, há, portanto, o funcionamento de dois momentos diferentes em Leocádia. O primeiro momento refere-se à Leocádia viva, quando a referida jovem é apresentada como alguém de conduta moral duvidosa, uma vez que, além de morar em uma rua onde ficavam os bordéis da vila, e de ter viajado na companhia de um homem com o qual não era casada, recebeu um presente de um homem casado, fato que culminou no seu violento assassinato. Já o segundo momento mostra

Leocádia como uma entidade divina, simbolizada por sua milagrosa cova. Daí, termos uma puta e uma santa, melhor dizendo, uma Santa-Puta.

Santas-Putas são comuns no Brasil, Calavia Sáez (1996) e Fagundes (1984) discutem sobre essas santas-prostitutas e, em suas análises, as associam ao arquétipo da Pombagira[29].

De acordo com Prandi (1996), a umbanda foi a religião que desenvolveu e sistematizou o culto à Pombagira. Tal entidade corresponde, segundo ele, ao espírito de uma mulher que em vida teria se comportado como uma prostituta ou uma elegante cortesã, capaz de dominar homens por suas proezas sexuais. Nesse sentido, a Pombagira é uma entidade plural. Existem diversas versões sobre histórias de Pombagira, porém, ainda segundo o referido autor, todas elas convergem para representação de mulheres relacionadas à prostituição, condição que, segundo o autor, permitiu a esses espíritos um profundo conhecimento sobre a sexualidade. Prandi (2008) mostra a existência de uma multiplicidade de identidades relacionadas à Pombagira, dentre elas: Rainha, Maria Padilha, Sete Saias, Maria Molambo, Pombagira das Almas, Dama da Noite, Sete Encruzilhadas. Os estudos deste autor mostram ainda que apesar de a Pombagira ser considerada por muitos como uma entidade perigosa e feiticeira, trata-se de uma personagem muito popular no Brasil, requisitada frequentemente para solucionar problemas relacionados ao amor e à sexualidade. Segundo Prandi (2008), isso acontece por causa da relação que a Pombagira teve com a prostituição. Nas palavras do próprio autor:

> "(...) é justamente essa condição que permitiu a ela um total conhecimento e domínio de uma das mais difíceis áreas da vida das pessoas comuns, que é a vida sexual e o relacionamento humano fora dos padrões sociais de comportamento aceitos e recomendados. Assim, acredita-se que Pombagira é dotada de uma experiência de vida real e muito rica que a maioria dos mortais jamais conheceu, e por isso seus conselhos e socorros vêm de alguém que é capaz, antes de mais nada, de compreender os desejos, fantasias, angústias e desespero alheios." (PRANDI, 2008, p. 15).

[29] A Pombagira é, com base em Prandi, uma entidade espiritual, presente no candomblé e na umbanda. Trata-se de um exu feminino, ou exu-mulher, cujo nome deriva do exu Bongbogirá dos candomblés africanos. O termo exu nomeia dezenas de espíritos de homens e mulheres que em vida tiveram uma biografia socialmente marginal. Na concepção umbandista, exu é um espírito do mal, um demônio, que trabalha na linha da esquerda, aquela que é capaz de conceder qualquer tipo de pedido, diferentemente dos orixás, que trabalham na linha da direita, e que são relacionados aos santos católicos.

As histórias de Santas-Putas brasileiras, apresentadas por Fagundes (FAGUDES, 1984 *apud*, CALAVIA SÁEZ, 1996) e que foram associadas à Pombagira, se assemelham à história de Leocádia, em especial por causa de dois elementos basilares: ciúmes e morte trágica. A esse respeito, vejamos a seguinte citação:

> "Conta Fagundes que Maria do Carmo, de São Borja, era cultuada já nos anos 30. Com as informações que ele recolheu sobre a sua vida, poderia-se elaborar vários relatos: era branca, mulata ou negra aça – quer dizer, de traços negros mas com cabelos e olhos claros –; era prostituta, ou senão uma mulher promíscua, que freqüentava vários amantes, sobretudo na nutrida guarnição militar alocada na cidade. Era brasileira ou era castelhana, e em qualquer caso, não de São Borja. Segundo alguns, muito dada a beber cachaça e a fumar, porém bondosa e amiga de pobres. Assassinada, enfim, ao que parece por causa de ciúmes, e depois esquartejada, seu corpo foi encontrado numa campa, meio devorado pelos cães.
>
> Izabel Guapa, era também prostituta – "uma baita puta!" enfatiza um dos informantes; "Era prostituta dona de bataclã!", explica outro. Era também castelhana – uruguaia – bondosa e respeitadora de mulheres descentes. Levava uma vida luxuosa, sendo amante de um rico fazendeiro local. A mulher deste, ciumenta, a fez assassinar por um miciliano, ajudado ao que parece também por um irmão miciliano. O crime não foi investigado, mas vinte anos depois, a filha da amante, nascida apenas um ano antes do homicídio, foi morta por sua vez a tiros pelo noivo, ao sair do cinema, sem razão aparente. A partir de então se desenvolveu um culto intenso a Isabel, milagrosamente vingada.
>
> Maria degolada é cultuada em um bairro periférico de Porto Alegre. Havia sido mulher ou amante de um cabo da brigada militar, lá pelos anos 20, mas para alguns informantes, era prostituta. O cabo, ciumento e dissimulado, convidou-a um dia a um churrasco, embaixo de um figueira, no topo da colina onde se encontra agora o bairro, um lugar muito freqüentado por casais furtivos. Comeram e beberam e depois o brigadiano pegou Maria pelos cabelos e degolou-a com uma faca. Foi por esse fato julgado e condenado; e junto da figueira começou a se aparecer Maria Degolada em forma de luz ou de mulher, vestida de branco, gemendo e chorando. Começaram a ascender-lhe velas e lhe fazer pedidos, aos quais atende contanto que não sejam brigadianos. Alcança hoje uma ampla popularidade que chega a lugares longínquos, como o Rio de Janeiro." (CALAVIA SÁEZ, 1996, p. 32-33).

As personagens brasileiras Maria do Carmo, Izabel Guapa e Maria degolada ocupam uma mesma posição de sujeito, a de santa-puta. Trata-se de um lugar que pode ser ocupado por diferentes sujeitos mulheres, que durante a vida passaram por algum tipo de drama relacionado à sexualidade, elas foram, em especial, amantes e/ou prostitutas – razão pela qual são relacionadas com a Pombagira – e que, somente após a morte, passaram, justamente pelo que viveram, a poder ocupar a posição de sujeito santa-puta. A inscrição de Leocádia nessa posição de sujeito também pode ser verificada no excerto 2[30].

> 2. "Aproximavam agora do cruzeiro e no largo, grupos de homens em pé, de chapéus nas mãos, observaram o cortejo. **Os rapazes fixavam Leocádia e algumas moças se achando menosprezadas por eles torciam os rotos, sentido-se feridas, no mais profundo de suas dores. Ah! Ferir a vaidade feminina é abrir uma brecha para nunca mais cicatrizar. Algumas delas já viam naquela jovem o calcanhar de Aquiles para suas vidas. Daí, não faltarem dentre elas as menos bondosas para descalçarem seu caráter com calúnias, predizendo o que ela haveria de ser de ruim no futuro e, ou que na verdade era uma hetaira se fazendo de santa.** Por que certas pessoas têm que passar por tantos problemas na vida? Não vejo lógica em predestinação. Aliás, O Criador é justo demais para permitir tal coisa. O que há é um mistério em volta disto, para que o homem não venha compreender sem galgar as escadas de Jacô.
>
> Enquanto umas punham as pedras ao pé da cruz, outras despejavam suas águas. **Ao se abaixar Leocádia para descer o pote, uma moça diz:**
>
> **- Cê tá rezando pra chuver ou pra os home oiar pro cê?**
>
> **- Tô rezando pra Jesus mandar chuva.**
>
> **- Pra moiar mais a sua roupa e os home ver seu corpo? – Pergunta a mesma moça, para espanto de Leocádia, que não sabia o que responder.**
>
> **- Respeita, atrevida! Tu não tá na tua casa não!**
>
> **Era Sa Rumana que veio em defesa de Leocádia, ao vê-la atacada pela inveja maldosa daquela moça.** Meu Deus, por que são feias? Por que são belas? Cantavam agora ajoelhadas em volta da cruz, em sinal que estavam chegando ao fim daquela penitência. Penitência que faziam várias vezes por ano e que terão muitos anos de estiagens pela frente para fazerem. O nordestino é um eterno penitente. Mas como o ouro só se purifica com fogo,

[30] O excerto 2 também foi utilizado no capítulo 2, em uma versão menor, como excerto 7, no momento em que tratávamos das manifestações religiosas exercidas ao pé do cruzeiro.

> talvez seja esta a maneira mais viável para ele se purificar." (GUIMARÃES, 1991, p. 51, grifo nosso).

Segundo a afirmação presente no excerto acima "Leocádia era uma hetaira se fazendo de santa". Tal afirmação é, segundo o locutor do texto, proferida pelas jovens caracterizadas como "menos bondosas". Hetaira e santa, substantivos com funcionamentos semanticamente opostos, mas que se relacionam intimamente com a posição de sujeito santa-puta. Na discussão descrita no excerto, uma personagem anônima, insinua, por meio de uma pergunta, o comportamento libidinoso de Leocádia no meio de um ritual religioso: "- Pra moiar **mais** a sua roupa e os home ver seu corpo?". O advérbio de intensidade "mais" indica que a roupa de Leocádia já estava molhada e que servia, naquele momento, como atrativo para os rapazes. Logo em seguida, observa-se uma mudança de 'tom', Leocádia que era tratada como uma moça libidinosa, capaz de atrair a atenção dos rapazes, passa a ser apresentada como vítima da inveja alheia, é o que se verifica no trecho que corresponde à resposta da senhora Sa Rumana à moça sem identidade: "- Respeita, atrevida! Tu não tá na tua casa não! Era Sa Rumana que veio em defesa de Leocádia, ao vê-la atacada pela inveja maldosa daquela moça." Segundo a narrativa, Leocádia atraía o interesse dos rapazes e isso irritava as outras jovens, que sentiam inveja dela, uma situação verificada também no seguinte trecho do excerto 2: "Os rapazes fixavam Leocádia e algumas moças se achando menosprezadas por eles torciam os rotos, sentido-se feridas, no mais profundo de suas dores. Ah! Ferir a vaidade feminina é abrir uma brecha para nunca mais cicatrizar."

Como vimos na história de Leocádia, apresentada no **capítulo 1 no tópico 1.5. Primeiras considerações sobre Leocádia**, o seu assassinato ocorreu por causa do ciúmes que Dona Raquel tinha do seu marido, o coronel José Pedro Dias Guimarães, com o ápice em torno do vestido dado a Leocádia pelo marido dessa senhora. Uma situação conflituosa que se relaciona a mostrada no excerto 3.

> 3 "Lá dentro, muito além, onde os sonhos encontram o infinito, **repousava adormecido o espírito angelical daquela moça que, inocente, estava condenada á morte**, sem ter nenhum Hipérides como defensor. Aliás, como numa antítese da vida, **enquanto este despiu Frinéia para que não a condenassem, outro, muito tempo após, vendo a nudez de uma pobre, veste-a, para condenarem-na**." (GUIMARÃES, 1991, p. 79, grifo nosso).

Desligada do mundo profano, no instante em que estava dormindo, a imagem de Leocádia remete, no primeiro momento do destaque, a uma entidade sacra, isto é, a alguém que tem um "espírito angelical". Seu corpo, por sua vez, simboliza a imagem de uma inocente condenada à penalidade máxima: a morte. Além disso, por causa do vestido que havia ganhado, Leocádia é relacionada a mais famosa prostituta de todos os tempos: Frinéia.

Frinéia era em vida uma prostituta, a mais conhecida hetaira da Grécia no século IV, antes da era cristã. Considerada, na época, como a mulher mais bela do mundo, ela fazia parte da categoria das prostitutas responsáveis por atender a classe mais alta da sociedade. Para ser uma hetaira, a mulher tinha que atender a requisitos: ser bela, culta, de procedência nobre (CAVALCANTE, 1990)[31]. Sua beleza era cultuada pelos gregos, que desejavam se relacionar com aquela famosa mulher. Eutias pretendia se relacionar com ela, mas, ao ser recusado por Frinéia, resolve se vingar e formula graves denúncias contra a referida prostituta. Tais acusações a levam ao tribunal. Hipérides, advogado e amante da ré, não conseguindo responder de maneira convincente às acusações, resolve, num último ato, tirar a roupa de Frinéia no meio da corte. Nua, diante do juiz e dos promotores, ela é absorvida por unanimidade. Isso porque todos concordaram que um corpo tão belo e tão perfeito não poderia guardar um coração maldoso, feio e/ou indiferente. O momento de seu emblemático julgamento é, ainda hoje, tema de estudos de diversas áreas do conhecimento, em especial, da área jurídica[32]. Tal momento também foi descrito em versos – poema intitulado "O julgamento de Frinéia", no livro **Sarças de fogo** – por Olavo Bilac. Abaixo, o referido poema:

O Julgamento de Frinéia.

Vai ser julgada. Um véu, tornando inda mais bela
Sua oculta nudez, mal os encantos vela.
Mal a nudez oculta e sensual disfarça.
Cai-lhe, espáduas abaixo, a cabeleira esparsa…
Queda-se a multidão. Ergue-se Eutias. Fala,
E incita o tribunal severo a condená-la:

[31] Cavalcante (1990) discorre, em seu artigo, sobre a prostituição na Grécia e dedica um espaço especial ao caso de Frinéia, uma prostituta, que por causa da sua beleza, se destacava em relação a todas as outras existentes na época.

[32]O julgamento de Frinéia é abordado sob a perspectiva jurídica em: MARINHO, Inezil Penna. **Grandes Julgamentos da Grécia Antiga**: Aspásia-Sócrates-Frinéia: organização judiciária de Atenas e noções de direito processual ateniense. Brasília. Horizonte, 1978.

‘Elêusis profanou! É falsa e dissoluta,
Leva ao lar a cizânia e as famílias enluta!
Dos deuses zomba! É ímpia! É má!’ (E o pranto ardente
Corre nas faces dela, em fios, lentamente…)
‘Por onde os passos move a corrupção se espraia,
E estende-se a discórdia! Heliastes! Condenai-a!’

Vacila o tribunal, ouvindo a voz que o doma…
Mas, de pronto, entre a turba Hipérides assoma,
Defende-lhe a inocência, exclama, exora, pede,
Suplica, ordena, exige… O Areópago não cede.
‘Pois condenai-a agora!’ E à ré, que treme, a branca
Túnica despedaça, e o véu, que a encobre, arranca…

Pasmam subitamente os juízes deslumbrados,
Leões pelo calmo olhar de um domador curvados:
Nua e branca, de pé, patente à luz do dia
Todo o corpo ideal, Frinéia aparecia
Diante da multidão atônita e surpresa,
No triunfo imortal da Carne e da Beleza.

Em vida, Frinéia pousou para Praxíteles. Este, tendo o corpo da bela prostituta como modelo, esculpiu a sua mais famosa estátua de Vênus.

Discussões que mostram o sagrado/profano por meio dos sentimentos amorosos, personificados no gênero feminino, como ocorre nos casos descritos – Leocádia, Frinéia, Maria do Carmo, Izabel Guapa e Maria degolada – têm no quadro de Tiziano o ápice do simbolismo artístico.

Figura17, quadro “Amor Sagrado, Amor Profano” 1514, de Tiziano (1490 – 1576).

A interpretação atualmente aceita da pintura é aquela do século XVIII, quando as personagens femininas foram analisadas em conjunto com os elementos com os quais elas se relacionam. O quadro celebra o casamento do veneziano Nicolò Aurélio com a jovem viúva Laura Bagarotto. Quando o quadro foi concluído, no início do século XVI, acreditava-se que a mulher vestida representava o amor sagrado e a desnuda o amor profano, mas ao relacioná-las com outras informações presentes na própria obra, refinou-se o entendimento sobre a pintura, pois outros indícios, além da simples oposição entre nudez e vestimenta, contribuíram para a consolidação dessa outra leitura.

Trata-se de duas mulheres sentadas sobre um sarcófago, que funciona como uma fonte. A da esquerda está vestida de noiva, segurando um vaso com moedas de ouro, e um ramo de flores, e tem ao seu lado uma torre de castelo, símbolo do poder terreno. A da direita representa Vênus, que levanta seu braço ao céu segurando uma tocha ritual acesa, ao seu lado há uma torre de igreja, indicando espiritualidade. Ela está nua, pois representa a pureza, não tendo nada a esconder. Ao centro, um cupido revirando a água, símbolo da vida, dando unicidade às duas figuras.

3.4. Leocádia: Santa

Leocádia também aparece inscrita na posição de sujeito santa. Na religião católica, santo é aquele que foi canonizado pela Igreja depois de sua morte, momento em que o sujeito não tem mais como pecar. Para ser santo é necessário passar por um processo de canonização, para o qual é necessário, além de outros requisitos, a confirmação de três milagres atribuídos ao investigado. Em outras religiões cristãs, como a protestante, por exemplo, não existe tal processo de canonização. Nesses casos, o termo ‘santo’ funciona não como uma entidade espiritual, mas como um adjetivo referente àquele indivíduo que vive conforme a lei de Deus, um/a homem/mulher santo/a. De fato é corrente o uso da palavra santo para caracterizar uma pessoa exemplar, de conduta irrepreensível, mas, nos textos que se referem à personagem Leocádia, tal palavra tem um forte teor religioso católico. No que se refere aos supostos milagres atribuídos à Leocádia, eles serão apresentados no próximo capítulo, abaixo, um excerto em que Leocádia aparece inscrita na referida posição:

> 4 "**Leocádia Mito ou Santa? Confio na sabedoria popular. Que afirma ter recebido graça. E vai sempre acreditar.** Que de todos mistérios desta terra. Há um, no qual tudo se encerra. **Deus está onde a gente imaginar**." (TEIXEIRA b, 1990, p. 19 grifo nosso).

No excerto 4, constata-se, pela pergunta do primeiro período, uma relação dualista entre Leocádia como **Mito**[33], palavra entendida no cotidiano como algo falso, não verdadeiro, e Leocádia como **Santa**, entidade divina capaz de conceder milagres. Nos três períodos seguintes, identifica-se uma resposta a essa pergunta, que pode ser entendida da seguinte maneira: no saber popular, Leocádia é uma santa. Destacam-se três palavras, cada uma de um período, que conduzem a esse entendimento; as palavras são: **confio, afirma, acreditar**. Em "confio na sabedoria popular", fica posto que o saber construído popularmente é verdadeiro, afastando-se, assim, da idéia de que só os saberes institucionalizados são portadores da verdade. O verbo afirmar em "que afirma ter recebido graça" sustenta a inscrição de Leocádia na posição de sujeito santa, porque ela foi capaz de conceder graça, ou seja, de realizar milagres, algo que somente as entidades reconhecidamente divinas são capazes de fazer. Por fim, em "vai sempre acreditar", vemos que o verbo 'acreditar', precedido do advérbio 'sempre', reforça a inscrição de Leocádia na posição de sujeito santa. Vale salientar que os três verbos estão, em alguma medida, relacionados à 'sabedoria popular', afinal é esta que 'afirma' e que 'vai sempre acreditar'. No último período, "Deus está onde a gente imaginar", há o entendimento de que Deus está presente em vários campos de saber, o que promove uma validação do discurso religioso de Guanambi, em que Leocádia é vista como uma santa.

Como verificado no segundo capítulo, Leocádia é uma personagem que aparece frequentemente nas narrativas que tratam da religiosidade da cidade. Abaixo estão excertos que já foram apresentados no capítulo anterior, porém, com outra finalidade. Neste momento, atentamos para a posição de sujeito na qual Leocádia aparece ocupando.

> 5 "Por arbustos e arvoredos, Circundada a cova está. **Velas, flores, lhe ofertam**... **E promessas vão pagar. Pelo muito que sofreu, Feliz no céu deve estar**." (MEIRA, s/d, p. 43, grifo nosso).

[33] De acordo com Eliade (1994), o mito na acepção usual do termo representa 'fábula', 'invenção', 'ficção', ao contrário da interpretação creditada a ele nas sociedades arcaicas, em que tal palavra designava uma 'história verdadeira'. Atualmente a palavra mito – *mythos* – denota tudo "o que não pode existir realmente". (ELIADE, 1994, p.8).

> 6 "É comum **encontrar à beira do sepulcro litros com água postos pelos devotos, a fim de que a mesma receba o poder de cura dado por Leocádia, pois há uma crença entre muitos que ela se tornou Santa**." (GUIMARÃES, 1991, p. 90, grifo nosso).
>
> 7 "**Um santuário a céu aberto. Hoje existe naquele lugar**. Uma forte visitação pública. E um mistério singular. Porque este nome é tão forte? Porque desde a sua morte? Tanta gente vai lhe visitar?" (TEIXEIRA 1990b, p. 19, grifo nosso).
>
> 8 "**Um santuário a céu aberto**. Cravado no meio do mato. Aos pés de um grande cruzeiro. Á sombra de um imbuzeiro. Indicando o lugar exato. Leocádia foi o nome." (TEIXEIRA, 1990b, p. 04, grifo nosso).

A expressão "um santuário a céu aberto" é um período inteiro que aparece repetido – excertos 7 e 8 – e que se refere ao túmulo de Leocádia, que , no excerto 5, é apresentada como uma sofredora. O termo santuário faz referência a um lugar que tem um tratamento diferenciado, considerado um território sagrado. Trata-se, portanto, de um ambiente em que as manifestações ocorridas giram em torno da religiosidade. Nesse local, Leocádia é reverenciada como uma santa, recebe **flores, velas** e **pagamento de promessas**, como mostra o excerto 5.

No excerto 6, Leocádia também aparece inscrita na posição de sujeito santa. Ela é adorada pelos seus devotos que depositam, frequentemente, ao lado do seu túmulo, litros de água, símbolo da vida, bem precioso e escasso naquela região. O gesto de depositar água no túmulo de Leocádia remete a um ritual necessário para que essa água se torne milagrosa, segundo a narrativa local. Isso porque, nessa perspectiva, acredita-se que, próximo ao túmulo de Leocádia, esse líquido receberá o poder de cura.

Abaixo, mais excertos nos quais Leocádia encontra-se inscrita na posição de sujeito santa.

> 9 "**Leocádia, a santa do povo**." (MEIRA, s/d, p. 43, grifo nosso).
>
> 10 "A putrefação do corpo. Estava adiantada. Não voltando ao arraial. Lá mesmo foi enterrada. **Tem feitos muitos milagres. Mas não é canonizada**." (MEIRA, s/d, p. 43, grifo nosso).
>
> 11 "Para muitos, **Leocádia tornou-se uma santa e o seu túmulo até hoje é visitado nos dias de sexta-feira da Paixão e**

> **Finados**." (Secretaria Municipal de Educação, 1996, p. 20, grifo nosso).
>
> 12 "Do outro dia em diante, era grande o número de curiosos que ia à Caiçara comprovar a veracidade de que se comentava na Vila sobre os três tanques do lajedo grande. De volta, uns diziam que seus formatos antes eram ovalados; outros, que eram redondos, mas todos concordavam na forma de caixão que passaram a ter. Com isso, a crendice popular acentuou-se tão rápida, que **de tanto se fazer promessas à menina Leocádia para serem cumpridas na sua sepultura, o local passou a ter o seu nome e ser considerado sagrado por todos os moradores. Tão sagrado, que, como numa procissão, pra lá foram todos na sexta-feira santa.** E, enquanto **uns ajoelhados cumpriram suas promessas,** outros, ao redor da sepultura, cantavam em dueto." (GUIMARÃES, 1991, p. 90, grifo nosso).

No destaque do excerto 12, verifica-se novamente a noção de sagrado no local onde está o túmulo de Leocádia, pois nele ocorrem manifestações religiosas, os devotos fazem promessas e procissões. Além disso, vemos que "o seu túmulo até hoje é visitado nos dias de sexta-feira da Paixão e Finados", como mostra o excerto 11. Trata-se, nesse caso, de uma prática religiosa que remete à tradição da visita que os católicos fazem aos mortos nos dias de finados, conhecido também como 'dia dos mortos' e 'dia dos fiéis defuntos'. Vale ressaltar que a visitação aos mortos nos dias de finados não é uma prática difundida em todos os segmentos cristãos, ela não acontece, por exemplo, entre os evangélicos. Isso porque, a oração aos mortos está no livro **II Macabeus**[34], que não está contido na Bíblia dos evangélicos protestantes[35]. No referido livro da Bíblia, versão católica, a oração aos mortos acontece quando Judas, no momento da coleta dos corpos, assassinados na batalha entre árabes e judeus, oferece moedas em sacrifício ao pecado cometido pelos mortos, acreditando na ressurreição destes.

A visita ao túmulo de Leocádia na sexta-feira santa mostra, de certa forma, que a referida jovem está inscrita na posição de sujeito santa. Isso porque, tal data, também conhecida como

---

[34] "Então fizeram uma coleta individual, reuniram duas mil moedas de prata e mandaram a Jerusalém, a fim de que fosse oferecido um sacrifício pelo pecado. Ele agiu com grande retidão e nobreza, pensando na ressurreição. Se não tivesse esperança na ressurreição dos que tinham morrido na batalha, seria coisa inútil e tola rezar pelos mortos. Mas considerando que existe uma bela recompensa guardada para aqueles que são fiéis até a morte, então esse é um pensamento santo e piedoso. Por isso mandou oferecer um sacrifício pelo pecado dos que tinham morrido, para que fossem libertados do pecado." (II MACABEUS 12:13-45)

[35] A Bíblia católica possui sete livros a mais que na Bíblia da Contra Reforma, utilizada por protestantes, bem como evangélicos. Os livros são: Tobias, Judite, Sabedoria, Baruque, Eclesiástico, I e II Macabeus.

sexta-feira da paixão, simboliza a morte/ressurreição de Jesus Cristo e, mesmo os visitantes sabendo que o dia da morte de Leocádia não coincide com a sexta-feira santa, já que é outra data que está estampada na cruz posta em seu túmulo e no cruzeiro de cimento, ela é visitada no mesmo dia em que ocorreu o martírio de Jesus Cristo. Essa aproximação comemorativa remete a uma prática religiosa realizada em devoção a Jesus Cristo.

O fato de Leocádia não ser canonizada não impede que ela esteja ocupando a referida posição de sujeito, já que ela "tem feito muitos milagres", excerto 10; sendo "a santa do povo", excerto 9.

É comum nos excertos a expressão 'tornou-se santa' que remete à personagem de Leocádia, como vemos nos excertos 6 e 11. Nesse caso, verifica-se o seguinte pré-construído: para ser santo/a é necessário passar por uma transformação proporcionada pela morte. A morte, enquanto símbolo, é aspecto perecível de existência, mas ela é também e, principalmente, o que nos permite constituir um outro lugar. No sentido esotérico, a morte é entendida como uma mudança profunda.

Existem várias histórias de diferentes santos católicos, pessoas que durante a vida eram conhecidas por características como bondade, generosidade, religiosidade, humildade, sofrimento, beleza. Em várias narrativas que abordam Leocádia, ela é descrita semelhantemente. Afirmam que ela era uma religiosa, situação que já foi mostrada ao longo desta dissertação, que foi vítima, sofredora, trabalhadora, bonita, bondosa. Vejamos mais a esse respeito nos excertos abaixo:

> 13 "A **pobre vítima**, ignorando o tenebroso plano arquitetado por Dona Raquel para o seu assassinato, foi lavar a própria roupa nos pequenos "caldeirões" da "Caiçara", nas proximidades do arraial; ali **ela foi fria e barbaramente assassinada, seu cadáver mutilado, atado a blocos de pedra, atirado dentro do 'caldeirão'!**" (TEIXEIRA, 1967a, p.69).

> 14 "Meu Deus, **que judiação. Pobre moça morreu inocente**." (TEIXEIRA, 1990b, p.16, grifo nosso).

> 15 "Quando **foi brutamente atacada, morta e o seu corpo jogado num poço. Seu seio foi retirado e entregue à D. Raquel**." (SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, 1996, p. 20).

> 16 “Sabiam que Leocádia e Sa Joana **não tinha condições de alimentarem bem.** As duas **viviam de lavagem de roupa** e segundo Dionízio, **de quando em vez, Leocádia mandava algum dinheiro para sua mãe**.” (GUIMARÃES, 1991, p 51).
>
> 17 “E **suave porque transmitia a pureza de um coração bom e nobre**.” (GUIMARÃES, 1991, p 36).
>
> 18 “A **beleza daquele rosto era maior, porque sua palidez fazia um misto de pureza, de candura e de fragilidade**.” (GUIMARÃES, 1991, p 51).

Os excertos 13, 14 e 15 dizem respeito ao momento do assassinato de Leocádia. Tal momento é enfatizado no excerto 13 por meio do ponto de exclamação, sendo o referido assassinado descrito como um ato de grande violência: “ela foi fria e barbaramente assassinada, seu cadáver mutilado, atado a blocos de pedra, atirado dentro do ‘caldeirão’”. No excerto 15, o assassinato é tratado de forma semelhante ao excerto 13, ou seja, descrito com violência: “(Leocádia) foi brutamente atacada, morta e o seu corpo jogado num poço.”. Já no excerto 14, o assassinato é tratado de maneira comedida: “morreu inocente.”. Contudo, o fato de Leocádia ser descrita como “uma pobre vítima”, excerto 13; “pobre moça”, excerto 14; e “inocente”, também no excerto 14, reforça o sentimento de crueldade do assassinato. Leocádia é uma vítima não só da situação, o que refere ao seu assassinato, mas também de uma vida cruel, cheia de privações. Ela sofria, porque, como mostra o excerto 16, não tinha uma alimentação adequada, vivia da lavagem de roupa, e, quando tinha algum dinheiro, mandava para a sua mãe. Nesse sentido, segundo tais descrições, ela era uma vítima que sofria muito por não ter uma vida digna, mas que, mesmo assim, era bondosa, pois pensava primeiro no próximo, aqui representado pela mãe. A imagem de bondade atribuída à Leocádia encontra-se materializada também no excerto 17, no qual ela é descrita com ternura, como alguém que “era suave porque transmitia a pureza de um coração bom e nobre”. No excerto 18, vemos ainda que a bondade e a ternura de Leocádia são associadas a sua beleza.

Verifica-se que essa posição de sujeito, a da jovem pura, simples, batalhadora, sofrida, religiosa etc., está presente na história de muitos santos católicos. É comum a história de personagens devotos, bondosos, sofridos, vitimados. Trata-se de versões diferentes de um mesmo. A esse respeito, mostramos, sucintamente, a história de Santa Leocádia de Toledo, uma

santa católica pouco conhecida no nordeste, mas que nomeia ruas de importantes cidades do Brasil, como Rio de Janeiro e São Paulo.

Santa Leocádia é a padroeira da cidade de Toledo na Espanha. Ela era cristã, bonita e de família nobre. Durante a perseguição de Diocleciano, imperador que caçava cristãos, a jovem Leocádia foi capturada e, mesmo após ter sido interrogada e torturada, continuou afirmando sua crença em Cristo. Na prisão, ela fez com as próprias unhas uma cruz na parede. Ela faleceu no dia 9 de dezembro de 304.

A história da Santa Leocádia da Espanha é muito semelhante à de Leocádia de Guanambi, ao menos no que se refere à beleza, à inocência, à religiosidade e ao sofrimento. Isso alimenta a existência de uma espécie de estereótipo de santidade e que, para estar nesse lugar, Leocádia de Guanambi teve que ser inserida nesse estereótipo[36]. Talvez por isso as narrativas sobre ela sejam contadas dessa forma e não de outra. Constrói-se, assim, discursivamente uma imagem de uma Leocádia santa, tão santa que a sua história é semelhante à de tantos outros santos.

3.5. Considerações Reminiscentes

Neste capítulo, verificamos que Leocádia aparece inscrita em duas posições de sujeito: Santa-Puta e Santa.

A primeira posição de sujeito versa sobre uma entidade divina e pode ser ocupada por sujeitos mulheres, que, necessariamente, durante a vida passaram por algum tipo de drama relacionado à sexualidade e que, somente após a morte, podem estar inscritas nesse lugar. O modo de viver que essas mulheres tiveram sustenta a relação delas com outra entidade: a Pombagira. Para ocupar a posição de sujeito santa-puta é necessário ainda que a(s) mulher(es), após a morte, isto é, a partir do momento em que não pertence(m) mais ao mundo natural, seja(m) capaz(es) de realizar milagres. Como visto, a referida posição de sujeito é ocupada por

[36] O termo ‘estereótipo’ surge relacionado ao campo da tipografia e diz respeito a algo que é “impresso com placas cujos caracteres não são móveis, e que se conservam para novas tiragens” (Larousse, 1875 *apud*. AMOSSY & PIERROT, 2005, p. 30). A palavra ‘estereotipo’ liga-se, portanto, à idéia de rigidez, pois supõe algo que não se modifica, que é fixo, cristalizado. O estereótipo no sentido de esquema ou de fórmula cristalizada aparece no século XX e se converte em um centro de interesse para as ciências sociais desde os anos 20 do referido século

vários indivíduos mulheres como Maria do Carmo, Izabel Guapa, Maria degolada, bem como Leocádia.

A segunda posição de sujeito em que Leocádia encontra-se inscrita é a posição de sujeito Santa. Trata-se do mesmo lugar ocupado pelos santos católicos. Para que a posição de sujeito santa seja ocupada é necessário atender a requisitos que, assim como na posição de sujeito santa-puta, dizem respeito a dois momentos; o primeiro momento corresponde à vida do sujeito, e o segundo diz respeito ao pós morte. Em vida, o sujeito, neste caso, homem e/ou mulher tem que possuir algumas características relacionadas ao estereótipo de santidade como: bondade, generosidade, beleza, religiosidade, humildade. Além disso, a história de vida do personagem é, de alguma forma, marcada pelo sofrimento. Por outro lado, quando mortos, esses sujeitos, que atendem aos requisitos acima descritos, devem também ser capazes de realizar milagres. Só assim, atendendo aos dois requisitos é que o indivíduo pode ser inscrito na referida posição.

Ambas as posições de sujeito em que Leocádia aparece subjetivada dizem respeito a entidades cultuadas. No próximo capítulo, intitulado **Lugar e Fé**, priorizar-se-á o espaço no qual acontecem às manifestações de fé à Leocádia e essas manifestações. Dessa forma, conjectura-se entender o funcionamento da fé em torno da referida personagem.

4. Lugar e Fé

4.1 Breves Considerações

Este capítulo apresenta um estudo sobre as manifestações de fé à Leocádia e o espaço no qual essas manifestações são exercidas. A área em questão é um espaço constituído pelo caldeirão, buraco no qual foi encontrado o corpo de Leocádia, bem como pelo lajedo que o contém, e pelo terreno que compreende o túmulo da jovem, além dos arredores, o que inclui os sepultados, o cruzeiro de aroeira e o de cimento. Todo esse espaço é atualmente conhecido pelo nome 'Leocádia' e se destaca em relação ao meio no qual está inserido, um ambiente tomado pelo mato, com uma pequena estrada precária de terra que lhe dá acesso. Leocádia (espaço) compreende cinco posições heterogêneas: o túmulo, o caldeirão, os sepultados, o cruzeiro de aroeira e o de cimento; posições significantes que funcionam, de acordo com Foucault, como em uma heterotopia (conceito operacional de Foucault que será explicitado no próximo tópico). Nesse específico espaço – Leocádia –, que não é vazio, nem irreal, mas que se apresenta como aquele que possui um sentido construído socialmente, há uma concentração do exercício das manifestações religiosas.

4.2 Sobre heterotopia

Foucault (1984) diz que não vivemos em um espaço vazio e nem homogêneo, e sim em um espaço que se apresenta carregado de qualidades, que contém diferentes posições que se relacionam. O referido autor também chama a atenção para a relação do espaço com a época em que vivemos, época, ainda segundo o autor, do simultâneo, da justaposição, do próximo e do longínquo, do lado a lado e do disperso.

Para Foucault (1984), o espaço pode ser definido como utopia ou, heterotopia. O primeiro desses conceitos diz respeito ao espaço sem um lugar real, lugares que não são efetivados na realidade e que são, portanto, essencialmente irreais. O segundo se constitui como absolutamente diferente do primeiro, trata-se dos lugares reais, lugares efetivos, delineados na própria instituição da sociedade. É a heterotopia, nomeado pelo autor em oposição à utopia, que conferimos maior atenção. Isso, porque são nesses lugares, em si mesmos heterogêneos, que nós sujeitos nos situamos.

Foucault (1984) discorre sobre a leitura de diferentes heterotopias e, nesse processo, nomeado por ele de *heterotopologia*, o referido autor mostra seis princípios que dizem respeito a esses lugares.

O primeiro princípio é que a heterotopia é uma constante, existem heterotopias em qualquer parte do mundo. Mas isso não significa dizer que elas se apresentam necessariamente de formas idênticas, seguindo o modelo de uma forma de heterotopia universal; em verdade, as heterotopias assumem variadas formas.

O segundo princípio diz respeito ao fato de que cada heterotopia tem um funcionamento preciso e determinado no interior da sociedade, e ainda, segundo Foucault (1984), a mesma heterotopia pode, segundo a sincronia da cultura na qual ela se encontra, ter um ou outro funcionamento. Isso significa dizer que, um mesmo lugar pode se relacionar com diferentes grupos e adquirir e mostrar qualidades diferentes a depender do grupo com o qual está em relação.

O terceiro princípio é que a heterotopia tem o poder de justapor em um só lugar, vários posicionamentos que são em si incompatíveis. Isso diz respeito à notável característica que tem a heterotopia de ser heterogênea, de poder se constituir de posicionamentos diferentes uns dos outros.

O quarto princípio é que as heterotopias se relacionam com recortes do tempo. Essa relação do espaço com o tempo pode se efetivar por meio da acumulação do tempo e, nesse caso, diz respeito às heterotopias eternizadas, que enceram em um mesmo lugar diferentes épocas, como é o caso dos museus e das bibliotecas; a relação com o tempo também pode se efetivar diferentemente, não mais com o tempo em sua eterna continuação, mas com o tempo em suas múltiplas passagens, uma relação que se mostra sob a forma da festa, isto é, dos atos comemorativos, como, por exemplo, as feiras, e que, por sua vez, dizem respeito às heterotopias crônicas. Entre as heterotopias eternizadas e as heterotopias crônicas, existem aquelas capazes de unir ambas, são as heterotopias de saberes imediatos (relação com as crônicas) e construídos historicamente (relação com as eternizadas).

O quinto princípio é que as heterotopias dizem respeito a um sistema de abertura e fechamento que, simultaneamente, as isola e as torna penetráveis. Isso significa dizer que as heterotopias são recortadas, ou seja, que elas se diferenciam uma das outras e do resto do espaço e também que elas não são locais cristalizados, rígidos, incapazes de agregar valores.

O sexto e último princípio mostra que as heterotopias têm uma função. Esta, ainda segundo Foucault (1984), se desenvolve entre dois pólos extremos. O de um espaço que cria um espaço de ilusão; o do espaço que cria um espaço real, bem-disposto, perfeito e meticuloso, em oposição ao nosso espaço, confuso e desorganizado. O primeiro diz respeito ao pólo da heterotopia de ilusão; o segundo, ao da heterotopia de compensação.

Diante de tudo isso, tomamos Leocádia (espaço) como uma heterotopia e o analisamos como tal. Ressaltamos, inicialmente, que não se trata de uma escolha teórico-metodológica arbitrária. No imaginário popular, Leocádia (espaço) compreende uma área física onde estão: o túmulo de Leocádia; o caldeirão, bem como o lajedo; os sepultados, pessoas enterradas no terreno próximo ao referido túmulo; o cruzeiro de aroeira, que fora instalado inicialmente como fundação de Beija-Flor; e o cruzeiro de cimento, que foi presente de um devoto à Leocádia. Tal área se destaca, por contraste visual, do resto do espaço. Devido principalmente às manifestações religiosas no local e à importância da personagem Leocádia para a história do município de Guanambi, tal ambiente foi decretado como sendo de utilidade pública.

> “Fica declarado de Utilidade Pública para efeito de desapropriação parte de um imóvel de propriedade de Sr. Vitor Hermenegildo Cardoso de Castro, constante de uma área de terra medindo 3.0

> (três) hectares, correspondente a área do lajedo e do túmulo de Leocádia, no Município de Guanambi.” (Art. 1º, DECRETO Nº 352 DE 30 DE MARÇO DE 2007).

Apesar de o Decreto Nº 352/2007 de Guanambi estipular que a área de utilidade pública é aquela que possui três hectares e que compreende o lajedo e o túmulo de Leocádia, o espaço ainda não foi demarcado. Por essa razão, não se sabe qual o tamanho da área que compreende especificamente o túmulo de Leocádia e, sem saber o comprimento dessa margem, não é possível afirmar se os sepultados, o cruzeiro de aroeira e o de cimento, que ficam ao redor do referido túmulo, são beneficiados pelo decreto. Sendo assim, neste trabalho, consideramos o espaço Leocádia como aquele que é conhecido popularmente, composto pelas posições anteriormente citadas.

Como abordado, a heterotopia apresenta seis princípios, quais sejam: existência real, funcionamento determinado, capacidade de agrupar diferentes posições, relação com o tempo, sistema de abertura e fechamento e possibilidade de criar um espaço que se desenvolve entre o pólo da heterotopia de ilusão e o da heterotopia de compensação. O espaço Leocádia, como uma heterotopia, revela, portanto, os mesmos princípios.

Leocádia, como dito, é um espaço recortado no imaginário popular e que corresponde a uma materialidade física, isto é, a algo que existe. Trata-se de um local que dista seis quilômetros do centro de Guanambi, que é envolvido por mato, que tem uma precária estrada de terra, que lhe dá acesso; enfim, o local é uma forma de inscrição na realidade, o que responde às exigências do primeiro princípio da heterotopia. Como vimos ao longo desta dissertação, tal espaço foi construído após o assassinato de Leocádia. Diferentes elementos que se relacionam com Leocádia, como a maneira como ela foi morta, o sentimento de consternação pela história da referida jovem, a sua condição de trabalhadora[37], o destino que seus algozes tiveram, são todos requisitos presentes na Leocádia cultuada (santa e santa-puta) e que, em conjunto com as

[37] A possibilidade de Leocádia ter sido uma prostituta não afasta a idéia de ela ser uma trabalhadora. Leocádia veio para a antiga Guanambi trabalhar na construção de uma represa e, no momento do seu assassinato, ela estava no caldeirão lavando roupas. Para poder fazer tal lavagem, Leocádia tinha que andar por quilômetros, carregando uma trouxa pesada de roupas na cabeça, desde a rua marginal em que morava até o referido caldeirão, passando por um caminho de terra conturbado, com ladeiras, mato, pedras e tendo que se desviar também de animais de grande porte, visto que o gado era criado à solta na época, o que, a depender da situação e do animal, pode ser perigoso. Enfim, era necessário percorrer um caminho árduo para exercer uma atividade ordinária, o que reforça a definição de Leocádia como uma jovem trabalhadora.

manifestações religiosas e com os monumentos de caráter religiosos, presentes atualmente no local, imprimem um sentimento religioso à referida heterotopia. Dessa forma, tal espacialidade possui um funcionamento específico em Guanambi, pois, além de comportar os devotos de Leocádia, o lugar em si mesmo mostra tal devoção, como determina o segundo princípio da heterotopia.

Leocádia compreende cinco posições diferentes. A primeira posição que mostramos é a do caldeirão do lajedo, no qual foi encontrado o corpo de Leocádia violentado, sem um dos seios, e em avançado estado de putrefação. O caldeirão simboliza o sofrimento maior de Leocádia e também o sofrimento dos nordestinos, pessoas que possuem uma vida de privações em decorrência principalmente da seca. Por sempre comportar água, símbolo da vida, o caldeirão acolhe os nordestinos de Guanambi em períodos de crises, simbolizando, assim, também esperança. É comum, nos dias de romaria, devotos levarem para suas casas um pouco da água desse caldeirão e, também, molharem seus pés e, em especial, seus cabelos, principalmente as mulheres, isso porque, Leocádia é vista como uma bela jovem, de cabelo comprido e bonito, e muitas das devotas molham seus cabelos com essa água acreditando que eles fiquem ou continuem ficando bonitos.

O túmulo de Leocádia é outra posição e se relaciona diretamente com a primeira, já que, assim como no caso do caldeirão, ele foi marcado pelo acontecimento do assassinato de Leocádia, que foi enterrada, tendo o local sinalizado pelo referido túmulo. É neste túmulo que as manifestações religiosas estão concentradas. Nele, os devotos ascendem velas, fazem orações, rezas, pedidos, agradecimentos, ofertam flores, coroa de flores, dinheiro, água. Depois do enterro de Leocádia, outras pessoas foram sepultadas nas proximidades do túmulo dela. Algumas desses túmulos são identificados, como vimos anteriormente, no **capítulo 2**, apenas por meio de singelos sinais. O conjunto desses sepultados é a terceira posição, que perde em destaque para o túmulo de Leocádia, o de referência. Este último é protegido por um cercado de madeira e arame farpado, e dentro dessa área, foi instalado, por um devoto de Leocádia, um cruzeiro de cimento como forma de agradecimento. Em torno desse cruzeiro de cimento, que simboliza a fé e a gratidão em/a Leocádia, também se ascendem velas, fazem-se orações, rezas, pedidos. Mesmo aquelas pessoas que não são devotas de Leocádia, mas que moram próximo ao local, que é distante do cemitério da cidade, vão ao referido cruzeiro nos dias de finados para ascender velas em homenagem àqueles próximos que já estão mortos. Além desse cruzeiro, quarta posição, há

um outro, de aroeira, quinta posição, que fora posto inicialmente no centro de Beija-Flor, conforme discutido no **capítulo 2**, no tópico **"O cruzeiro"**. Atualmente, o cruzeiro de aroeira está localizado próximo ao túmulo de Leocádia. Todas essas diferentes posições constituem juntas, segundo o terceiro princípio de heterotopia foucaultiano, a heterotopia intitulada Leocádia.

Ainda em relação ao espaço Leocádia, este se relaciona com diferentes recortes do tempo, no sentido tanto de acumulação como de comemoração, como mostra o quarto princípio. Esse espaço mostra o assassinato de Leocádia, que aconteceu no final do século XIX, e mostra também a época das grandes romarias e a das romarias atuais.

A romaria é o mais grandioso ritual coletivo de fé e acontece em todas as sextas-feiras santas e dias de finados. Contam os devotos, em pesquisa de campo realizada nos anos de 2006, 2007, 2008, 2009 e 2010, que, anteriormente, as romarias contavam com a presença de várias pessoas, pois, toda a cidade de Guanambi se encontrava em Leocádia. Também, se faziam presentes pessoas provenientes de localidades vizinhas, de algumas fazendas, distritos e pequenas cidades da região. As romarias eram um grande evento, que começava antes do sol nascer e durava o dia inteiro. As pessoas, além de prestarem homenagem à Leocádia, levavam seus lanches e permaneciam no lugar, no qual encontravam muitos conhecidos, alguns, amigos de longa data. Essas romarias se caracterizavam não apenas pelo sentido religioso, mas também por funcionarem como ponto de encontro. Durante muitas décadas, foi dessa maneira que as romarias se constituíam. Diante do significativo número de pessoas, surgiu à necessidade de se construir barracas, nas quais eram vendidas comidas de todo tipo, frutas, carnes, bolos, pães, bebidas alcoólicas ou não, além de velas e demais artigos religiosos.

Depois da construção das barracas e da consequente circulação de comerciantes, além dos já presentes fiéis, o evento, que já era grande, ficou ainda maior. O crescimento desordenado trouxe consequências. Era cada vez mais frequente o número de pessoas embriagadas, de confusões, de brigas. Devotos afirmam que era comum as pessoas subirem no lajedo, conduzindo motos e bicicletas, o que provocava vários acidentes. Para muitos, as romarias ficaram perigosas e desrespeitosas. Foi então que ocorreu uma queda brusca da quantidade dos devotos que, ainda durante a madrugada, eram os responsáveis por darem início ao evento. A ausência desses fiéis inibiu a presença de muitos outros. Dessa forma, as barracas, bem como os supostos desordeiros, desapareceram.

Atualmente, a romaria é realizada por pequenos grupos. Antes das cinco horas da manhã, já é possível encontrar em Leocádia grupos formados por parentes, amigos e/ou vizinhos, que fazem suas manifestações de fé e, logo após, vão embora. Durante todo o dia, nos dias de sextas-feiras santas e de finados, há uma movimentação de grupos de fiéis que chegam ao local e, pouco depois de cumprido o ritual místico-religioso, que compreende o ato de ascender velas; a oferta de flores e de coroa de flores, além da água e do dinheiro no túmulo de Leocádia; o pagamento de promessas; as orações, os pedidos e as rezas; o ato de subir no lajedo para visitar o caldeirão, recolher um pouco dessa água, lavar os pés e os cabelos; vão embora. O movimento é intenso no período da manhã, principalmente antes das 10 horas. Poucos são os que aparecem próximo ao meio dia e no final da tarde praticamente não há nenhum movimento. A esse respeito, vale ressaltar que Leocádia não possui iluminação pública e que se trata de um local ermo. Nos anos de 2006, 2007, 2008, 2009 e 2010, uma média de seiscentos devotos, a maioria habitante dos bairros circunvizinhos (Brasília, Caiçara e Vila Nova), compareceu à Leocádia para participar dessa nova forma de romaria.

Como dissemos, Leocádia é um lugar de destaque que se configura como um ambiente religioso. O contraste visual com o resto do espaço é notável, isso o faz diferente e isolado em aparência, pois, apesar de possuir fronteiras historicamente delimitas, Leocádia se abre à capacidade de agregar valores e de ter valores modificados. Nesse sentido, Leocádia, o espaço, responde ao quinto princípio da heterotopia, conforme apresentado em Foucault (1984).

Leocádia (espaço) apresenta-se envolvido por uma atmosfera religiosa, mostrando-se como um espaço de acolhimento, um local seguro, capaz de transmitir apoio, conforto, esperança para aqueles com os quais está em relação, os devotos de Leocádia. É assim, ao se mostrar, que ele, apenas matéria, cria um espaço outro de ordem religiosa. Trata-se, nesse caso, da materialização do sexto princípio da heterotopia, princípio este que diz respeito, justamente, à função do espaço heterotópico. É nesse último espaço, que vagueia entre a ilusão e a compensação, que os devotos de Leocádia realizam suas manifestações religiosas. Assim, por meio de muitas dessas manifestações se estabelece uma relação entre os devotos e Leocádia, e, conseguintemente, entre esses devotos e o espaço Leocádia. Sobre essas manifestações, em especial sobre as dádivas, discorremos no tópico abaixo.

4.3. A coisa dada não é inerte

No sistema circular que compreende o dar, o receber e o retribuir, intitulado por Mauss (1950) de “Sistema de Prestações Totais”, faz-se presente uma moral, que segundo o referido autor, apoiado nas suas conclusões sobre o estudo das trocas nas sociedades arcaicas, ainda funciona em nossas sociedades. Devido ao fato de a atuação desse sistema não se limitar as esferas econômica, religiosa, jurídica, mitológica etc., Mauss (1950) o chama, por isso mesmo, por ser social, de totais.

Para elaboração de tal sistema, o autor analisa, com base em um estudo sobre a forma e a razão das trocas em sociedades representadas por diversas tribos e clãs da Índia, Polinésia, Melanésia, América do Norte (Alasca, Austrália), Alemanha, China e outras, as diferentes relações constituídas nas trocas de variados bens, que ocorrem entre homens de uma mesma tribo, entre homens pertencentes a tribos diferentes e, ainda, entre homens e deuses. Nesse sistema, as trocas não se referem apenas às coisas úteis economicamente e que, por sua vez, dizem respeito aos bens móveis e imóveis; são trocados também favores, visitas, amabilidades, banquetes, ritos, serviços militares, mulheres, crianças, danças, festas, feiras e muito mais. Dessa forma, em meio à amplitude de coisas trocadas, a circulação de riquezas é apenas um dos muitos termos de um contrato geral e duradouro. Nesse sentido, mais do que um simples mecanismo de troca, os “Sistemas de Prestações Totais” dizem respeito a uma maneira de viver socialmente.

Segundo Mauss (1950), é por meio do dar, do receber e do retribuir que se estabelece uma aliança indissolúvel entre as partes desse ‘contrato’. As prestações e contraprestações desse sistema funcionam de uma forma aparentemente voluntária, entretanto, no fundo, todas elas são rigorosamente obrigatórias, normatizadas pelo coletivo. Ainda segundo o autor, de acordo com o referido sistema, quando um presente (uma dádiva) é dado, ele tem que ser, necessariamente, recebido e retribuído, ao mesmo ou a terceiro(s), sob pena de guerra privada ou pública entre as sociedades, por ele, estudadas. É assim que as tribos mantinham a paz entre elas, por meio de uma aliança construída pelas dádivas, era assim também que o chefe de uma tribo era ou não reconhecido, pois quanto mais dádivas ele recebia, mais autoridade ele possuía. Era assim também, por meio das dádivas, que se selavam e ainda se selam os casamentos.

A dádiva é simultaneamente a obrigação de dar, de receber e de retribuir. Esta última funciona de duas maneiras diferentes a depender das partes envolvidas. Se o presente foi dado por um homem, à retribuição, imediata ou não, tem que ser necessariamente maior do que o quê

foi recebido. Isso porque tal sistema não se restringe apenas ao caráter devolutivo, a uma simples reação ingênua, ele possui outras questões implicadas como a gratidão, submissão, honra etc., mas em especial a competição. O momento da retribuição é o instante em que o outro tem de se mostrar, de se mostrar grato, submisso, a altura, superior. Mauss (1950) desenvolve principalmente as relações constituídas entre os homens por meio da dádiva. Diante da existência, por ele exaltada, da competição nesse sistema de trocas entre os homens, fica confortável entender os motivos da afirmação do autor quando ocorre o envolvimento dos deuses. "(...) Os deuses que dão e retribuem estão aí para dar uma coisa grande em troca de uma pequena (MAUSS, 1950, p. 208). A retribuição dos homens aos deuses não acontece semelhantemente àquela dos homens a outros homens, visto que entre homens e deuses não se presume uma disputa, ambos são de naturezas diferentes e os deuses são consolidados como superiores. Sendo assim, não há sentido do homem tentar se mostrar superior, utilizando como meio uma dádiva comparativamente maior, mas nem por isso os homens estão isentos em retribuir. Isso acontece não só porque, segundo Mauss (1950), não é da natureza humana ficar em débito, mas principalmente porque há uma necessidade estabelecida de sua retribuição, caso contrário reina o entendimento de que a dádiva dada quando encerrada naquele que foi presenteado, ou seja, quando a dádiva não é retribuída, ela pode vim a fazer um grande mal. Há, dessa forma, um temor em torno das dádivas, em que elas mesmas são a certeza de que serão retribuídas.

Quando analisamos a religiosidade em torno de Leocádia, principalmente no que diz respeito aos seus devotos e às manifestações religiosas realizadas por eles, podemos verificar muitas das características do "Sistema de Prestações Totais", conforme explicitado por Mauss (1950). No caso dos fiéis de Leocádia, vemos funcionando, principalmente, o temor e a aliança constituída entre as partes, neste caso entre os devotos e Leocádia.

Para mostrar como se dá tal relação de troca, recorremos, inicialmente, ao caso de M. R. R.[38], uma devota de Leocádia, residente na zona rural do município de Palmas de Monte Alto, distante 42 quilômetros de Guanambi.

Em entrevista, concedida no dia seis de abril de 2007, dia de sexta-feira santa, ela conta, ao lado do túmulo de Leocádia, o seu caso de dádiva.

[38] Usamos as iniciais dos devotos entrevistados e as do nome das pessoas por eles citados como uma forma de preservação em torno deles. Ressaltamos que o nosso interesse nesta dissertação é o discurso religioso e não a identificação daqueles indivíduos que, de alguma maneira, fazem parte desse discurso.

Segundo M. R. R., há aproximadamente dez anos, ela sentiu fortes dores no dedo mindinho do pé direito, lugar onde surgiu um grande nódulo, fazendo, inclusive com que a unha do referido dedo caísse pouco tempo depois. Preocupada, ela resolveu ir ao médico. Durante a consulta, o médico a informou de que ela precisaria amputar o dedo e marcou o dia da cirurgia. M. R. R. conta ainda que a notícia da retirada do dedo a deixou abalada e que, ao chegar em sua casa, ligou o rádio e ouviu o depoimento de uma mulher que, após fazer uma promessa a "Santa Leocádia", se dizia curada de uma terrível dor no dedo do pé. Ao ouvir o referido depoimento, M. R. R percebeu imediatamente a semelhança com o seu problema e disse:

> - "Oh 'Santa Leocádia', me ajuda a sarar desse 'dedim' também, que eu vou te visitar todo ano. O ano que vem, se eu tiver sã do meu dedo e não precisar cortar, eu vou no túmulo da senhora. Vou ascender uma vela, ou duas, ou três ou quantas eu puder".

Confiante na promessa, ela não foi fazer a cirurgia. Seis meses depois, ainda segundo o relato da referida senhora, seu dedo do pé estava totalmente curado e sem nenhuma sequela. M. R. R. conta ainda que o tempo passou e que ela esqueceu da promessa que tinha feito. Dessa forma, a semana santa chegou e ela não se lembrou da referida promessa; além disso, ela estava aguardando a visita de sua irmã em sua casa. Na véspera do feriado da sexta-feira santa, ela disse que sentiu uma forte 'chuchada' no pé e de imediato falou:

> - "Vixe! Ohhh... a promessa que eu fiz com a 'Santa Leocádia'. Esqueci, nem comprar a vela dá tempo mais".

Ela ainda afirma que saiu à procura do marido, V. e disse-lhe:

> - "V.! Eu esqueci da promessa, agora eu tenho que ir chegue quem chegar".

O marido, segundo M. R. R., a respondeu:

> - "Não se preocupe mulher, que vai dá tudo certo, amanhã nós vamos pra Leocádia".

Na sexta-feira santa, pela manhã, M. R. R. vai para Leocádia e deixa sua irmã, que chegara de viagem, explicando a esta que precisava sair para pagar a promessa e que, por isso, não poderia mais passar o feriado da semana santa com ela, como havia planejado. M. R. R.

conta ainda que a sua irmã falou que ela pudesse ir e que não precisava ficar preocupada com a presença dela em sua casa e sem a sua companhia.

Desde então, todos os anos, há mais de uma década, M. R. R. viaja, segundo ela, três léguas, até Leocádia para ascender às velas. Abaixo, uma fotografia da informante. A foto não revela a totalidade do seu rosto, mas captura sua retribuição àquilo que ela acredita ser uma 'dádiva de Santa Leocádia'.

Figura 18, retribuição à dádiva a Leocádia.

A necessidade de retribuir a dádiva àquela que a concedeu, sob a pena de algum mal, está presente na narrativa de M. R. R, principalmente quando esta afirma que "ao sentir uma forte chuchada no dedo" lembrou-se, imediatamente, da suposta dádiva concedida por Leocádia. Verificamos, aqui, o temor da concretização de um mal que, segundo Mauss (1950), pode se manifestar por meio da própria dádiva se esta não for devidamente retribuída. É o que podemos notar neste caso quando M. R. R conta o ocorrido ao seu marido: - "V.! Eu esqueci da promessa, agora eu tenho que ir chegue quem chegar".

Há, ainda, outras questões relacionadas às dádivas e que podem ser verificadas na relação entre Leocádia e os seus devotos. De acordo com Mauss (1950), as dádivas constituem uma forte, intensa e duradoura relação entre as partes, relação esta que extrapola o temor e institui certas obrigações. A esse respeito, notamos, ainda em relação ao caso de M. R. R., que ela vai ao túmulo de Leocádia rigorosamente todos os anos. Nesse sentido, o sentimento de

obrigação, presente fortemente nos devotos de Leocádia, pode explicar, ainda, o porquê das constantes visitas à Leocádia.

Em pesquisa de campo, realizada durante os anos de 2006, 2007, 2008, 2009 e 2010, muitos dos participantes da romaria foram questionados sobre o porquê de irem à Leocádia e a resposta da grande maioria foi a seguinte: "Vim cumprir com a minha obrigação" ou "Primeiro a obrigação". Isso explica, inclusive, o fato de as visitas ocorrerem, principalmente, nas primeiras horas do dia. O vocábulo 'obrigação' traz consigo uma série de pré-construídos que apontam para uma memória, segundo a qual estar em Leocádia corresponde a um dever, muito provavelmente, um dever proveniente de uma troca. Nesse caso, Leocádia concedeu a dádiva e o devoto responde-lhe com atos de gratidão e de submissão[39].

A relação entre os devotos e Leocádia não se constitui, contudo, exclusivamente pelo dever/obrigação. A cruz de cimento ofertada por José Coerânea[40] à Leocádia mostra, para além da obrigação, também presente neste caso, um outro sentimento: a gratidão.

A história de José Antônio da Mota, vulgo José Coirânea, é relatada pelo seu neto V. M. Ele conta que tudo começou quando o seu avô caiu da mão francesa – pilar de madeira usado para sustentar uma construção, cuja extremidade superior lembra dedos da mão – quando estava trabalhando na construção do cinema de Guanambi. A queda afetou a sua coluna na altura dos ombros, ele, machucado, chegou em casa com a ajuda de dois amigos, Z. T. e um outro, que o carregava, cada um segurando-lhe verticalmente um dos lados do seu corpo. Era A. M. J., segunda mulher de José Coirânea, que estava em casa quando ele chegou, ela cuidou dele até a chegada de um médico. Ainda segundo o relato de M. V., quando o médico chegou à residência de José Coirânea, ele o examinou e disse para a sua companheira que a queda foi muito violenta e que ele não ia mais andar. Diante dessa situação, A. M. J. fez uma promessa para "Santa Leocádia", em nome de seu companheiro, dizendo que se ela o sara-se ele ia cuidar do seu túmulo. José Coirânea ficou curado e foi fiel à promessa feita por A. M. J.. Todos os anos, ele limpava o túmulo de Leocádia, bem como a área ao redor do mesmo. Ele fez isso periodicamente até o ano de sua morte. José Coirânea faleceu de causas naturais, com 106 anos de idade.

---

[39] Durante a pesquisa, houve também respostas, como: "É a minha primeira vez aqui" ou "Vim fazer companhia para minha *amiga/vizinha/etc.*", ou ainda "Vim porque *X* me trouxe". Ressaltamos, contudo, que esses casos representam uma minoria no conjunto das entrevistas.

[40] Somente neste caso, revelamos o nome do personagem, pois, esse nome já se encontra estampado no cruzeiro.

Ainda segundo o relato de seu neto, M. V., após o acidente José Coirânea nunca mais adoeceu, entretanto, como vestígio indolor da queda que levara, carregou, pelo resto da vida, um nódulo no meio das costas, na altura dos ombros.

Até aqui, o relato mostra mais um caso de devoção por obrigação. Contudo, o devoto José Coirânea não se limitava às obrigações com as quais estava comprometido pelo contrato estabelecido pela dádiva. Em meados de 1950, em dia de sexta-feira santa, ele organizou um cortejo à Leocádia (espaço) e, em procissão, levou um cruzeiro feito de cimento para doar a Leocádia, em sinal de gratidão. Neste cruzeiro, encontra-se grafada a seguinte mensagem: "Eterna Leocádia, recordações de José Coirânea". Abaixo, apresentamos uma foto do referido cruzeiro.

Figura 19, cruzeiro de cimento.

À direita da foto, está o cruzeiro de cimento, cercado por pessoas que ascendem velas e fazem preces. À esquerda, pouco mais ao fundo, está o túmulo de Leocádia, também cercado por pessoas que ascendem velas. Ainda à esquerda, só que em um plano anterior, encontra-se uma placa com a seguinte inscrição: "favor não fumar neste local". A proibição de fumar remete, entre outras coisas, à importância do local, que, apesar de público, é reservado e, supostamente por isso, deve ser respeitado.

O respeito à Leocádia e, consequentemente, ao seu túmulo pode ser constatado em diversas situações, como, por exemplo, nas constantes restaurações feitas em seu túmulo por

vontade de seus devotos. Entretanto, o respeito a essa posição não é, obviamente, universal. Em fevereiro de 2007, o túmulo de Leocádia foi vandalizado. Abaixo, mostramos a foto do túmulo destruído.

Figura 20, túmulo de Leocádia destruído.

Leocádia (espaço) é um lugar ermo e, em geral, só recebe visitações em dias determinados, sextas-feiras santas e dias de finados. Isso fez com que a maioria dos seus devotos não soubesse do ato de vandalismo. Contudo, as pessoas que habitam a região pouco populosa, com características rurais, sem pavimentação e nem energia elétrica, tiveram que conviver com o acontecido. A. N. morador dessa região e devoto de Leocádia custeou a reconstrução do túmulo dela. A referida obra foi feita em regime de mutirão na semana santa de 2007 pelos filhos de A. N. e demais vizinhos.

G. N., filho de A. N., foi quem, de posse das economias do pai, comprou os materiais necessários para a empreitada: tijolo, cimento, tinta. Segundo ele, em entrevista dada na manhã de sexta-feira santa, foram gastos ao todo R$ 150,00 reais para reconstrução do túmulo. O trabalhou de reconstrução ocorreu na semana santa, especificamente na terça-feira, dia três de abril de 2007, tendo início às seis horas da manhã. Segundo A. N., a empreitada durou o dia inteiro, com uma pequena pausa para o almoço. Eles se alimentaram ali mesmo, e o responsável

pela comida foi E. N., irmão de A. N., que a preparou em um fogão improvisado com dois tijolos, próximo ao túmulo.

Os filhos de A. N., junto com outros que moram próximo de Leocádia, limparam o local; capinaram toda a área ao redor do túmulo; consertaram a cerca em volta do jazigo; procederam à manutenção do cruzeiro de aroeira, fazendo uma amarração no ponto de encontro das hastes de madeira, que antes estavam frouxas; pintaram o túmulo, o cruzeiro de aroeira e o de cimento em tom de azul, destacando as inscrições do túmulo e do cruzeiro de cimento com tinta preta. Abaixo, apresentamos uma foto que mostra o resultado deste trabalho:

Figura 21: túmulo após a reconstrução.

Como dissemos, foi A. N. quem financiou a reconstrução do túmulo de Leocádia. Ele concedeu-nos uma entrevista em sua casa de pau-a-pique e chão batido, que fica próxima à Leocádia. Momentos antes da entrevista, ele se encontrava deitado em uma cama de madeira, cujas ripas estavam entrelaçadas por borrachas de pneu de bicicleta, simulando um colchão, uma imagem marcante, representativa do povo humilde e sofrido da região. Durante a entrevista, A. N. chama Leocádia de santa e afirma que vai fazer uma capela de Santo Antônio para ela. Além disso, ele diz que, quando morrer, quer ser enterrado ao lado de “Santa Leocádia”. A. N. tem dois filhos, que morreram ainda quando crianças, enterrados próximo ao túmulo de Leocádia, e assim como os demais sepultados, possuem seus lugares simbolizados apenas por singelas marcas no solo. Mais do que respeito e gratidão, casos como o de A. N. mostram a fé em Leocádia.

O espaço Leocádia passou por várias transformações ao longo desses mais de um século de existência, período que corresponde à época do assassinato de Leocádia, afinal, conforme apresentado ao longo desta dissertação, foi depois desse acontecimento inaugural que o local passou a ter uma importância, historicamente constituída, para o povo da região. Além do caldeirão e do túmulo de Leocádia, há no referido espaço, como já visto, outros sepultados e dois diferentes cruzeiros.

No início do ano de 2008, o cruzeiro de aroeira, que fora transferido para o local em época de romaria, foi visto no chão, com a base de madeira destruída pelo fogo. Em princípio, não se pode afirmar se o fato foi intencional ou se o fogo foi uma consequência das velas que comumente são acesas nas sextas-feiras santas e dias de finados. Abaixo, figura uma foto atual, feita em outubro de 2010, do referido cruzeiro.

Figura 22, cruzeiro de aroeira ao chão.

No primeiro plano, vemos, no chão, dois pedaços de madeira, que antes constituíam um único corpo, o cruzeiro. À esquerda, está a base de pedra que outrora funcionava como suporte para a grande cruz. Ao fundo, o túmulo de Leocádia e o cruzeiro de cimento, protegidos por um cercado. Vimos anteriormente, no **capítulo 2**, **tópico 2.6**, o referido monumento, de importância histórica e social, funcionando como um lugar de memória. Hoje, contudo, sua forma de inscrição não é mais a mesma. Não existe mais a grande cruz, ao menos não erigida na vertical, pois, o que ainda está de pé é somente a base de pedra que outrora a sustentara. Na referida base,

ainda se ascendem velas, mesmo sem a presença física do cruzeiro, e dessa forma, o ritual não deixa de ser realizado. O cruzeiro ainda se constitui como lugar em uma aparente ausência. Entretanto, não houve nenhuma movimentação de populares para a sua restauração. Poderiam tê-lo recomposto, poderiam unir novamente as suas hastes e colocá-lo em pé, fincando-o na terra, ou poderiam ainda aproveitar a base de pedra, que ainda resta, entretanto nada foi feito. Sendo assim, o cruzeiro continua no chão, isso mostra que ele não possui tanta representatividade quanto o túmulo de Leocádia, o que confirma a constatação feita no **capítulo 2**, **tópico 2.6**, quando tratamos da transferência do cruzeiro. Naquele momento, afirmamos que, ao lado do túmulo de Leocádia, o cruzeiro perde em importância, pois passa a ter uma posição coadjuvante; o monumento de destaque religioso é Leocádia, simbolizada pelo seu túmulo.

4.4. Considerações Reminiscentes

Neste capítulo, dedicamos ao estudo de Leocádia (espaço) e ao das manifestações religiosas que acontecem nesse ambiente e que, por sua vez, são realizadas pelos devotos de Leocádia.

Inicialmente tratamos do funcionamento de Leocádia (espaço) como heterotopia. Tal espaço real encontra-se recortado no imaginário popular e é formado por cinco posições diferentes: o caldeirão do lajedo, no qual foi encontrado o corpo de Leocádia violentado, sem um dos seios; o túmulo de Leocádia; os sepultados; o cruzeiro de aroeira e o cruzeiro de cimento. Todas elas são posições significantes, cujos sentidos a elas atualmente atribuídos foram construídos historicamente. Essas cinco posições se relacionam e juntas constituem um todo que se destaca do resto do espaço circundante. Leocádia espaço é um lugar ermo, que se apresenta envolvido por uma atmosfera religiosa, e que comporta os devotos de Leocádia e mostra, em si mesmo, as manifestações religiosas realizadas por eles. São, principalmente, por meio das periódicas romarias, que a religiosidade e a relação do referido lugar com o tempo são mostradas. Esses atos comemorativos revelam não só um acúmulo do tempo, ativando uma narrativa que diz respeito à história de Leocádia e a da religiosidade de Guanambi, como também revelam vários acontecimentos irrompidos após o assassinato de Leocádia. Assim, esse lugar, que vagueia entre a ilusão e a compensação, se fecha e se abre no que se refere a questões

religiosas, sociais, históricas. Acerca do estudo das primeiras, priorizamos as manifestações religiosas realizadas pelos devotos de Leocádia e que estão situadas na heterotopia em questão, dando uma especial atenção as dádivas trocadas entre Leocádia e seus devotos.

As dádivas, destaque constituinte do Sistema de Prestações Totais, longe de ser um simples mecanismo de troca, dizem respeito a um amplo sistema em que compreende, entre outras coisas, uma relação duradoura e intensa entre as partes, que neste caso são de naturezas diferentes formada de um lado por Leocádia e; de outro, por seus devotos. Tal relação implica, além de um temor, certas obrigações e sentimentos outros como submissão, gratidão, respeito. Sobre a forma como as romarias vem funcionando ultimamente, sendo elas as maiores manifestações coletivas de fé, pudemos notar, por meio das pesquisas de campo realizadas nos anos de 2006, 2007, 2008, 2009 e 2010, que o fato de elas se concentrarem nas primeiras horas da manhã, diz respeito principalmente à obrigação estabelecida entre os devotos em relação à Leocádia. Na aliança constituída entres as referidas partes, casos, analisados neste capítulo, como os de M. R. R., A. N., José Antônio da Mota, que dizem respeito a ações de sujeitos ordinários, mostram muitas das particularidades da relação em questão. Por meio dessas manifestações, a fé em Leocádia é vista de forma intensa. O cuidado que há com ela e, conseguintemente, com o seu túmulo, atesta a importância de Leocádia, personagem privilegiada nesta dissertação, na religiosidade de Guanambi.

5. Considerações Finais

Nesta dissertação, analisamos o funcionamento da religiosidade, verificando como esta é exercida na cidade de Guanambi, Bahia. Para tanto, priorizamos a figura e a história de Leocádia uma santa, segundo as narrativas da cidade.

Em nosso percurso teórico-metodológico, analisamos a gênese da fé do referido município e encontramos três momentos da religiosidade exercida na cidade. O primeiro compreende as celebrações em prol de Santo Antônio; o segundo momento, as manifestações religiosas realizadas ao pé do cruzeiro de aroeira; o terceiro, as manifestações religiosas à Leocádia, manifestações essas que persistem até os dias de hoje. Todos esses momentos dizem respeito a um funcionamento de uma religião, constituída por sujeitos religiosos ordinários.

No terceiro capítulo, aprofundamos nosso estudo sobre Leocádia, por meio da análise das posições de sujeito nas quais ela aparece inscrita. Vimos que os dados mostram a existência de duas posições de sujeito: Santa-Puta e Santa. Ambas dizem respeito a personagens divinas, cultuadas, referenciadas. A primeira posição de sujeito versa sobre uma divindade, posição de sujeito que pode ser ocupada por mulheres mortas e que durante a vida passaram por algum tipo de drama relacionado à sexualidade. A segunda posição de sujeito trata do mesmo lugar ocupado pelos santos católicos. Para ser sujeito desta última, é necessário estar morto e durante o momento que corresponde a sua vida, o sujeito, que neste caso pode ser homem e/ou mulher, deve possuir características relacionadas ao estereótipo de santidade. O estudo das posições de sujeito também nos levou a ver que, conforme defendem alguns estudiosos da religião, existe uma relação entre sagrado e profano e que, no que diz respeito à Leocádia, há um jogo discursivo que se constitui em meio a eles.

No quarto e último capítulo, fizemos um estudo acerca do lugar no qual as manifestações coletivas de fé, que dizem respeito à forma de lidar com o sagrado, não escapando a exclusão do

profano, se concentram. Partindo do conceito de heterotopia, conforme definido por Foucault (1984), vimos que o espaço Leocádia é constituído por diferentes posições, com destaque para o túmulo da referida jovem, pois este funciona como símbolo da presença de Leocádia e como centro de concentração das manifestações religiosas. Sobre estas últimas, com base no conceito de "Sistema de Prestações Totais", conforme elaborado por Mauss (1950), verificamos que a ocorrência das manifestações religiosas em Leocádia constitui e sustenta uma relação contratual e duradoura entre Leocádia e os seus devotos.

Em síntese, acreditamos que, ao discorremos sobre a história de Leocádia, por meio das referidas categorias de análise (sagrado/profano; lugares de memória; posição de sujeito; heterotopia; dádiva), aprofundamos, em certa medida, o estudo da religião, conferindo uma pequena contribuição para este vasto campo de estudos. Vale salientar, por fim, que **Memória e discurso religioso**: a fé na "Santa Leocádia" de Guanambi - BA apresenta a síntese dos resultados de uma pesquisa que se localiza em um campo amplamente interdisciplinar. Nesse sentido, devido à heterogeneidade do campo religioso, o presente trabalho, assim como muitas outras pesquisas com temas semelhantes, não produz respostas acabadas, mas contribui, assim esperamos, para a compreensão do fenômeno das manifestações de fé ocorridas em Guanambi, BA, em especial e, provavelmente, para outros semelhantes a este.

6. Referências Bibliográficas

AMOSSY, R.; PIERROT, A. H. **Estereotipos y clichés**. Trad. GÁNDARA, Lelia. 1ª ed. Buenos Aires: Eudeba, 2005. [1997].

Atos dos Apóstolos. In. Bíblia Sagrada. Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 1990.

BENEDICTS, Danilo Patrick Mascarenhas. **A fé e a religiosidade na cova de Pedro**. Ribeirão do largo – Bahia. 2007. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, Rio Grande do Norte, 2007.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas**: magia e técnica, arte e política. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 1999. [1979].

BILAC, Olavo. **Sarças de fogo**. Disponível em <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua000250.pdf>. Acesso em 14 de nov.

BOSI, Ecléia. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. 7ª. ed, São Paulo: Companhia das Letras, 1999. [1973].

CALAVIA SÁEZ, Oscar. **Fantasmas Falados**: mitos e mortos no campo religioso brasileiro. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

CANCLINI, Nestor García. **Culturas Híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. Trad. CINTRÃO, Heloísa Pizza; LESSA, Ana Regina. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo,1998.

CAVALCANTI, Ricardo da Cunha. Prostitutas na Grécia – Frinéia. In: **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, Editora Iglu, v. 1, n. 2, 1990.

CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano I**: artes de fazer. 4ª. ed. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

I Coríntios. In: Bíblia Sagrada. Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 1990.

II Coríntios. In: Bíblia Sagrada. Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 1990.

DURKHEIM, Émile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**: o sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Martins Fontes, 1996 [1912].

ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1994.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FAGUNDES, Antônio. As Santas prostitutas. Um estudo de devoção popular no Rio Grande do Sul. Dissertação de mestrado, Antropologia Social, UFRGS, Porto Alegre, 1984 *apud* CALAVIA SÁEZ, Oscar. **Fantasmas Falados**: mitos e mortos no campo religioso brasileiro. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do Saber**. 7ª. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004 [1969].

_____. Retornar à história. Termo In: MOTTA, M. B. da. (org.). **Ditos e Escritos II**: arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento. 2ª. ed. Trad. Elisa Monteiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008 [1972]. pp. 282-295

_____. Outros Espaços. Termo In: MOTTA, M. B. da. (org.). **Ditos e Escritos III**: estética: literatura e pintura, música e cinema. 2ª. ed. Trad. Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006 [1984]. pp. 411-422

Gênesis. In: Bíblia Sagrada. Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 1990.

GOMES, Benedito Teixeira. **Leocádia**: o filme. Guanambi, Bahia, [200-]. Vídeo.

GONZALEZ, Olegário Miguez. **Bem-aventurança em Santa Brígida**: uma comunidade sob a orientação de Pedro Batista. 2004. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-graduação em História. Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, 2004.

GONZÁLEZ, Olegário Miguez. **Pedro Batista**. Líder Messiânico de Santa Brígida. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, 1996

GUANAMBI, Prefeitura Municipal. **Origem do nome**. Disponível em <http://www.guanambi.ba.gov.br/?lk=6&tx=4>. Acesso em 15 de nov.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006 [1950].

_____. **Le cadres sociaux de la mémorie**. Paris: Édition Albin Michel, 1994 [1925].

_____. **La mémoire collective chez les musiciens**. Revue Philosophique, n.° 127, 1939. pp. 136-65.

IBGE CIDADES. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>. Acesso em 10 de ago.

KUJAWKSKI, Gilberto de Melo. **O Sagrado Existe**. São Paulo: Editora Ática, 1994.

LAFANE, Paulo**. Pedro Batista**: o conselheiro que deu certo. IRDEB. Salvador, Bahia, 1998.Vídeo.

Lucas. In: Bíblia Sagrada. Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 1990.

II Macabeus. In: Bíblia Sagrada. Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 1990.

Mateus. In: Bíblia Sagrada. Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 1990.

MUNIZ, Sérgio. **O Povo do Velho Pedro**. CERU. USP, São Paulo, 1967. Vídeo.

NORA, Pierre. **Entre a memória e a história**: a problemática dos lugares. Projeto Hitória. Nº 10, dez, 1993.

MARINHO, Inezil Penna. **Grandes Julgamentos da Grécia Antiga**: Aspásia-Sócrates-Frinéia: organização judiciária de Atenas e noções de direito processual ateniense. Brasília. Horizonte, 1978.

MAUSS. Marcel. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In. MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. Trad. NEVES, Paulo. São Paulo: Cosac Naify, 2003. [1950].

Pedro. In: Bíblia Sagrada. Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 1990.

PRANDI, Reginaldo. **Coração de Pombagira**. Folha de São Paulo. São Paulo. 30 mar. 2008. Caderno Mais.

_____. Pombagira e as faces inconfessas do Brasil. In: PRANDI, Reginaldo. **Herdeiras do Axé**. São Paulo: Hucitec, 1996. Disponível em <http://www.institutocaminhosoriente.com/images/Pombagira%20E%20As%20Faces%20Inconfessas%20Do%20Brasil%20-%20Reginaldo%20Pra%85.pdf>. Acesso em 14 de nov.

Provérbios. In: Bíblia Sagrada. Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 1990.

Reis. In: Bíblia Sagrada. Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 1990.

RICCEUR, Paul. **A Memória, a História, o Esquecimento**. Campinas: Editora de Campinas, 2007.

Romanos. In: Bíblia Sagrada. Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 1990.

SALOMÃO. O mais belo cântico de Salomão. In: **Cântico dos Cânticos**. In: Bíblia Sagrada. Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 1990.

II Samuel. In: Bíblia Sagrada. Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 1990.

SILVA, Edivania Gomes da. **Os (des)encontros da fé**: análise interdiscursiva de dois movimentos da Igreja Católica. 2006. Tese (Doutorado em Linguística) Programa de Pós-graduação em Linguística. Universidade Estadual de Campinas, Campinas. São Paulo, 2006.

SOUTO, Lucinda Carvalho. **Oralidade e Identidade Cultural**: a Memória de um povo e a criação de um Santo. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Comunicação Social/Jornalismo). Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, 2008.

I Tessalonicenses. In: Bíblia Sagrada. Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 1990.

TRÍAS, Eugenio. **Pensar a Religião**: o símbolo e o sagrado. IN. DERRIDA, Jaques; VATTIMO, Gianni (Orgs). A Religião. São Paulo: Estação da Liberdade, 2000.